

AS CRÔNICAS DE AEDYN

OS ESCOLHIDOS

Uma fantasia inesquecível

ALISTER
McGRATH



AS CRÔNICAS DE AEDYN

OS ESCOLHIDOS

Uma fantasia inesquecível

Alister McGrath

UNITED PRESS 
um selo editorial hagnoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McGrath, Alister E.

As crônicas de Aedyn : os escolhidos / Alister McGrath & Wojciech Nowakowski ; [ilustrações] Wojciech Nowakowski ; [tradução Eloísa Pasquini]. [Design da capa: Sara Molegraaf]
São Paulo : Hagnos, 2011.

ISBN 978-85-243-0438-5

I. Ficção inglesa I. Nowakowski, Wojciech. II. Título.

11-09235 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Originally published in the USA under the title: *Chosen Ones*

Copyright © 2010 by Alister McGrath

Translation copyright © 2011 by Alister McGrath

Translation by Eloisa Pasquini

Published by permission of Zondervan, Grand Rapids, Michigan. www.zondervan.com

Portuguese edition © 2011 by Editora Hagnos Ltda

Tradução:

Eloisa Pasquini

Revisão

Dominique M. Bennet

João Guimarães

Edna Guimarães

Adaptação projeto gráfico capa

B. J. Carvalho

Diagramação

B.J. Carvalho

Editor

Juan Carlos Martinez

1ª edição – Outubro de 2011

Coordenador de produção

Mauro W. Terrengui

Impressão e acabamento

Imprensa da Fé

Todos os direitos reservados para:

Editora Hagnos

Av. Jacinto Júlio, 27

04815-160 – São Paulo – SP

Tel: (11) 5668 5668

hagnos@hagnos.com.br

www.hagnos.com.br



Prólogo

Dez pequenos navios navegavam rapidamente pelos mares, procurando abrigo do desastre que engolira sua ilha. Homens, mulheres, crianças e animais olhavam para trás com medo. Além do rastro de espuma deixado por suas embarcações eles viam uma coluna de fumaça e cinzas subindo em direção ao céu, se espalhando pelo horizonte ao tocar a atmosfera. O brilho da luz e as chamas iluminavam as cinzas. Alguns passageiros choravam, com o vislumbre da devastação de sua terra natal.

Os que estavam no primeiro navio olhavam ansiosamente para o líder. Se alguém pudesse salvá-los, seria Marcus. Ele os havia alertado de um desastre que estava por vir, ele os apressara para fugir. Ele havia supervisionado a construção

dos navios e o carregamento dos mantimentos para a viagem. Contudo, ninguém sabia para onde iriam, se teriam algum destino além de um tûmulo nas águas. Nenhum dos grandes sábios jamais falara a respeito de terra além do horizonte sul. No entanto, esse era o rumo que Marcus havia estabelecido.

Dias se passaram sem nenhum sinal de terra. Marcus vigiava na proa, observando atentamente o vazio, tentando ocultar sua crescente ansiedade das pessoas que o rodeavam. Em algum lugar mais à frente tinha que ter uma ilha – uma ilha que não aparecia em nenhum mapa. Acima dele, as águias voavam em círculos, procurando sinais de terra. No entanto, nada surgira até aquele momento. Marcus queria saber, e já não era pela primeira vez, se estava errado. Mas ele endireitou os ombros e manteve os olhos fixos, no horizonte. Tudo dependia dele.

CAPÍTULO

1

Era uma vez uma velha casa na cidade inglesa de Oxford. Ela fora construída perto dos antigos muros da cidade, tinha hera crescendo sobre suas paredes de pedra, nas laterais das janelas, e era o tipo de lugar com muitos cantos escuros e escadarias obscuras. Nessa casa vivia um professor universitário, sua esposa e um velho gato malhado.

O interesse especial do professor era ler a respeito de antigas batalhas, tanto em terra como no mar. Seu escritório desorganizado estava repleto de quadros de batalhas navais famosas. O professor, na verdade, nunca estivera no mar, mas apreciava tudo o que a ele se relacionasse. Ninguém, portanto, ficou mais orgulhoso do que ele quando seu filho se tornou comandante da Marinha Real Britânica. Sua esposa era o tipo de vovó especialista em chás deliciosos e biscoitos. Ela possuía grandes bochechas redondas e um enorme colo para as crianças sentarem.

Certo dia, nem tanto tempo atrás, a casa estava toda em agitação com os preparativos para a chegada de dois visitantes especiais: seus netos. A mãe deles morrera havia menos de um ano, e com o pai em alto mar, eles precisavam de um lugar para passar as férias escolares. A esposa do professor passara a manhã colocando lençóis e cobertores ao sol, varrendo o chão, e tirando pó dos armários. O professor tinha passado a manhã escolhendo livros para deixar nos quartos dos hóspedes. Para Pedro, de 14 anos, ele havia escolhido a história das táticas da batalha de Trafalgar do almirante Nelson. Foi um pouco mais difícil encontrar um livro adequado para Júlia, de 13 anos, mas finalmente ele escolheu um ótimo livro sobre política grega antiga e deixou-o sobre seu criado mudo. Sua esposa viu quando ele colocou ao lado da cama de Júlia, um vaso de flores recém-colhidas do jardim e apressadamente o substituiu por um exemplar de *Alice no país das maravilhas*.

As crianças chegaram nessa mesma noite com todo o alvoroço costumeiro depois de uma longa viagem. Os dois foram muito abraçados e beijados, deixaram as suas malas, comeram diversos doces, e foram levados para os seus quartos. Pedro imediatamente desabou em cima de sua cama sem ao menos se preocupar em trocar de roupa, mas Júlia não estava cansada. Ela tomou banho, colocou uma camisola longa e sentou-se à beira da cama, escovando seus longos cabelos, distraída e

olhando pela janela para um jardim murado logo abaixo. Ela suspirou profundamente.

Em geral, ela e Pedro tinham permissão para ficar com amigos da escola durante esses períodos de férias enquanto seu pai estivesse ausente. Mas desta vez ele teria licença e viria vê-los. Ele disse na mensagem enviada que tinha algo para lhes contar. Então, Pedro e Júlia haviam sido avisados para irem direto do colégio interno para a velha casa em Oxford. O pai os encontraria assim que seu navio atracasse em Plymouth.

Júlia preferiria ter ido para a casa de Lucy Honeybourne, em Kent. Elas poderiam nadar juntas, e até mesmo fazer compras em Londres. Ela amava seus avós, mas eles eram tão...antiquados. Ainda bem que eles finalmente a tinham deixado em paz durante a noite. Ela guardou a escova de cabelo e se recostou no travesseiro, folheando vagarosamente o livro, *Alice no país das maravilhas*, e ouvindo o ronco do irmão pela parede.

Júlia, na verdade, não era muito ligada a Pedro. Ele era interessado em coisas que a entediavam, como máquinas, equipamentos eletrônicos e esporte, e como os dois tinham sido mandados para o colégio interno, raramente se viam. Mas ela admitiu para si mesma que até Pedro seria melhor companhia do que seus avós.

O seu pensamento congelou quando seus olhos se fixaram na velha porta de madeira trabalhada. Ela foi se abrindo lentamente, rangendo, até que um raio de luz invadiu o quarto. Mas no momento seguinte, ela relaxou. Scamp, o velho gato malhado, entrou e, correndo, pulou na cama ao seu lado.

– Oh, olá Scamp! Ela o levantou e fez cócegas em seu pescoço. O gato ronronou apreciando o carinho. Ambos estavam felizes por terem companhia. Júlia foi até a janela fazendo cafuné atrás da orelha dele, e olhou pelo vidro para o jardim murado, onde havia uma fonte que borbilhava delicadamente.



– Olhe esse jardim! – Scamp pressionou sua pata contra a fria vidraça e ronronou mais uma vez.

– Você não gostaria de explorá-lo? Mas não pode porque você é um gato que fica dentro de casa, não é?

Scamp não podia sair de casa para evitar a possibilidade de voltar com pulgas, pássaros ou camundongos recém-mortos. A avó de Júlia ficava horrorizada só de pensar em uma dessas criaturas vivas, ou mortas, entrando em sua casa tão bela e limpa. Ela também não queria que o Scamp se misturasse com os gatos comuns e rudes que viviam nas ruas. Ele poderia aprender maus hábitos.

Júlia deu um sorriso irônico. Pobre Scamp, sempre preso dentro de casa! De repente, algo se mexeu no jardim lá embaixo. Alguns pássaros se agitaram ao redor da fonte. Scamp imediatamente ficou em alerta, músculos tensos, olhando fixamente para os passarinhos lá no jardim. Júlia notou seu interesse no que havia lá embaixo.

– Você gostaria de ir lá fora e ter uma aventura, não gostaria? Bem, sinto muito, mas você não pode sair. Você terá que ficar aqui.

Júlia colocou o gato na cama e observou-o se aconchegar e adormecer. Certificando-se de que Scamp não iria segui-la, colocou suas pantufas azuis e desceu a escadaria de madeira que levava até o *hall*. Ela não estava cansada – ia,

então, explorar.

A casa estava tranquila e silenciosa, exceto pelo tique-taque do velho relógio de parede. Era a primeira vez que Júlia andava sozinha pela casa. Ela começou a investigar, dando uma olhada nos cômodos nos quais tinha certeza que não devia entrar. Deu uma olhada no escritório do seu avô. Que bagunça! Papéis por todo o chão e pilhas enormes de livros sobre sua escrivaninha. Parecia ter um modelo de barco a vela em cada prateleira do escritório. Fechou a porta silenciosamente e seguiu para a sala de visitas. Depois de meia hora, ela já tinha explorado todos os cômodos da casa. E agora? Ainda bem desperta, odiava a ideia de voltar para aquele quarto abafado.

Ela, então, foi para o corredor. Passou os dedos nos antigos painéis de madeira que forravam a parede. À sua esquerda estava a porta principal pela qual ela entrara mais cedo, quando chegou. Mas havia outra porta à sua direita, meio escondida por uma pesada cortina verde. Ela andou em sua direção e empurrou a cortina de lado. Será que essa porta a levaria para um porão? Ou para a rua? Júlia certificou-se de que Scamp não estava por perto e, devagarzinho, começou a destrancar e abrir a porta. A velha e pesada porta feita de madeira de carvalho gemeu e rangeu pela falta de uso e Júlia congelou de medo. E se alguém tivesse ouvido e viesse investigar? Júlia prendeu a respiração por um longo momento, mas, tudo continuava silencioso.

Respirou fundo, abriu completamente a porta e deparou com um jardim murado. Aquele devia ser o mesmo jardim que ela via de seu quarto. Júlia hesitou. Deveria entrar? Olhou rapidamente à sua volta. Não havia ninguém! Ela entrou no jardim, fechando com muito cuidado a porta atrás de si.

Era uma maravilhosa noite do mês de maio. Uma luz prateada brilhava por entre as correntes de água da fonte no centro do jardim. O suave borbulhar da fonte ecoava nos muros, envolvendo o jardim em uma música suave. Ao lado da fonte havia um pequeno lago alimentado pela própria corrente d'água. Os muros estavam cobertos por árvores e trepadeiras. Macieiras, glicínias e magnólias estavam todas em flor, e o ar noturno misturava-se às suas fragrâncias. Era o jardim mais lindo que Júlia já tinha visto.

E então, ela ouviu uma voz sussurrar seu nome, suave e vagarosamente. Um arrepio desceu pela sua coluna ao se virar, procurando de onde vinha aquela voz. Mas, não havia ninguém ali. “Pare de ser boba”, ela falou para si mesma e sacudiu a cabeça antes de correr de volta para casa. Deve ter sido o vento, os passarinhos, ou alguém na rua do lado de fora dos muros.

Júlia fechou a porta delicadamente e voltou para o seu quarto no andar de cima. Scamp, que ainda estava deitado, espreguiçou e flexionou suas garras enquanto ela puxava as cobertas e deitava na cama. “Que jardim estranho”, ela pensou. “Algo não estava certo ali”. Mesmo assim, ele parecia tão lindo do lado de fora de sua janela,

brilhando suavemente. Árvores prateadas, caminhos prateados, água prateada. A fonte e o pequeno lago cintilavam uma luz misteriosa, e ao mesmo tempo bonita. Havia algo estranho ali, ela pensou. Mas não conseguia entender o que era.

Júlia aconchegou-se debaixo das cobertas, decidindo que visitaria o jardim novamente no dia seguinte. E foi exatamente enquanto adormecia, que ela teve a súbita percepção do que achara estranho no jardim: naquela noite não havia lua.



Na manhã seguinte, Júlia acordou sentindo uma pressão no ombro, abriu os olhos e viu Scamp massageando as patas sobre ela. Júlia sorriu, ainda com sono, e fez cócegas em suas orelhas. O malhado pulou da cama e miou à porta.

– Pronto para o café da manhã? Júlia perguntou ao seu amiguinho. Também não me importaria de comer um pouco.

Sua avó já estava à mesa no andar de baixo, tomando aos poucos sua xícara de chá enquanto lia com atenção a correspondência. Ela sorriu quando Júlia apareceu e, gesticulando para que sentasse ao seu lado, disse: – Bom dia, minha querida. E onde está aquele seu irmão maroto nesta manhã?

Sua pergunta foi respondida com um resmungo. Pedro entrou galopando na sala, ainda com a roupa do dia anterior, e caiu pesadamente sobre a cadeira. Júlia chegou à conclusão de que as férias seriam muito longas...

O café da manhã foi um acontecimento tenso. A avó das crianças tentou fazer que Pedro e Júlia falassem a respeito da escola e de seus *hobbies*, mas quando seu arsenal de perguntas se esgotou, ela deixou a mesa e se retirou para o seu mundo silencioso dos livros e do crochê. Pedro pediu permissão para explorar Oxford, e Júlia, alegre por ter sido deixada em paz, pegou um livro e foi para o jardim que ela já estava começando a considerar seu.

CAPÍTULO

2

Os dias se transformaram numa fácil rotina. Pedro acordava tarde e saía para a cidade em tempo de almoçar com o professor. Eles passavam as tardes discutindo as táticas navais de Nelson e o desenvolvimento da pólvora. “Conversa de meninos”, de acordo com Júlia. Ela ficava no jardim lendo, desenhando, ou deitada, sem fazer absolutamente nada.

Foi com essa disposição que uma noite ela viu o brilho começar. Ela, na verdade, havia se esquecido por completo da luz prateada daquela primeira noite no jardim, mas agora, assistindo ao pôr-do-sol por sobre os muros do jardim, a estranheza dele não poderia passar despercebida. Havia um vislumbre na brisa e um som como que de sinos, mas quem sabe isso seria só em sua mente. Júlia sentou-se e olhou à sua volta e suspirou.

Cada árvore, cada pedra, cada lâmina de grama parecia estar revestida de uma luz prateada própria. “O brilho estava mais forte do que tinha sido na outra noite”, Júlia pensou – tudo estava mais penetrante, mais claro. Ela se levantou e andou ao redor do jardim, observando, sorvendo daquela esplêndida luz. Chegou à margem do pequeno lago e parou, sentindo uma força puxando-a que não conseguia definir. Algo estava empurrando-a para a frente – algo forte. Algo poderoso.

Mas um soar de sinos – mais alto desta vez – despertou-a repentinamente daquele momento. O sino da vovó para o jantar chamou-a de volta à realidade, e ela correu para casa.



Os jantares na velha casa eram de natureza formal, voltando aos tempos da juventude do professor. As crianças não deveriam ser “vistas nem ouvidas” – não exatamente – mas a comida era pesada e os pratos eram numerosos, e a conversa geralmente limitava-se ao tempo e aos acontecimentos da faculdade. Nesta noite em especial, o professor estava discutindo seu ponto de vista a respeito da goteira do teto da biblioteca, e à parte das instruções murmuradas de Pedro para “explodir tudo”, entendia-se que as crianças não ficariam quietas.

Razão pela qual era tão fora do comum Júlia interromper a conversa. Entre a sopa e o prato principal, ela não conseguiu controlar a curiosidade, e perguntou: – Vovô,

existe alguma razão especial para o jardim brilhar à noite?

Sua avó olhou para ela com espanto, com o garfo cheio de rosbife na metade do caminho para a boca.

– Brilhar? Minha querida, seus olhos devem estar brincando com você. Talvez você esteja com febre! Às vezes, pessoas veem coisas quando têm febre. Ela rapidamente colocou a mão na testa de Júlia. – Não, nenhum sinal de febre. Querido?

Ela olhou para o marido. – Existe alguma coisa errada com o jardim?

– O que minha querida?

O professor estava profundamente concentrado em seu purê de batatas.

– Júlia está curiosa para saber por que o nosso jardim brilha à noite, querido.

– Eu não faço ideia. Ele brilha à noite? Nunca notei isso. – Aha! Ele espetou de maneira triunfal uma ervilha que o estava enganando.

Júlia não ficou inteiramente satisfeita com a resposta de seu avô.

– Então o senhor poderia me contar algo a respeito do jardim? Quero dizer, quanto tempo faz que ele existe?

– Bem, está tudo perdido na história, minha querida. O jardim é uma das partes mais antigas de Oxford. Ele foi construído há muitos séculos por um – um monge, eu creio. De fato, Júlia, – o professor fez uma pausa para engolir suas ervilhas – existe uma antiga história a respeito desse monge. Dizem que ele foi assassinado nesse jardim, e que nunca poderá deixá-lo.

Júlia arregalou muito os olhos.

– O senhor quer dizer que o jardim é mal-assombrado?

Pedro deu uma gargalhada dentro do copo de água. Sua avó interveio rapidamente.

– Querido, não queremos que as crianças fiquem muito agitadas! Não quero que fiquem acordadas à noite procurando alguma figura fantasmagórica no jardim, ou se preocupando, achando que algo aparecerá rastejando para dentro, pela janela!

– Claro, claro. Você está totalmente certa. Júlia, isso é apenas uma história. Não precisa se preocupar! Nunca vi tal monge! E – ahn! —ninguém mais o viu.

E com outro aha!, o professor voltou às suas batatas.



Naquela noite mandaram Júlia cedo para a cama. Sua avó ainda não convencida que ela não estava com febre, a colocou na cama como se ainda fosse uma menininha, afofando seus travesseiros e ouvindo suas orações. Ela beijou sua testa e apagou a luz, deixando Júlia a sós com seus pensamentos. Esses pensamentos tinham a ver com Pedro, que ainda estava acordado brincando com seu jogo de química. Fazia experiência com pólvora, como sempre – o menino era absolutamente

obcecado em explodir as coisas. Pedro foi esquecido quando sua mente mais uma vez voltou ao jardim.

Até mesmo daquela distância ela podia perceber o brilho. Ela permaneceu deitada, acordada, pensando, até a casa ficar escura e silenciosa, a não ser pelos rangidos da idade.

E, mais uma vez, ela desceu e abriu a porta que rangia para chegar ao seu jardim.

Novamente se sentiu atraída para o pequeno lago, guiada pela mesma força misteriosa que havia sentido mais cedo naquela noite. Ela se ajoelhou na grama ao lado da água, banhada por um brilho fantasmagórico, sem perceber como a névoa da fonte deixara uma mancha prateada em seu braço. Ela espiou para dentro dele, observando o próprio reflexo. Parecia uma porta de entrada. Parecia um começo.

De dentro das sombras das árvores, um vulto encapuzado a observava. Duas crianças eram necessárias para que a profecia fosse cumprida – quando apareceria a outra?



Pedro, como sempre, lendo na cama, ouviu dobradiças rangendo no andar de baixo – Júlia havia retornado de sua ronda da meia-noite, ele supunha. Fechou seu livro de Sherlock Holmes e o colocou no criado-mudo. O detetive mestre estava mais uma vez à beira do triunfo, mas o triunfo haveria de esperar até amanhã. Bocejando, saiu da cama para fechar a janela. Olhou para o jardim lá embaixo, sentindo-se um pouco hipnotizado de maneira que não era nem de longe científica. Estava tão hipnotizado que ele não ouviu sua irmã a não ser quando ela falou.

– Bonito, não é?

Ele se virou e olhou para ela sem a reconhecer até que ela sorriu. Ele sorriu também – fazia tempo que Júlia não o via sorrir.

– Você tem algo prateado por todo o corpo, ele apontou.

– Da fonte – disse Júlia. Ele foi até a janela. – Dá até para imaginar que existem fadas vivendo ali. Parece encantado, não é?

– Um pouco – ele concordou, mas em seguida caiu em si. Encantamento era coisa para meninas. Ele deu uma risada áspera. – Você tem lido demais *Alice no país das maravilhas*, Júlia, ele disse. – Toda essa besteira a respeito de mundos de faz de conta. Um jardim é apenas um jardim. Por que você tem que ler livros que imaginam outro tipo de mundo? Há mais do que o suficiente para se explorar neste mundo!”

Júlia encarou o irmão.

– Mas Pedro, e se tivérmos sido escolhidos para sonhar? Suponhamos que tivéssemos nos dado o poder de sonhar a respeito de outros mundos para que pudéssemos ver o nosso de maneira diferente?

– Não seja tola, Júlia. Podemos desfrutar dos jardins sem ter que acreditar que

fadas vivem embaixo das árvores. Árvores são árvores, e estrelas são estrelas. São todas feitas de átomos. Nós também, de fato. Nada somos além de muitos e muitos átomos, e isso é tudo. Não existe magia.

Júlia se jogou na cama, já frustrada com a conversa. Pedro o realista, Pedro o cientista, não tinha absolutamente *nenhuma* imaginação.

– Certamente existe mais que isso, Pedro. E se este mundo for só um entre muitos? Como salas num prédio. Estamos tão acostumados a viver em só um deles que não percebemos que existem outros. Outros melhores, quem sabe.

Pedro bocejou vagarosa e deliberadamente.

– Tudo bem Júlia. Não se estresse. Tenho certeza que você entenderá melhor quando for mais velha, e você não verá fadas, nem duendes ou jardins que brilham à noite.

– Você não vê o brilho? – Júlia perguntou. – Toda essa luz prateada? – Você não enxerga?

– É a lua, Júlia, disse Pedro, com a maneira protetora de um adulto para uma criança. Júlia ficou irritada.

– Não tem lua hoje à noite – ela anunciou. – Bem, um pouco, mas só um pedaço. Não o suficiente para produzir esse tipo de luz. Olhe.

Ela pulou e apontou pela janela para o céu escuro.

E não havia nada que Pedro pudesse dizer.

– Você vê? – Júlia perguntou. – Você vê que ele é encantado?

– Deve... deve ser...

Pedro diminuiu a voz, confuso. Júlia deu uma risadinha e agarrou a mão dele.

– Venha, seu lerdo.

Juntos eles foram ao jardim – cuidando para não fazer barulho na escadaria que rangia, para não acordar os avós – e Júlia o levou até o pequeno lago.

– Aqui é mais forte – ela disse. – Eu sinto como se estivesse me puxando.

– Está *nos* puxando, disse Pedro. Ele tremeu – e foi em seguida que ele ouviu seu nome. Era baixo, tão suave que poderia ter sido só em sua mente. Mas havia algo de outro mundo nisso que ele não conseguia explicar.

Ele agarrou a mão de Júlia com força e foi em direção à porta.

– Júlia precisamos voltar para dentro de casa. Imediatamente! ele disse. – Acho que não estamos seguros aqui.

Mas Júlia não o estava ouvindo. Estava olhando fixamente para a água, para o seu reflexo. A imagem parecia mais profunda – de alguma maneira mais forte. Mais real que seu próprio rosto.

– *Júlia...*

Aquela voz novamente, chamando seu nome. Chamando seu nome amorosa e delicadamente.

Pedro agarrou sua mão mais fortemente, puxando-a de volta em direção à porta.

– Venha, Júlia. Tem algo estranho acontecendo. Não deveríamos estar aqui.

Havia um tom de pânico em sua voz.

Mas Júlia soltou a mão.

– É a porta, Pedro. É a toca do coelho que vai para baixo até o País das Maravilhas, você não percebe?

– *Pedro...*

– Não existe um País das Maravilhas, não existe encantamento! Volte para dentro!

– É a porta, e eu preciso ver o que tem do outro lado. Você pode voltar para dentro se quiser. Não se preocupe comigo.

Pedro nunca havia ouvido sua irmã falar assim – tão adulta e serena. Algo a estava transformando... E o transformando também. Ele pegou sua mão novamente, mas, não tentou arrastá-la de volta para casa em segurança. Ela levantou a cabeça e sorriu para ele, e juntos entraram nas águas escuras.



CAPÍTULO

3

O cálido mar turquesa ondebava delicadamente contra a deserta praia branca, ladeada por árvores balançando vagarosa e graciosamente ao vento. Os únicos sons ouvidos eram o silencioso zunido da água sobre a areia, e o suave sussurro das árvores na brisa. A areia levava até o topo de um grupo de dunas gramadas, absorvendo o calor do sol de fim de tarde.

– Não é linda? Júlia falou, como que num sonho, para ninguém em especial.

Ela se levantou com um impulso e esfregou os olhos. Estivera dormindo e sonhando: estava na hora de levantar. No entanto, quando tirou as mãos do rosto, sabia que tudo estava diferente. O paraíso ainda estava lá. O azul do mar, e do céu, era muito mais claro e brilhante do que qualquer cor que já tinha visto na natureza. O único som que conseguia ouvir era o zunido das ondas sobre a areia. Ela estava com febre, como a avó havia imaginado.

Júlia ficou em pé, alarmada, e então, sentiu a cálida brisa despentear seu cabelo. Tentou dar alguns passos até o mar, sentindo o calor da areia sob seus pés. Havia uma qualidade curiosa em tudo, como num sonho, como se vozes a tivessem chamado do fim do mundo por sobre os mares sem praia. Devia estar imaginando, disse para si mesma. Mas tudo parecia tão real...

Olhou a areia sob seus pés e, de repente, percebeu que estava descalça. Apressadamente, verificou-se para ter certeza de que estava decentemente vestida. Sua mãe sempre enfatizou que mocinhas decentes deveriam se vestir de maneira modesta. Ficou aliviada ao descobrir que estava vestida, mas não com sua camisola costumeira. Estava agora envolta num pano branco que drapejava suavemente sobre ela.

Tudo parecia errado. Talvez ela tivesse ficado louca! Será que a levariam para um hospital de doentes mentais? Não foi isso que aconteceu com o tio de uma colega de escola? Ele pensava (sua amiga lhe contou em sigilo total) que tinha virado uma gaivota, e tentara voar da janela de sua mansão em Kensington. Agora estava trancado num hospital especial que lidava com pessoas assim. *Oh! não*, Júlia pensou. *Eu posso acabar me encontrando com ele logo, logo. E acho que não vou gostar nada disso.*

Ela deu uma última olhada na baía. Não podia ficar o dia todo ali. De alguma

maneira tinha que descobrir onde estava e como voltar para casa. Fazendo sombra para os olhos com as mãos, ela inspecionou o mar que ia longe. Não viu sinal de nenhum navio que pudesse resgatá-la. Virou-se para a praia. Cada extremidade da baía estava cercada por promontórios rochosos, esticando seus dedos para dentro do mar. Ao inspecionar a paisagem, Júlia notou uma trilha que ia para dentro da mata à sua esquerda. No momento seguinte, já andava por ela. Ela passou por um pequeno morro para outra baía igual à que havia deixado para trás.

Júlia hesitou, e depois começou a andar em direção à areia no final da trilha. Ela deveria aproveitar para dar uma olhada nessa praia também. Então, ficou paralisada, espantada, com um pouco de medo, porque havia pegadas ali.

De repente se lembrou. O jardim, a luz prateada, o lago... O lago. As águas tinham se aberto diante deles e eles ficaram à beira de um precipício, iluminado por um único ponto de luz, bem, bem longe abaixo deles. E eles caíram...

E então, onde estaria Pedro?

As pegadas pareciam seguir uma trilha que dava a volta no promontório entre as duas baías. Ela seguiu a trilha ao longo do afloramento rochoso, mata à sua direita e mar à sua esquerda. De repente, as árvores terminaram e ela estava numa clareira. Via, ouvia e sentia o cheiro do mar por entre as velhas árvores torcidas que circundavam o espaço aberto. E na extremidade oposta divisou um vulto familiar, de costas para ela enquanto olhava para esse mundo tão desconhecido. Ela tomou fôlego e começou a correr.

Ouvindo os passos se aproximando, Pedro virou-se. Olhou para a sua irmã, que vinha correndo ao seu encontro, e quase não a reconheceu. Seus olhos brilhavam, seu rosto enrubescido com alívio e alegria, e ele a abraçou, coisa que nunca teria sonhado em fazer quando estava em casa. Mas as regras ali pareciam diferentes.

– Pedro, o sonho se tornou realidade! Chegamos ao País das Maravilhas!

Pedro saiu de perto fazendo careta. – Eu não acho que estamos no País das Maravilhas, Júlia.

– Bem, então vamos explorar para saber que lugar é este. Olhou por cima dos ombros de Pedro, além da extremidade da clareira. – Para onde você estava olhando? Você viu alguma coisa?

– Vi um pequeno pedaço de terra prateado, logo ali – não, ali, ele disse apontando. – Parece a luz do jardim lá de casa. Eu ia explorar quando você apareceu.

– Parece um bom lugar para começar, ela concordou.

– Vamos seguir aquela trilha e ver onde nos leva? Ela indicou um atalho por entre as árvores. Talvez nem fosse um atalho, Pedro rapidamente comentou. Não era mais que uma trilha de cervos, alguns pequenos pedaços de terra, de grama pisada que se entrelaçavam entre as árvores. Mas sem opção os dois foram em frente.

Andaram para dentro da mata, e o mar foi desaparecendo atrás deles. O suave som das ondas na margem da praia deu lugar ao sussurro do frondoso abrigo na cálida brisa. O cheiro salgado penetrante da praia foi substituído pela fragrância das flores e da resina de pinho. Pedro e Júlia olhavam admirados à sua volta, as plantas pareciam sair de contos de viajantes. Uma luz verde tremeluzia no caminho adiante deles, enquanto trepadeiras com flores azuis, brancas e laranja desciam por todos os lados.

“É mágico!” pensou Júlia.



Depois de dez minutos, a trilha, se é que podia ser chamada de trilha – chegou a uma bifurcação. Pedro, que estava na liderança, parou e virou-se para Júlia.

– Para que lado você acha? Ele perguntou, arrastando o dedão do pé no chão. Ele não olhou para a irmã, detestando admitir que não sabia o caminho. Júlia, grata por terem parado, começou cerimoniosamente a rasgar largas tiras de pano de sua roupa.

– Não tenho ideia, ela murmurou, com os dentes cerrados enquanto rasgava o pano branco. – Espere um minuto enquanto faço meus sapatos. Meus pés estão me matando.

Ela rasgou duas partes de pano e cuidadosamente embrulhou os pés com eles, enfiando as pontas para dentro por baixo da dobra. Pedro, vendo sabedoria nisto, fez a mesma coisa.

– E agora, disse Júlia vendo os pés recém-enfaixados de seu irmão, qual caminho seguir? Onde está o brilho prateado?

– As árvores o estão bloqueando, disse Pedro. Acho que estamos mais longe do que estávamos na clareira, infelizmente.

E estavam mesmo. Não havia nada além de floresta em todas as direções, e as duas trilhas levemente pisadas cada uma indo para um lado.

– Esquerda, – disse Júlia imediatamente.

– Eu acho que é para a direita disse Pedro.

– Por quê?

Pedro tentou com afinho pensar numa razão, desejando que tivesse prestado mais atenção durante o treinamento dos escoteiros. Ele se lembrava de alguma coisa a respeito da estrela do norte, mas era dia, e também, quem poderia saber se a estrela do norte existia aqui onde estavam?

– Porque eu disse, – ele concluiu. Júlia fez um som entre um ronco e uma zombaria e se dirigiu para a esquerda, e que escolha Pedro tinha?

Meia hora mais tarde – uma longa meia hora – as árvores revelaram outra clareira.

O chão abruptamente em declive levava a uma área plana fechada por árvores que poderiam ser vidoeiros não fossem as folhas prateadas. Assentos tinham sido cavados no chão em três dos quatro lados da clareira. No quarto lado havia um trono feito de uma única rocha. E no centro florescia um jardim que brilhava com uma luz própria, prateada.

– Falei que era para a esquerda, – disse Júlia. Pedro notou que ela estava com um sorriso malicioso, completamente desnecessário, ele pensou. Mas depois alcançou esquecendo de ficar irritado, porque na verdade era um lugar mais do que extraordinário.

Em alguns aspectos o jardim parecia igual ao que eles tinham deixado para trás em Oxford. Contudo, estava destruído e coberto de mato. Pedro e Júlia andaram por um caminho de pedras acidentado, coberto de espinhos e trepadeiras, passando por uma fonte de pedra no centro do jardim. Não estava funcionando. A grama crescia em sua bacia e os repuxos pareciam bloqueados pela lama. A fonte estava repleta de mato. Toda escultura na pedra tinha sido atacada por um mosaico de líquen e musgo, e as árvores pareciam ser abrigo de morcegos. Mas apesar de toda aquela ruína e negligência, ela ainda tinha aquele toque mágico prateado.

As crianças ficaram quietas por um longo momento enquanto inspecionavam a cena desoladora.

– Faz séculos que está abandonado, – Júlia disse finalmente. Pedro acenou com a cabeça. Ele estava observando as sombras das árvores alongarem. Eles seriam como João e Maria perdidos na floresta escura. Haveria abrigo nas árvores, quem sabe, mas não tinham comida, água, proteção contra quaisquer perigos nos quais pudessem

se ocultar durante a noite. Seu pai nunca o perdoaria se algo acontecesse a Júlia.

– Essa fonte não parece outro portal, não é? Ele perguntou. Júlia sacudiu a cabeça. Não havia puxão ali – nenhuma presença mágica impulsionando-os para a frente como tinha sido em Oxford. Pedro ficou arrepiado. O sol desaparecia no horizonte, e estava ficando frio. Talvez ele devesse fazer uma fogueira. Se pelo menos tivesse prestado mais atenção quando aprendeu a respeito de sobrevivência na mata!



Júlia observou a luz do dia perdendo sua batalha contra a intrusa noite. Acima dela, minúsculas aberturas de luz começaram a aparecer no céu. Ela queria que a tranquilidade solene daquele momento se prolongasse para sempre. Parecia tão... Bem, tão significativo!

A voz de Pedro interrompeu seu devaneio. – Precisamos encontrar um abrigo, ele disse.

Eles o encontraram nas árvores. Os galhos prateados dos vidoeiros eram fortes e ainda assim flexíveis, e Pedro construiu um tipo de cobertura sob a qual poderiam dormir. Eles procurariam água assim que clareasse o dia.

Água e depois o caminho para casa.

Mesmo sem o conforto de uma fogueira? ele adormeceu antes que Júlia. Ela

deitou-se com os braços atrás da cabeça, observando por entre os galhos as estrelas cintilando no céu. Sorriu enquanto as observava, e o sorriso permaneceu no seu rosto ao adormecer sob o silencioso céu.

CAPÍTULO

4

Pedro acordou de um sono sem sonhos, com o estômago doendo de fome. Ele sentou, esfregou os olhos, e gemeu. Ele achava que ia acordar no quarto de hóspedes na casa de seu avô em Oxford. Evidentemente, não tinha sido um sonho.

Ele afastou os galhos e ficou em pé alongando o longo corpo. O sol ainda estava baixo no céu, mas já tinha tirado o frio da noite. Prometia ser um dia quente. Havia um pensamento na mente de Pedro: *água*.

Ele se abaixou por debaixo dos galhos e sacudiu o ombro de sua irmã. Ela se contorceu sob seu toque e virou-se com um suspiro de protesto.

– Júlia, precisamos encontrar um córrego, uma árvore frutífera ou alguma outra coisa, – anunciou. Ela murmurou concordando e ficou quieta. Pedro suspirou e a chacoalhou mais forte desta vez.

– Júlia!

– Vá você, me deixe dormir. – Ela resmungou.

Pedro ficou em pé e passou a mão pelos seus cabelos despenteados. Júlia estava escondida entre o emaranhado de galhos, e sem ela, ele poderia ir mais rapidamente. Pedro deu mais uma olhada no sol; eles realmente não poderiam esperar muito mais para encontrar água. curvou-se novamente e disse:

– Volto logo, Júlia. Não saia do jardim, está bem? Você promete que ficará aqui?

Ela acenou com a cabeça ainda meio sonolenta. Satisfeito, Pedro saiu do jardim e voltou à trilha, certo de que o levaria a um córrego.

Depois de alguns minutos – apesar de parecer mais tempo – Júlia finalmente acordou percebendo que seu irmão havia ido embora. Ela saiu do abrigo de galhos e foi até a fonte estagnada, imaginando o que poderia ter acontecido com Pedro. Ela lembrava vagamente de algo como um córrego e acreditou que ele tivesse saído para procurar água. Pensou em tentar segui-lo, mas decidiu que seria melhor permanecer no jardim. Ali não havia predadores – pelo menos nenhum que pudesse ver.

Foi então que percebeu que estava sendo observada.

Era um tipo de instinto que ela não sabia que possuía, mas que a alertava para o perigo. Ficou bem quieta por um longo tempo, com medo até de respirar. Quem sabe se não se mexesse, fosse lá o que fosse iria embora. Seus olhos moviam-se rapidamente de um lado para o outro, procurando uma saída – ou, se isso não desse

certo, algum tipo de arma. Havia algumas pedras cheias de musgo que tinham sido empurradas para fora do muro, pelas raízes das árvores que se expandiram, mas elas estavam muito longe para serem alcançadas. Quem sabe se ela corresse...

Era um homem. Ele estava em pé ao lado da cadeira de pedra com as mãos juntas à sua frente. Ele usava uma túnica com capuz, e seu rosto estava escondido na sombra. Mas mesmo assim Júlia podia sentir seus olhos nela. Ela se levantou ereta e pronta para fugir. Os seus músculos estavam tensos.

Mas então ele estendeu a mão para ela, e com uma voz grave e solene disse:

– Seja bem-vinda, Júlia. Faz muito tempo que esperamos por você.

Houve uma pausa longa e desconfiada, enquanto Júlia avaliava o estranho.

– Quem é você? – Ela perguntou cautelosamente. – O que você quer de mim?

O homem tirou o capuz, e pela primeira vez Júlia pôde ver seu rosto. Ele era idoso – “muito mais velho que seu avô”, Júlia pensou. Seu rosto era marcado por profundas linhas – uma delas sendo uma cicatriz cor-de-rosa em toda a extensão de sua bochecha – e seus cabelos brancos cobriam levemente o couro cabeludo. Mas seus olhos eram brilhantes e ele estava sorrindo.

– Meu nome é Gaius, ele disse. – E quero que você cumpra uma profecia.

Houve mais um longo momento em que Júlia simplesmente olhou fixamente para esse homem. “Ele é maluco”, ela pensou – “maluco e possivelmente perigoso”. Ela pensou novamente nas pedras perto do muro e queria saber se Pedro estaria próximo, se ela gritasse, talvez ele aparecesse!

– Você não precisa se preocupar – disse Gaius. – Não tenho intenção de machucá-la. Se você me permitir, gostaria de lhe contar uma história.

Ela acenou com a cabeça sem tirar os olhos dele.

– Bom – ele disse –, talvez agora eu possa fazer que você se sinta mais a vontade.

Ele gesticulou para um cobertor e para uma almofada estendidos no chão. Júlia olhou fixamente – nada daquilo estava ali um momento atrás. Gaius sorriu.

– Eu faço um pouco de magia – disse ele de maneira simples.

– Sim... claro – disse Júlia. Ela foi até onde estava o cobertor e sentou-se encostada na almofada, imaginando se teria sido assim que Alice se sentiu quando chegou ao País das Maravilhas.

– Esta é uma velha história – começou Gaius – e eu sou o único homem ainda vivo que pode contar a verdade. É a história de uma boa terra e de um bom povo, e como eles foram levados à ruína.

Existiu certa vez um país que ficava bem além dos mares. Era uma terra linda, com prados viçosos, florestas perfumadas, e rios de águas cristalinas que corriam montanha abaixo para as grandes e férteis planícies do sul. Essa terra era Khemia, governada por Marcus, príncipe coroado da dinastia de Ilium. Era um lugar de paz, e todo seu povo vivia em harmonia.

Era o sexto ano do reinado de Marcus quando houve um desastre. Um vulcão dormente entrou em erupção, envolvendo a terra num manto de gás mortífero liberado das profundezas da terra. Marcus tinha ouvido as velhas histórias – histórias já antigas na sua época – de uma velha ilha além-mar. Ele já tinha organizado a evacuação de Khemia. Depois de seis longas semanas no mar, semanas sem ter boa comida, água ou espaço para se mexer, Marcus viu montanhas a distância.

Eles acabaram num país novo e inexplorado – uma terra de florestas e praias, uma terra de luz brilhante e sombras misteriosas – e se estabeleceram ali fazendo sua morada. Os primeiros rudes abrigos que fizeram deram lugar a casas, e as casas a pequenas cidades, e finalmente um grande castelo coroava essa terra. Era do seu castelo que Marcus governava, e a terra cresceu fértil, com justiça e paz, como Khemia tinha sido antes.

Mas havia inquietação entre os lordes. Havia cochichos nos escuros aposentos e boatos sobre traição, fatos que Marcus ignorava, colocando-o em risco. Ele já era um homem idoso nessa época, seu julgamento era prejudicado pelo desejo de tranquilidade e pela crença na lealdade de seu povo.

Alguns disseram que sua morte foi acelerada pela mão de um dos lordes, mas a saúde de Marcus já estava frágil e nada pôde ser provado. Os lordes assumiram o poder, três deles coroaram a si mesmos regentes, e os dias de paz acabaram. Eles se autodenominaram o Chacal, o Leopardo, e o Lobo, e forçaram brutalmente seu poder, escravizando qualquer um que recusasse total obediência às suas ideias e exigências egoístas. A eles foi concedida uma vida longa, contrária às leis da natureza, pelo efeito de amuletos de ébano os quais usavam em volta de seus pescoços – e à medida que o tempo foi passando, tornaram-se mais cruéis. O paraíso de Marcus, disse Gaius, tornou-se uma prisão.

Júlia permaneceu quieta enquanto ouvia toda a história. Ela havia sentado com o queixo encostado em seus joelhos, olhando fixamente, com os olhos bem abertos e fixos no homem à sua frente. Quando ele ficou em silêncio ela perguntou mais uma vez, com voz abafada:

– Quem é você?

Ele sorriu quando ouviu sua pergunta.

– Eu estava com Marcus em Khemia e fui leal a ele durante todo seu reinado. Quando os lordes de Aedyn se revoltaram, fugi para esta floresta. Eles enviaram grupos de busca para tentarem me encontrar, mas nunca tiveram sucesso. A floresta é escura e profunda, e é um lugar seguro para um fugitivo como eu.

– E o que Pedro e eu estamos fazendo aqui?

– Chamei-o, – Gaius disse simplesmente. – Eu fui até o mundo de vocês e abri caminho para que viessem para cá.

– O jardim... – disse Júlia. – O senhor é o monge, o monge que foi...

– Assassinado, – disse ele com raiva. – Sim, eu sou o monge. Construí o jardim como uma passagem para os Escolhidos quando fosse o tempo certo. Disseram que eu deveria chamar até que eles ouvissem e respondessem. E vocês vieram.

– Disseram? Quem disse?

– Um ainda maior que Marcus, minha filha. Porque existe uma história importante, uma história mais profunda. Uma história que governa todas as histórias. Uma história da qual vocês fazem parte.

Júlia começou a pensar que alguém tinha cometido um grande erro.

– Eu não sou... Gaius, eu não sou a escolhida. Pedro e eu...

– Quem é você, minha querida, para dizer se foi ou não escolhida para fazer grandes coisas?

Júlia se arrepiou.

– Conte-me, conte-me a respeito deste lugar. Conte-me como você pode estar aqui se foi... – Ela engoliu – Se você foi assassinado em Oxford.

– Já lhe falei antes, tenho um pouco de magia, – disse o monge. – Por ter morrido em outro mundo, meu espírito pode permanecer. E eu sou necessário aqui para contar a história. O povo não deve esquecer. Entramos aqui para recordar.

Ele levantou a cabeça e olhou à sua volta.

– Este é o jardim do Grande Rei. É o lugar onde os fiéis se reúnem todos os anos há cinco séculos para contarem as histórias do êxodo de Khemia. E agora também contamos a história da escravidão em Aedyn.

– Aedyn?

– Esta bela ilha. Aqui é Aedyn.

Júlia acenou com a cabeça enquanto o monge continuava.

– Este jardim é onde os fiéis se reúnem para lembrar do passado e olhar para o futuro. Um futuro... – Fez uma pausa. – Um futuro no qual dois estranhos de outro mundo – os Escolhidos – viriam para esta terra e a libertariam.

– O que você quer que façamos, Gaius?

– Isto vocês é que vão descobrir. Tudo que posso fazer é contar o que aconteceu. Eu não posso mais mudar as coisas. Isso é vocês que vão fazer. E vocês não estarão sozinhos. Será dado a vocês poder para lutar.

Ele levantou a cabeça escutando.

– Seu irmão vem vindo. Eu preciso deixá-la. – Ele levantou-se e ajudou Júlia a se levantar.

– Eu preciso alertá-la a não contar isso a ninguém, nem mesmo para seu irmão.

Júlia abriu a boca para protestar, e Gaius colocou um dedo sobre seus lábios.

– Ninguém pode saber o que você ouviu. Entendeu? Só você sabe as verdades, e são verdades perigosas de fato. Você não poderá confiar em ninguém.

– Mas Pedro...

– Você poderá manter Pedro mais seguro com o seu silêncio, – disse Gaius. – Aí vem ele!

Júlia olhou à sua volta, e então percebeu que Gaius havia ido embora. Parecia que ele havia derretido em meio às sombras. Ela ficou só apenas por um momento até que um vulto de olhos bem arregalados apareceu em meio às árvores.

– Pedro! Você encontrou água?

– Um castelo! Júlia, achei um castelo! Venha!

CAPÍTULO

5

L

á! – Pedro apontou de maneira triunfal para longe.

– Ali, por entre aquela passagem nas montanhas.

Júlia o alcançou no cume de uma colina e olhou fixamente para bem longe. Eles avançavam lentamente para a frente enquanto o sol ia subindo e, finalmente, chegaram a uma grande rocha. Havia degraus cavados nela, que levavam a um tipo de plataforma no seu pico. Júlia subiu rapidamente à rocha, encantada pelo que estava vendo. O chão caía acentuadamente abaixo da rocha e revelava uma paisagem verdadeiramente resplandecente.

À frente deles, tão longe quanto podiam enxergar, se estendia uma delicada planície, banhada pelo brilho do sol da tarde, com ricos campos verdes e cercas vivas. Havia prados à sua frente alcançando as distantes colinas, salpicadas de flores que proporcionavam um delicado perfume à leve brisa.

Ao longe, no centro da enorme planície, havia um grande parque fechado por gigantescos e fortes muros com portões fortificados à sua volta. E no coração do parque havia um castelo. Seus muros, torres e muralhas se erguiam desde a planície, brilhando na curiosa inclinação do brilho do sol matutino.

Pedro virou-se para ela, seus olhos brilhavam de empolgação.

– Vai levar séculos para chegarmos lá, mas conseguiremos. E com certeza acharemos água ao longo do caminho, e comida quando chegarmos ao castelo!

Júlia acenou com a cabeça meio distraída. Comida e água... Fosse o que fosse para o que Gaius precisasse que seus Escolhidos fizessem, com certeza começaria pelo castelo.

Eles desceram da plataforma de pedra e se dirigiram por um caminho íngreme morro abaixo. Logo se encontraram no meio de uma densa floresta, mas tendo as montanhas à vista sempre que chegavam a uma clareira, conseguiram se manter indo na direção certa. Não era, porém, a caminhada mais confortável que já tinham feito. Se você já dormiu no chão duro com galhos e gravetos espetando suas costas, sem travesseiro ou cobertor, e passou longas horas sem comida ou água e depois lhe pediram para andar o dia todo sem os sapatos apropriados... Bem, então você tem alguma ideia do humor em que Júlia e Pedro estavam.

Pedro reagiu melhor que Júlia. Ele estava lembrando das suas experiências de escoteiro na mata, lembrando de como andar e achar o caminho, e como evitar as pequenas ciladas que os levariam a ter um tornozelo torcido. Quando ele alcançou o cume de uma colina – este mais íngreme que a maioria – olhou e viu que Júlia estava muito para trás. Percebeu que ela estava muito cansada. Seu rosto estava vermelho pelo esforço e a respiração ofegante, suas mãos cheias de lama pelo tombo que levava e pelo lugar onde se apoiara.

Ele pegou um galho baixo de uma árvore que estava por perto e o quebrou diretamente do tronco. Quando Júlia o alcançou, já tinha arrancado todas as suas folhas e pequenos galhos, e o estendeu a ela sem falar nada.

– O que é isto? Ela perguntou confusa.

– Uma bengala. Ele disse. – Ela a ajudará nas colinas. Júlia acenou com a cabeça e a segurou.

– Obrigada.

Essas foram as únicas palavras ditas entre eles por algum tempo. Não havia muito a ser dito. Quando o caminho era plano e Júlia não precisava se concentrar muito no terreno ela ficava pensando no irmão. “Havia algo estranho em seus olhos”, ela pensou. Algo novo. Por falta de uma palavra melhor, ela chamou de determinação, mas pensou, ao dar uma olhadela, meio de lado, que era mais do que isso. Mas aí o terreno mudou novamente, e ela precisou focar em seus passos em vez de ponderar a respeito dos muitos mistérios de Pedro. E então continuaram andando, o castelo sempre à frente, indo um pouco mais devagar, agora que o sol estava alto no céu e batendo diretamente sobre eles.

Ambos alcançaram a passagem da montanha no início da tarde. A floresta terminou de repente, como se alguém tivesse desenhado uma linha onde as árvores não tivessem permissão de ultrapassar. À frente deles surgiam campos verdes com todo tipo de grãos, árvores e flores. Não havia sinal de pássaros ou de qualquer animal. Pedro pensou: “Na Inglaterra, pastos como estes estariam repletos de vacas e ovelhas, pastando com satisfação nesta linda grama, quem sabe olhando para eles pelos portões enquanto passavam. Ou talvez cavalos de arado agitando suas cabeças, prontos para começar a trabalhar nos campos”. No entanto, tudo que encontravam seus olhos era uma vasta extensão de dourados e verdes, estendendo-se a distancia.

A planície à frente era dividida como um tabuleiro de xadrez em vários campos, cada um ladeado por cercas vivas guarnecido de flores brilhantes. As cabeças do grão dourado balançavam delicadamente na cálida brisa em alguns desses campos; outros eram pontilhados com todo o tipo de árvores frutíferas, seus galhos pesados com ricas frutas amadureciam. Júlia deu um pequeno grito de alegria quando as viu, e deixando de lado sua bengala, arranhou forças para correr.

Anos mais tarde, Júlia tentou descrever essa fruta, mas não conseguiu. Nunca vira nada igual na Inglaterra – os sabores eram mais deliciosos, mais profundos, as cores mais arrojadadas, e o suco infinitivamente mais refrescante. Eles comeram até que o líquido correu por suas faces e mãos manchando suas túnicas. Então se entreolharam e riram.

Essa foi a primeira vez que eles riram de verdade desde que chegaram a Aedyn, e o sentimento foi totalmente magnífico. Nada era particularmente engraçado, mas o alívio e o prazer de encontrar a fruta foram simplesmente além de qualquer comparação. Eles riram até derramarem lágrimas, até precisarem segurar a barriga com medo que ela estourasse. E foi quando passou a risada e eles estavam deitados no chão, sorrindo um para o outro, que Júlia ouviu a corrente de água.

Ela provavelmente não teria ouvido se tivessem barulhos de animais, mas no límpido ar o som era inconfundível. Ela se sentou e ficou olhando fixamente.

– Será que... Pedro, isso é água?

– Onde?

Ela ouviu atentamente.

– Ali. – Ela apontou por sobre o ombro para a esquerda. Atrás daquela linha de árvores. Sim, tenho certeza que é um riacho.

Pedro já estava em pé indo em direção às árvores, em questão de segundos, e Júlia o seguia de perto. Eles não precisavam de água tão desesperadamente como antes, porque tinham encontrado as árvores frutíferas, mas ambos estavam com sede e uma longa caminhada ainda estava à frente.

Ambos caíram sobre o riacho como um leão cai sobre a presa. A água era fria e límpida. Beberam até não poderem mais. Então Júlia espirrou água em Pedro – um acidente, ela insistiu – e Pedro espirrou de volta, e logo os dois estavam ensopados. Eles se deitaram à margem do riacho, deixando que o sol quente os secasse. Conversaram sobre nada em especial – escola, amigos, seu pai – e depois ficaram em silêncio por um longo tempo.

– Eu queria saber o que vamos encontrar no castelo – disse Júlia, finalmente quebrando o silêncio.

– O caminho para casa, quem sabe? – Replicou Pedro com indiferença. – Ouso dizer que encontraremos alguém que poderá nos explicar tudo isto: como chegamos aqui e como poderemos voltar para Oxford.

– Você não... – Júlia fez uma pausa. – Você não acha que temos algo a fazer aqui? Alguma razão por termos sido chamados? Quero dizer – talvez ainda não seja hora de voltarmos para casa.

Pedro olhou feio para ela.

– Eu suponho que descobriremos, – ele disse. – Nesse meio-tempo precisamos continuar andando.

Eles voltaram para o campo entre as montanhas. Algumas trilhas passavam pela grama, todas pareciam – ou pelo menos era assim que parecia a Pedro – os levar para o grande castelo ao longe, acima de todo o terreno à volta. Ele escolheu a trilha que parecia a mais direta, e então foram em frente.

Renovados pelas frutas e pela água e com a ajuda da nova bengala de Júlia, puderam andar muito mais depressa que antes. Passaram-se, quem sabe, vinte minutos antes que Júlia parasse exausta.

– Oh! Sinceramente – disse Pedro com os dentes cerrados. – Nós nunca chegaremos se...

Mas ele não terminou a frase, silenciado pela aparência de sua irmã. Seus olhos estavam arregalados com medo, e um dedo apontava para o leste. Pedro seguiu seu olhar pasmado e os viu.

Havia três homens a cavalo, seguindo o que ele imaginava ser outro caminho para o castelo. Estavam vestidos de preto, encapuzados e mesmo a distância ele podia perceber que seus rostos estavam cobertos. Algo em sua postura indicava que não eram amigos. Um arrepio passou pelo ar, e o sol parecia brilhar um pouco menos, quando Pedro finalmente entendeu: eles estavam fazendo a ronda.

– Abaixem-se – Júlia sussurrou. – Precisamos encontrar abrigo.

Eles olharam ao redor rapidamente. Não havia árvores por perto, e o mato alto dera lugar a um campo de flores silvestres que não chegavam a quinze centímetros de altura. Aquele lugar não serviria para os esconder.

– Ali. – Pedro disse devagar, acenando a cabeça para o lado de onde tinham vindo. – Volte para onde o mato é alto, e com alguma sorte...

Mas já era tarde demais. Os cavaleiros já os tinham visto, e como se fossem um só, eles mudaram de direção, indo diretamente a Pedro e Júlia.



Eles tentaram correr, é claro. Todos os instintos os impulsionavam para a frente, apesar de ser impossível desde o começo – quem poderia correr mais que aqueles garanhões?

Eles os alcançaram em questão de minutos. Pedro, em uma última tentativa para se esconder, lançou-se por entre o mato alto e tentou rastejar. Júlia virou-se para encarar os cavaleiros e gritou muito alto – não de medo, mas, de raiva.

Ninguém ficou mais surpreso pelo resultado, que ela.

O grito que veio de seus lábios não foi aquele grito agudo de uma menina, mas um som infinitamente mais forte e profundo. Derrubou os cavaleiros de seus cavalos e, mais longe, chacoalhou as folhas das árvores. Pedro colocou as mãos sobre os ouvidos e gemeu, os cavalos fugiram com relinchos de pânico e Júlia, com raiva ainda nos olhos, cerrou os punhos e gritou mais forte. Ela não entendia – não sabia de onde vinha aquela voz – mas sabia que o sol tremera no céu e que os três encapuzados estavam aterrorizados.

Eles tinham dor, suas mãos apertavam os ouvidos, desesperados para fugirem, mas paralisados pelo grito. Quando Júlia parou para tomar fôlego, eles gemeram, se

viraram e ficaram parados.

Ela fez uma pausa, respirando fortemente, e olhou para trás para o irmão. Ele olhava fixamente para ela como se fosse uma estranha, uma aparição extraterrestre. Ela estendeu a mão para ajudá-lo a levantar.

– Como... O que...

– Eu não sei – ela disse asperamente. – Vamos dar o fora antes que eles acordem.

Pedro nunca discordaria de uma menina cujo grito estremeceu o sol, então levantou-se e a seguiu.

Foi uma caminhada silenciosa. Júlia estava perdida em sua própria contemplação, e Pedro a olhava de lado. “Esse grito não foi normal”, ele pensou. Algo acontecera com ela, algo provavelmente horrível. Ele ansiava chegar ao castelo, certo de que todos os mistérios daquele lugar seriam explicados assim que chegassem.

O castelo agora não estava longe. Ele dominava o horizonte, elevado sobre os campos que o circundavam como se fora erguido da terra para governar sobre tudo ao seu redor. “Talvez tenham canhões lá em cima nos parapeitos”, Pedro pensou. “Se tivesse pólvora suficiente, eles poderiam controlar a planície toda”.

Cercando o castelo havia um muro amarelo de pedra. Eles o seguiram pelo que pareceu séculos até chegarem a um grande portão de madeira. Suas tábuas eram velhas, salpicadas de pregos em deterioração, mas o portão estava firme. Pedro deu alguns chutes sem nenhum resultado.

– O que acontece agora? – Perguntou Júlia.

– Não tenho ideia, – ele murmurou. – Por que você não tenta aquele grito? Pode ser que abra a porta.

Mas quando o pesado portão começou a se abrir com um solene e vagaroso rangido, viram que seria desnecessário. Júlia e Pedro se entreolharam, deram de ombros e entraram.

CAPÍTULO

6

Uma vez dentro dos muros, puderam ver quem havia aberto o portão: uma silhueta alta envolvida em túnicas escuras. Eles não conseguiam ver o rosto, e em princípio acharam que fosse um dos cavaleiros que estavam fazendo a ronda na passagem da montanha. Mas a pessoa era diferente: – magra, de certo modo, e sem o poder sombrio dos cavaleiros. O homem – se é que era um homem – apontou para cima em silêncio, em direção ao castelo.

Pedro estava estupefato com a imensidão da construção; era mais majestoso, mais esplêndido do que qualquer castelo que já vira. Até o castelo de Windsor (que visitara certa vez com a escola) parecia insignificante ao lado da imensa construção.

A ruela por onde andavam deu lugar a ruas de paralelepípedos, ladeadas por uma série de casas baixas. As velhas construções de pedra estavam cobertas por altas trepadeiras de ambos os lados. Cada casa tinha uma porta bem colorida, mas a tinta estava desbotando em alguns lugares e remendos de madeira descoberta revelavam onde haviam sido lascadas. As portas e as venezianas estavam bem fechadas, e Júlia percebeu, com um arrepio, que estava completamente silencioso ali na pequena cidade, como estava no campo. Não havia pessoas trabalhando fora – nenhuma mulher estendendo roupa no varal, nenhum homem assoviando enquanto fazia suas tarefas, nenhuma criança brincando na rua. Com um curioso impulso, Júlia alcançou a mão de Pedro, segurando-a firme enquanto andavam.



A rua de paralelepípedo os levava lentamente morro acima, passando por um portão aberto. Pararam num pátio – um pátio tão vazio quanto as ruas. Uma imensa escadaria de pedra do lado oposto da praça levava a uma majestosa entrada – a entrada do castelo – mas ambos hesitaram.

– Parece um pouco mal-assombrado, – disse Júlia. Pedro acenou com a cabeça e apertou sua mão.

– Tudo me pareceu mal-assombrado até agora. Venha.

Juntos subiram a escada. Quando chegaram, Pedro bateu à porta.

Por um momento houve completo silêncio, como se o mundo estivesse segurando a respiração. E então, ouviram um vagaroso rangido e a porta abriu. Com os olhos acostumados ao forte brilho do sol, eles só conseguiram ver escuridão lá dentro, mas distinguiram dois vultos.

Alguém estava saindo.

Duas pessoas desceram intencionalmente em direção a eles, com espadas em seus cintos. Estavam vestidas com túnicas cinzas, os rostos cobertos por capuzes. Júlia, que havia recentemente feito um trabalho na escola sobre Francisco de Assis, achou que pareciam monges franciscanos. (Ou eram frades? Ela estava um pouco na dúvida.) Mas tinham rostos? Era como se seus uniformes tivessem sido desenhados para esconder sua identidade, como os cavaleiros lá no campo, e a silenciosa pessoa

no portão.

Pedro ficou apavorado pelo aspecto dos homens. Se é que eram homens. Suas túnicas ocultavam tanto que era impossível até saber se eram humanos. Mas observou quando eles se curvaram, gesticularam em sua direção, e então ficaram de lado, permitindo que entrassem no castelo. Pedro deu uma olhada para Júlia e ela para ele, e juntos entraram pela porta aberta, numa grande antecâmara abobadada. A luz era fraca, e os dois tropeçaram num degrau baixo de pedra. Mas quando seus olhos acostumaram com a escuridão, puderam distinguir os guardas e cortesãos em pé, em estado de atenção ao longo das paredes com colunas. E, no extremo da sala, havia três tronos numa plataforma elevada.

Pedro ouviu uma respiração forte ao seu lado e quase tropeçou novamente, percebendo o que tinha amedrontado Júlia. Nos tronos estavam sentados três vultos encapuzados, e onde deveriam estar seus rostos, havia máscaras douradas e enfeitadas com símbolos misteriosos. “Eles eram como os deuses animais de povos antigos”, ele pensou. A figura central usava a máscara de um lobo, e os outros dois de um leopardo e de um chacal.

Júlia tremeu, lembrando a história de Gaius no jardim. O Chacal, o Leopardo e o Lobo – os três lordes que derrotaram Marcus. Ela olhou fixamente, paralisada, para as máscaras escuras e para as fendas vazias de onde ela sabia ter olhos observando-a. Um arrepio desceu por sua espinha deixando um formigamento de ansiedade pelo seu corpo.

Eles se observaram por um longo momento e, então um dos cortesãos, envolvido numa túnica cor de vinho, marchou até o centro do aposento e se virou na direção de Pedro e Júlia. Eles não estavam surpresos de estarem olhando fixamente para uma escuridão oval fechada por um capuz. O cortesão falou em um tom ameaçador.

– Vocês estão diante dos três lordes de Aedyn. Declarem o que vieram fazer. Quem são vocês? Por que estão aqui?

Pedro ficou com a língua presa. Achou que não ajudaria falar precipitadamente.

– Meu nome é Pedro e eu quero ir para casa. Mas que outra resposta poderia dar? Ele estava procurando uma maneira de explicar tudo, que não o fizesse soar como um tolo, quando Júlia falou.

Ela também estava assustada, e não conseguia pensar em alguma explicação para a presença deles em Aedyn além de, “Um fantasma nos chamou para cá para destruí-lo, senhor”. Ela não conseguia tirar os olhos daquelas máscaras medonhas. Mas, de repente, lembrou de seu pai andando pra lá e pra cá no quarto de sua mãe e ensaiando seus grandes discursos. Ela deu dois passos à frente, curvou-se, e falou numa voz profunda e confiante, que não reconheceu como sua.

– Meus lordes, eu sou Júlia de Londinium, a emissária do imperador de Albion, uma grande e poderosa terra além do vasto mar do ocidente. Este é lorde Pedro, meu

conselheiro de confiança e consultor. Trazemos saudações de nosso grande imperador, o qual solicitou que discutíssemos assuntos de interesse mútuo.

Ela se curvou, e o lorde com máscara de lobo acenou com a cabeça.

– Albion, – ele repetiu. – Deve ser uma longa distância de fato, se sua viagem foi tão... desagradável.

Ele gesticulou apontando para os trapos sujos e rasgados que Pedro e Júlia trajavam.

– Um naufrágio, – Júlia disse apressadamente. – Pedimos desculpas por aparecer desta maneira perante vocês. Nós somos – ela deu uma olhada para seu irmão – Nós somos os únicos sobreviventes.

Os lordes murmuraram compreensão.

Pedro observou Júlia com total assombro. Era realmente a sua irmã? Onde aprendera a falar daquele jeito? Ela não poderia ter simplesmente perguntado-lhes a respeito do caminho que os levaria de volta ao portal de Oxford? Ele observou ansioso enquanto os três lordes de Aedyn confabulavam. Parecia haver algum tipo de discórdia, e ele estava tentado a correr para salvar sua vida. Todavia ele sabia que as portas do grande aposento tinham sido fechadas depois que eles entraram. Não tinham opção a não ser esperar.

Depois de alguns minutos, o lorde com a máscara de lobo virou-se para eles e chamou-os com um gesto para que se aproximassem. Pedro, observando Júlia com o canto dos olhos, foi à frente, ao lado dela, e curvou-se diante dos tronos. Então o lorde falou em voz baixa e sibilante que fez o seu sangue gelar.

– Lady Júlia, a senhora e lorde Pedro são muito bem-vindos a Aedyn. Eu sou Lobo, o grande senhor deste país, e estes – ele gesticulou de maneira grandiosa para os outros lordes – são meus colegas, o Chacal e o Leopardo. Juntos, nós governamos a ilha.

Houve uma pequena pausa, e Júlia imaginou que por baixo da máscara ele estivesse dando um sorriso maldoso.

– Há tempos achávamos que existiam outras terras além dos mares, mas não sabíamos seu nome, nem sua localização. Vamos aprender mais sobre sua terra, e podemos discutir como poderemos ser de ajuda um para o outro neste mundo difícil. Vocês se unirão a nós amanhã no Grande Salão, quando poderemos falar mais plena e francamente. Enquanto isso – ele aumentou a voz e abriu os braços -, vocês são nossos hóspedes. Tudo que temos estará à disposição de vocês durante todo o tempo que estiverem em Aedyn.

O Lobo olhou para o lado e acenou com a cabeça quase que imperceptivelmente para alguém nas sombras, e então voltou para o seu trono. A audiência havia terminado.

Júlia sussurrou seu agradecimento e curvou-se, bastante aliviada. Pedro e ela

viraram-se e saíram, sentindo como se tivessem quase escapado. Quando chegaram à parte detrás do grande salão, outro cortesão vestido de túnica vermelha os cumprimentou e os levou a uma porta lateral. Ficaram surpresos ao verem que o seu rosto não estava escondido por trás de uma máscara. Ele não era um homem idoso, mas também não era jovem, e seus olhos não eram bondosos.

– Eu sou Anaximander, – ele disse. – Lorde Chamberlain de Aedyn, e eu lhes trago saudações. Vocês serão levados aos seus aposentos por dois escravos, onde terão comida e água para o banho e – ele disse olhando propositalmente para os panos rasgados e enlameados com os quais estavam vestidos – vestes decentes.

Anaximander gesticulou para dois vultos sem rostos, vestidos de túnicas e encapuzados.

– Se vocês precisarem de alguma coisa, peçam que eles providenciarão.

– Obrigada, Anaximander. – Júlia sorriu e curvou a cabeça polidamente. – Posso perguntar o nome destes criados?

– Escravos não têm nomes, – disse ele com desprezo. – Por favor, não se incomodem com assuntos tão triviais. Descansem e desfrutem da hospitalidade de Aedyn.

Júlia viu que ele estava sorrindo – um sorriso no qual não confiou totalmente.

– Obrigada, Anaximander. Aguardaremos a reunião com os lordes de Aedyn amanhã.

Depois de mais alguns cumprimentos, Júlia e Pedro foram levados por dois escravos, que os guiaram em silêncio pelos corredores do castelo. Eles subiram uma escadaria de mármore e foram levados para um conjunto de quartos com uma vista magnífica da planície central da ilha. Água e comida já estavam preparadas para eles ali e, depois que os escravos partiram se curvando, eles experimentaram a refeição hesitantemente. Pedro foi o primeiro a quebrar o silêncio.

– Júlia, você pode me dizer o que está acontecendo? Por que você disse que somos emissários? Por que não perguntou a eles como voltar para casa?

– Porque... – o alerta de Gaius veio à sua mente. Pedro não poderia saber de tudo. Ainda não. Ele não poderia saber que os lordes provavelmente os matariam se eles não se fizessem passar por pessoas importantes. – Porque eu acho que tem trabalho para fazermos aqui, e não poderemos voltar pra casa até que o façamos.

Pedro ficou muito irritado com essa resposta, mas sua frustração foi esquecida quando dois escravos silenciosos reapareceram trazendo vidros de perfumes e óleos. Eles foram então conduzidos a cômodos com banheiras cheias de água fumegante e convidados a banharem-se por quanto tempo desejassem, e numa situação como essa podemos perdoá-los por esquecerem do apuro em que se encontravam e também da reunião no dia seguinte.

E então, Pedro e Júlia descansaram em seus aposentos, sem ter ciência que seu

destino estava sendo decidido no andar de baixo.

Os três lordes de Aedyn estavam, naquele mesmo momento, sentados ao redor da mesa, as sobras do jantar nos pratos diante deles e o vinho ainda em seus copos. O Lobo tinha o copo em suas mãos, agitando o vinho enquanto considerava. Os outros estavam em silêncio. Já tinham dado seus argumentos, e a decisão final caberia ao Lobo. Finalmente, ele falou, e os ecos de sua voz estridente prolongaram-se pelo aposento.

– Nós nos reuniremos com os honoráveis estranhos amanhã. Se não pudermos usá-los, nós os destruiremos. Vamos esperar que durmam bem – ele disse sorrindo por baixo da máscara. – Esta pode ser sua última noite.



CAPÍTULO

7

Pedro acordou ao amanhecer, abriu os olhos e viu a luz entrando pela janela. Jogou a roupa de cama e se espreguiçou, bocejando profundamente. Não importava quão ameaçadores os lordes e seu castelo fossem, eles certamente sabiam fazer um hóspede se sentir confortável. Pedro não era de desprezar os prazeres de uma cama macia, quentinha, especialmente depois de uma noite passada no chão, e de uma longa caminhada num terreno difícil.

Ele olhou à sua volta e notou que a roupa rasgada e suja com a qual chegou tinha sido substituída por vestes de um príncipe. Sentiu com os dedos o pano encorpado, notando com alguma curiosidade que um papel retorcido estava em cima do bolso da camisa.

Ele o pegou e o virou em sua mão, finalmente percebendo que continha um punhado de pólvora. Ele tinha esquecido disso até agora – duas noites atrás, lá em Oxford, estava fazendo experiências com seu jogo de química quando sua avó anunciou que já era hora de ir para a cama. Ele havia recolhido o produto de seu experimento e o colocado num pedaço de papel. Então, o colocou em seu bolso e o deixou ali. Estranho... A roupa original tinha sido substituída pela túnica branca, mas aquele bocado de pólvora viera junto para este mundo.

Ele se vestiu rapidamente, só fazendo uma pausa para se admirar no espelho, e colocou a pólvora novamente no bolso. Ninguém poderia saber quando algo assim poderia ser conveniente. Ciência – isso era algo em que alguém poderia confiar. Não havia nada de incerto ou mágico a respeito da ciência, havia? E então, decidindo que faria uma investigação e coletaria pistas, da mesma maneira que Sherlock Holmes, e descobriria todos os mistérios deste lugar, ele foi ao encontro de Júlia.

Ela já estava acordada e vestida quando ele chegou – não só acordada e vestida, mas também pronta para trabalhar. Ela imaginava exatamente o que aconteceria na reunião no Grande Salão e como fariam para manter a estratégia de serem emissários de Albion e, para isso já tinha escrito o começo de uma lista.

– Oh que bom, você se levantou – ela disse sucintamente. – Sente-se e me ajude.

Pedro fez como indicado.

– Agora, nosso objetivo é derrotar os lordes e libertar os escravos – ela indicou isto escrito no topo da lista. Então...

– Com licença – disse Pedro.

Ela olhou para cima.

– O que há de errado?

– Esse é o nosso objetivo? Ele perguntou incredulamente. – Como sabemos que esse é o nosso objetivo?

– Porque... Ela, então, pensou de novo no jardim, e no alerta do monge de que Pedro poderia estar mais seguro através do desconhecimento. – Porque não é assim que deveria ser? Escravos, lordes tirânicos e tudo mais?

– Nós não sabemos se eles são tirânicos, Júlia.

– O que você acha que eles são? Benevolentes? Com aquelas máscaras horrorosas? O Chacal, o Leopardo e o Lobo?

– Eu não sei, e esse é o ponto. Pedro fez uma pausa por um instante, parecendo muito cheio de si e satisfeito consigo mesmo. – Temos que usar a razão. Observação. Procurar fatos e usá-los para chegar a conclusões.

– Sinceramente! – Júlia jogou sua lista com força contra a mesa, de mau humor. – A verdade nem sempre é lógica, você sabe.

– Claro que é! Disse Pedro de maneira presunçosa. – Pensei em começar pela biblioteca, para ler um pouco a respeito da história deste lugar.

Júlia estava prestes a dizer algo sarcástico e que poderia se arrepender sobre a capacidade de raciocínio de seu irmão, quando os dois se assustaram com alguém batendo à porta. Antes que qualquer um dos dois pudesse responder, a porta se abriu repentinamente para revelar uma pessoa de túnica vermelha, enfeitada de joias: Anaximander.

– Nossos lordes de Aedyn solicitam sua presença, – ele anunciou, e com um gesto deu um passo para o lado e indicou a porta. Pedro e Júlia se levantaram e o seguiram, encarando um ao outro só por precaução.



O Grande Salão estava vazio, a não ser pelos lordes, cujas máscaras estavam tão imponentes como no dia anterior. Pedro e Júlia foram para a frente e se curvaram, Júlia silenciosamente cerrava os dentes.

– Sejam bem-vindos, meu lorde e lady, – disse o Lobo. – Venham contar algo sobre sua terra. Contem-nos sobre Albion.

Pedro olhou para Júlia. Júlia olhou para Pedro. Ele sacudiu os ombros quase que imperceptivelmente, e então ela começou.

– Meus lordes, a grande nação de Albion fica muito além dos mares do ocidente. Nosso grande imperador deseja estabelecer paz e prosperidade mútua por toda a região. Nós oferecemos a garantia de segurança. Em troca, pedimos a sua garantia de neutralidade e – qual era mesmo a palavra que seu pai usava? – “Não agressão”.

O Lobo ouviu pacientemente enquanto Júlia esboçava sua proposta, seus longos dedos estavam unidos pelas pontas. Ele acenou com a cabeça quando ela terminou, e tocou seus dedos num amuleto escuro que estava em sua túnica.

– Minha lady Júlia, de fato estamos honrados que o imperador de Albion tivesse tomado conhecimento de uma nação tão pequena quanto Aedyn. Poderia eu perguntar o que os levou a nos escolher com o favor especial de sua visita? Parece excessivo pelo nosso tamanho e importância, peço que me perdoe por dizer isso.

– Nós não queríamos omiti-los quando consultamos nossos vizinhos, meu lorde. A nossa esperança é construir amizade com todas as nações, grandes e pequenas, e... Compartilhar nosso conhecimento um com o outro.

Júlia sorriu, tentando pensar com rapidez. Nesse momento ela já esgotara cada item da lista que fizera naquela manhã, e não tinha absolutamente nenhuma ideia do que dizer em seguida.

– Compartilhar conhecimento? – O Lobo inclinou-se para frente.

– Sim. – Disse Júlia, com um sorriso evasivo. Ela estava desesperadamente tentando parecer uma emissária, alguém que fosse importante demais para ser executado, mas suas ideias tinham se esgotado. Ela olhou rapidamente para Pedro, procurando indicar-lhe, de modo particular, o seu desespero.

– Por exemplo, isto, meu lorde, – disse Pedro, alcançando algo dentro do bolso da sua camisa. – Veja aqui um pequeno exemplo de nossas aptidões!

Júlia não distinguia bem o que Pedro tinha em sua mão. Ele atravessou o salão até uns enormes candelabros e segurou, fosse o que fosse, na chama, e depois jogou para baixo na direção dos lordes.

O salão explodiu, a detonação reverberou por todo o espaço fechado. Uma fumaça escura e densa encheu o salão e, quando clareou, Júlia pode ver os três se agachando diante e se escondendo horrorizados atrás de seus tronos. O Leopardo estava tossindo muito, tentando se livrar da fumaça asfixiante, e o Chacal tinha as mãos apertadas firmemente sobre os ouvidos. O Lobo se levantou primeiro, e apontou um dedo trêmulo para Pedro.

– O que era esse diabo em sua mão? – Ele sibilou.

Muitos guardas chegavam agora ao salão, espadas apontavam para o *inimigo* desconhecido. Lobo fez sinal para que saíssem, nunca tirando os olhos de Pedro. Houve, então, um longo silêncio.

– O que você tem a dizer, menino? – Ele gaguejou. – Que magia é essa na ponta de seus dedos?

Júlia notou, a essa altura, que Pedro parecia um pouco convencido. Ela não gostou disso, e desejou ter um momento para trocar ideias com Pedro antes que ele dissesse algo sem sentido. Mas Pedro estava olhando diretamente para a máscara medonha que escondia o rosto do Lobo, e falou lentamente e com autoridade.

– Meu lorde, este é um exemplo muito pequeno de nosso poder. Esta sala e este castelo seriam destruídos, com todos que estão aqui dentro, se eu demonstrasse o verdadeiro poder que Albion oferece. Chama-se pólvora!

Não havia muito mais a se dizer depois disso. Os emissários haviam demonstrado sua superioridade, os lordes estavam tremendo nas bases, e Júlia estava muito apreensiva. Ela fez uma série de cumprimentos e mesuras, curvando-se, sorrindo, desejando felicidade e, sutilmente arrastou Pedro para fora do salão.

– Nos saímos bem, eu acho! Disse ele quando voltaram a seus aposentos.

– Bem?! Pólvora! Armas além do entendimento deles!

– Sim... Maravilhoso de fato!

Júlia andava de um lado para o outro do quarto.

– Você disse que o objetivo era derrotá-los!

– Não sei o que deveríamos ter feito, mas certamente não incluía uma explosão no Grande Salão!

Júlia estava quase chorando, e isso poderia ter se tornado uma briga feia se ela não tivesse, de fato, nesse momento, percebido que esquecera o manto no Grande Salão. Ele ficara meio solto sobre seus ombros e, quando ela se lançou repentinamente para o lado durante a explosão, ele havia caído. Ela detestava a ideia de deixá-lo lá, onde poderia ser pisoteado, e queria ter uma desculpa para ficar longe de Pedro. Então, anunciou brevemente que voltaria logo e fugiu do aposento.

Andou a passos largos e tristemente pelos corredores, e desceu um enorme lance de escadas, desejando meio que desesperadamente, que nunca tivesse visto o brilho prateado no jardim. Ela não sabia o que fazer, nem como resgatar os escravos – e, naquele momento, não via nenhuma razão pela qual deveria se importar com isso. E Pedro, falando palavras ásperas e causando explosões, quando ele não entendia o que estava acontecendo... Pedro era impossível.

Foi com esse humor que ela mais uma vez chegou ao Grande Salão.

Algo a impediu de entrar – até mesmo de bater à porta. Havia vozes do lado de dentro. Ela pressionou seu ouvido na porta e escutou atentamente, se esforçando para ouvir o que estavam dizendo. Uma voz dominava – um sibilar ameaçador que ela imediatamente reconheceu como sendo a voz do Lobo.

– Mas ainda há o risco de uma revolta dos escravos a ser considerado. Os observadores ainda estão ouvindo rumores de escravos fugitivos na grande floresta do ocidente. Vocês devem se lembrar que o grupo de guardas que enviamos para encontrá-los há dois meses nunca voltou, e eu temo...

– Houve uma grande pausa. – Eu temo que esses escravos na floresta possam ser o núcleo de uma revolta.

Outra voz, mais áspera, assumiu a conversa. Era o Chacal.

– Mas com esta nova arma poderemos destruir os escravos na floresta. Será o fim

de qualquer revolta!

– Os escravos não são tolos! – Acrescentou uma terceira voz. – Eles entrarão na linha assim que mostrarmos nossa força. Estamos salvos.

Júlia ouvia o som inconfundível de vinho sendo derramado de uma garrafa para os copos, seguidos de sons tinindo e de ásperas risadas. Ela ouvira o suficiente. Voltou às sombras para o seu quarto.

CAPÍTULO

8

Pedro viu Júlia sair, com certo alívio. Não havia nada de errado em ostentar a pólvora – nada de errado em demonstrar que ele era uma força a ser enfrentada.

Ele saiu bruscamente do quarto, andando a passos largos e pisando duro pelos corredores. Meninas! Para que servem – tão sentimentais e pouco científicas! Ela ia ver! Ele descobriria a resposta para o mistério daquele lugar!

Pedro parou um vulto de túnica no corredor e perguntou onde ficava a biblioteca. Silenciosamente lhe foi apontada a torre norte do castelo e, depois de alguns minutos de busca pelos escuros e empoeirados corredores, ele a encontrou.

A biblioteca que encontrou poderia estar em uma casa de campo inglesa, mas era muito mais grandiosa e magnífica. Os livros estavam empilhados até onde os olhos podiam ver, estantes e mais estantes – livros de todos os tipos de assuntos imagináveis. Pedro olhou para cima, mais acima e mais acima, respirando o aroma do couro de tudo aquilo.

Houve um rápido *ham-ham!* e um pigarrear vindo de algum lugar à direita. Pedro olhou à sua volta. Sentado numa enorme escrivaninha estava um homem magro de óculos que só poderia ser o bibliotecário.

Pedro se aproximou vagorosamente tentando chegar a uma conclusão a seu respeito. Ele notou seus dedos manchados de tinta, o lápis atrás da orelha direita, e um grande livro de couro cheio de anotações na escrivaninha. O homem parecia irritado com a intromissão. Pedro pensou que a biblioteca não tinha muitos usuários.

– Então? O que você quer? Estou muito ocupado no momento. Seja breve.

– Sou Pedro, – disse de maneira simples. – De... De Albion. – Ele percebeu que estava gaguejando e tentou parecer mais seguro. Eu gostaria de saber se poderia dar uma olhada nos livros. Prometo ser breve.

O bibliotecário observou-o atentamente sobre seus óculos, avaliando-o.

– Você é muito bem-vindo, – disse ele com cuidado. – Será que eu – *ham-ham!* Será que posso ajudá-lo de alguma maneira?

– Bem, eu queria aprender um pouco sobre a história desta ilha. Talvez me ajude a entendê-la melhor.

Pedro endireitou os ombros e tentou parecer mais alto.

– Com finalidades diplomáticas, é claro.

– Sim, claro. O bibliotecário, então se levantou. Ele realmente não era muito mais alto em pé do que sentado, e saiu detrás da escrivaninha. – Temos uma mesa de leitura com uma linda vista da ilha. Ali ninguém o perturbará. Você gostaria que eu lhe trouxesse algum livro? Ou prefere procurar você mesmo?

– Eu ficaria muito feliz se você me trouxesse algo útil.

Pedro colocou as mãos para trás tentando parecer importante enquanto esperava. Depois de um momento o bibliotecário reapareceu, com um volume de couro gasto em suas mãos. Ele o entregou para Pedro com um sorriso que ele não pôde interpretar exatamente, e voltou para as suas anotações.

Pedro foi até a escrivaninha e sentou-se para ler.

O livro contava uma história simples. Aedyn tinha sido primitivamente uma ilha selvagem, indomada, governada por um rei opressivo e retrógrado. E então aconteceu a revolução.

Foi chamada de Iluminação. A ilha foi tomada por um grupo pequeno de pessoas, decididas, determinadas e altamente inteligentes. Sua rebelião contra o feudalismo e maneiras atrasadas de gerações anteriores foi liderada por três lordes – o Chacal, o Leopardo e o Lobo – que se estabeleceram como os governantes eruditos da ilha. O velho rei fora deposto, e mais tarde morreu no exílio. Parte da população permaneceu leal às velhas maneiras e obteve permissão de permanecer na ilha só que com a condição de servir os novos governantes. Mas a ilha governada pelos mesmos lordes durante quinhentos anos – quinhentos anos! Isso era possível? – tinha superado seu começo incivilizado e agora era próspera e moderna.

Pedro, que sorria enquanto ia lendo, não ouviu os passos que se aproximavam e só percebeu que havia alguém ao seu lado, quando uma mão fria agarrou seu ombro.

– Uma leitura leve! – disse a voz. Pedro virou-se rapidamente e viu Anaximander em pé logo atrás dele.

– Oh, sim, – disse Pedro. – Eu estava querendo saber a respeito de Aedyn, e... – De repente ele lembrou-se de parecer importante. – Sua história, cultura, produtos de exportação e comércio... Esse tipo de coisa.

– Uma boa escolha, replicou Anaximander, tirando o livro de Pedro e virando-o em suas mãos. Folheou algumas páginas amareladas, parecendo contemplativo. – Um livro importante, uma importante história para os cidadãos de Aedyn terem sempre em mente.

Ele andou lentamente e depois olhou para trás, para Pedro.

– Afinal de contas, isso é que é educação! Protege-nos de decepções, evitando que mentes inocentes se tornem corruptas.

– Eu estava lendo a respeito da Iluminação – disse Pedro. – As pessoas não, quero dizer, as pessoas ainda têm essas decepções em Aedyn?

– Eu lastimo que sim, – disse Anaximander devagar. – Os escravos, você os viu,

são muito retrógrados. Eles acreditam em todos os tipos de absurdos supersticiosos.

– Tais como?

– Magia – Anaximander disse. – Magia divina. E velhas histórias, muito velhas, somente conto de fadas, na verdade. Histórias para explicar coisas que eles não conseguem entender.

Isso tudo fez muito sentido para Pedro. Era como Júlia, contando histórias a ela mesma e buscando ajuda em seus livros, quando estava confusa ou perturbada. Ele acenou com a cabeça.

– Vocês são um povo de ciências – ele disse. Anaximander lhe deu um sorriso.

– Nós somos. E é por essa razão que vim falar com você. – Anaximander puxou uma cadeira e sentou-se de frente para Pedro. – Os lordes ficaram muito impressionados com a invenção que você mostrou a eles ontem. Eles disseram que você tinha um diabo nas mãos, algo a que chamou de pólvora. Foi você que inventou? – Seus olhos estavam curiosos.

– Sim fui eu. – Pedro fez cara de quem tinha a intenção de parecer humilde, mas que Júlia teria reconhecido como convencimento. – Claro que a fórmula exata é um segredo conhecido só por mim e pelas outras grandes mentes de Albion, é claro.

Anaximander sorriu.

– É claro, lorde Pedro. O Chacal, o Leopardo, e o Lobo estão muito bem impressionados com suas habilidades. Você não é somente um homem de grande inteligência, mas demonstrou grande sabedoria e distinção – acenou a cabeça, com profundo respeito.

– Lisonjeio-me, senhor, – disse Pedro, que na verdade estava totalmente satisfeito. Anaximander sorriu novamente.

– Eu não tenho a intenção de lhe bajular, Lorde Pedro. Eu só lhe digo o que observo e o que me foi contado. Lady Júlia falou a respeito de compartilhar conhecimento, e confesso que nossos grandes lordes estão ávidos para aprender mais de seus segredos.

– Os segredos não são meus para que eu possa dá-los. Começou Pedro, mas Anaximander se inclinou mais para perto e respirou de leve em seu ouvido.

– Os lordes fariam de você um príncipe desta terra.

Ele destacou a palavra “príncipe” deixando-a rolar, brilhante por sobre sua língua. O som dela encheu Pedro de imagens resplandecentes – imagens estranhas para a vida solitária de um menino em idade escolar, deixada para trás na Inglaterra. Imagens de glória, de riquezas, de domínio sobre todos que já o tivessem atado e o tratado brutalmente na escola. Seus olhos estavam arregalados e seu olhar fixo estava muito longe. Anaximander o trouxe de volta ao momento repetindo a palavra.

– Um príncipe, Pedro.

Os olhos de Pedro voltaram bruscamente para o vulto diante dele vestindo túnica

vermelha.

– A pólvora é simples, na verdade – ele disse, pegando uma pena que estava na mesa para escrever, e esboçou uma rápida fórmula numa folha de papel. Ele a passou para Anaximander, que sorriu ao pegá-la em sua mão.

– Aedyn é afortunada, de fato, por ter um líder tão sábio para guiá-la para o futuro! Ele então, levantou, curvou-se e virando-se deixou a biblioteca.

Pedro retornou para os seus aposentos se sentindo o máximo. Ele estava pisando nas nuvens, feliz por ser parte de uma civilização tão sábia e avançada. E ele, príncipe dessa civilização!



Júlia ainda estava trêmula quando voltou ao seu quarto. Ao andar, ponderou a respeito da conversa que tinha ouvido por acaso – um bando de escravos rebeldes, uma nova arma para derrotá-los... E depois havia dois Escolhidos, chamados de outro mundo. Isto estava ficando excepcionalmente difícil.

Ela caiu pesadamente sobre a cama, imaginando se um bom choro ajudaria e percebendo em seguida que lágrimas não seriam derramadas por um emissário de Albion. Oh, estava tudo errado, ela havia atrapalhado tudo! Ela nunca deveria ter fingido, nunca deveria ter vindo para cá em primeiro lugar, nunca deveria ter prestado atenção naquele desprezível monge no jardim!

E então, apesar de toda sua determinação, as lágrimas finalmente chegaram. Ela arfou grandes, e barulhentos soluços em seu travesseiro, respirando com dificuldade enquanto lágrimas quentes caíam de seus olhos. E foi nesse momento que os escravos entraram para arrumar a refeição da tarde.

Algumas pessoas têm a grande dádiva de ficarem bonitas quando choram. Elas se tornam mais encantadoras quando as lágrimas caem gentilmente por suas bochechas. Júlia não era uma dessas afortunadas. Seu cabelo loiro estava grudado em um lado do seu rosto e o outro estava marcado pelas dobras do cobertor. Suas bochechas estavam brilhantes, manchadas de cor-de-rosa e seus olhos profundamente vermelhos.

Os escravos do castelo tinham sido terminantemente proibidos, com castigo de morte, de falar com os honrados estranhos. Mas quando confrontados com uma cena tão infeliz – com uma mocinha que de repente se transformara numa menina muito nova e muito infeliz, as ordens que receberam deixaram de ter significado. Ambos se aproximaram, e o mais alto pegou Júlia e a abraçou fortemente.

A escrava, uma mulher, tinha o cheiro daquela fruta que Júlia encontrou no campo além da passagem da montanha, e inexplicavelmente lembrava sua mãe. Ela enterrou a cabeça no ombro da escrava e deu algumas respiradas estremecidas enquanto tentava parar de chorar e ficar apresentável.

– Per-perdoe-me, – ela começou, e então olhou para cima. A escrava que a estava abraçando deixou seu capuz cair para trás e seu rosto pôde ser visto claramente.

Seu rosto estava marcado com linhas profundas e seu cabelo escuro riscado por cabelos brancos. “Mas ela não é uma mulher velha”, Júlia pensou. Seus olhos eram fundos, mas brilhantes, e havia um toque de juventude neles.

A mulher sorriu, e Júlia notou que pelo menos algumas das linhas em seu rosto não vinham da dureza do trabalho, mas, de risadas.

– Eu sou Helena, – disse de maneira simples. – Agora, então, por que você não nos conta o que está lhe afligindo? Júlia, então, percebeu tratar-se de duas mulheres.

A outra escrava segurou o fôlego fortemente, e houve um olhar entre elas que Júlia mal percebeu. A segunda escrava soltou o ar e acenou quase imperceptivelmente.

– Eu não sei o que fazer, – disse Júlia, limpando o rosto e o nariz na manga. – O monge disse que existia uma profecia, disse que eu, que nós, somos os Escolhidos e que devemos libertar vocês mas, eu não sei por onde começar!

Outra olhada entre as escravas – esta mais alta e mais marcante. Helena finalmente quebrou o silêncio.

– Um monge lhe contou a respeito de uma profecia? – ela perguntou devagar. Júlia acenou com a cabeça.

– E eu não posso contar para Pedro, mas acho que ele já estragou tudo com aquela pólvora boba e não sei como derrotar os lordes e as minhas ideias se esgotaram!

A segunda escrava tirou o capuz e deu um passo à frente. Ela era bem jovem – não muito mais velha que Júlia, mas com um olhar determinado que só poderia ter vindo com os anos de trabalho árduo e com o sofrimento.

– Se você é a que foi prometida a nós, – ela disse, – você não terá que derrotá-los sozinha.

Ela fez uma pausa, e então abriu um sorriso.

– Eu sou Alice. Nosso povo está esperando por você faz muito, muito tempo, minha lady!

Foi o sorriso dela que, finalmente, fez com que Júlia parasse de chorar e a levou para dentro daquele momento. Ela, fosse ou não a Escolhida, era a única que estava ali. E precisava fazer alguma coisa.

– Vocês... – Ela fez uma pausa, sem ter certeza exatamente de como formular a pergunta... – Vocês me contariam suas histórias? A história do país. Contem-me a respeito de Marcus e de todos os outros.

Helena acenou com a cabeça.

– Claro, minha lady, mas agora não é hora. Vou combinar para que você se encontre com o meu irmão, ele lhe contará a história verdadeira. Mas primeiro quero

que você saiba o que está arriscando.

Ela parou e olhou para Alice, que acenou com a cabeça, estimulando-a a continuar.

– Você precisa saber que estando ao nosso lado sua vida está ameaçada. Os lordes... – Mais uma vez ela hesitou... – O Lobo não é conhecido por sua misericórdia.

Júlia acenou com a cabeça, não sabendo exatamente como responder. E então Alice sorriu mais uma vez. Ela veio para o lado de Júlia e segurou seu rosto entre as mãos, ainda vermelho das lágrimas.

– Seja bem-vinda Júlia, – disse suavemente. – Seja bem-vinda a Aedyn.

CAPÍTULO

9

Naquela tarde Júlia saiu de seus aposentos e desceu a escada pelos escuros corredores para o local da reunião dos escravos, seguindo as instruções de Helena. As tapeçarias penduradas nas paredes se tornavam mais e mais empoeiradas e gastas à medida que ela descia e havia um cheiro úmido e bolorento no ar ao descer às vísceras do castelo. Mas ela manteve a cabeça erguida, pisando fortemente e com confiança, tentando parecer como se tivesse todo direito do mundo de estar lá.

Ela não precisava se preocupar. Ninguém a notou ou a desafiou. Júlia encontrou a porta que Alice havia descrito e a abriu, tentando fazer que ela não rangesse. Ela se arrepiou – o ar tinha um frio úmido ali, e havia um gotejar contínuo em algum lugar do lado esquerdo. Ela desceu cuidadosamente a escada em caracol para o que seria claramente o porão do castelo. O cheiro de um guisado sendo cozido podia ser sentido ao longo do porão de pedra, se misturando com os cheiros menos agradáveis de água estagnada e comida apodrecida. Ela só conseguia enxergar através da luz bruxuleante das tochas acesas, e se guiou passando os dedos pela parede, arrepiando-se ao sentir a sujeira e o visco deles. Finalmente, chegou a um lugar que parecia uma velha adega, com bancos de madeira encostados nas paredes. E nos bancos estava um pequeno grupo de vultos encapuzados, amontoados para se esquentarem do ar frio e úmido. Eles ficaram em pé quando ela entrou na sala.

Um deu um passo à frente. Ele era bem musculoso e teria sido um soldado ou guerreiro se não tivesse nascido já escravo. Seus olhos eram escuros, e firmes e, como os de Helena, fundos.

– Saudações, lady Júlia. Sou Simeão. Você já conheceu Helena e Alice, e aqui estão alguns dos outros: mais alguns que foram escravizados pelo Lobo e seus homens. – Júlia acenou com a cabeça num gesto breve de cumprimento e, então, sentou-se no banco frio em que Simeão indicou.

– Eu sou muito grata a vocês, a todos vocês – ela disse cautelosamente. – Por favor, contem-me a sua história. Gaius me contou muito pouco no jardim, e eu... Gostaria de entender melhor o que está acontecendo

Simeão sorriu.

– Claro, lady Júlia. Deixe-me começar contando-lhe como nos tornamos escravos.

Júlia já tinha ouvido um pouco a respeito daquela história, mas ele foi mais a

fundo do que Gaius, adicionando com sua voz grave e musical detalhes que foram omitidos. Simeão explicou como Marcus, o governante sábio e bom de Khemia, tinha sido alertado num sonho que sua terra natal estava prestes a ser tragada por uma catástrofe. Ele ordenou que barcos fossem construídos, o suficiente para todas as almas na ilha, e o povo de Khemia velejou da morte certa para a segurança. Ele descreveu sua alegria ao desembarcarem num paraíso misterioso. Tudo parecia pronto para eles – um porto seguro e campos carregados de frutos e grãos. Nada lhes faltava. Sob as ordens de Marcus, os barcos foram destruídos e as tábuas de madeira usadas para construírem os primeiros abrigos na nova terra.

Simeão fez uma pausa.

– Logo depois da chegada deles, Marcus declarou que não haveria necessidade de armas em um lugar de paz. Guerras entre tribos e povos vizinhos eram coisas do passado, e então ele ordenou que todas as armas fossem trazidas para ele. Todas as espadas, arcos e flechas deveriam ser destruídos. Marcus colocou Thales como encarregado da destruição dos arcos e flechas, e Brutus das espadas. Aedyn seria um lugar de paz e tranquilidade.

Simeão parou de falar e fechou os olhos. Tudo ficou em silêncio por um longo momento enquanto Júlia ia sentando cada vez mais na beirada do seu banco. Ela conhecia o fim da história, mas mesmo assim queria ouvi-la de novo. Finalmente, não aguentou mais e perguntou:

– O que aconteceu depois?

Os olhos de Simeão abriram.

– Marcus foi assassinado por Xenos, seu lorde mais confiável. Em alguns dias, ele e seus homens tinham tomado a ilha, matado qualquer um que estivesse no caminho deles. Um detalhe: algumas espadas não tinham sido destruídas. Elas tinham sido escondidas, para uma situação como essa. Xenos e seus dois ajudantes desleais, Thales e Brutus, se declararam governantes desta ilha. Eles se deram novos nomes e novos títulos, você sabe – disse Simeão, acenando com a cabeça para Júlia. – O Chacal, o Leopardo e o Lobo: os lordes de Aedyn. Os pais de nossos pais tiveram de escolher entre a total obediência aos lordes ou a morte para eles e seus filhos. Não haveria misericórdia. Eles não tiveram opção.

Ele levantou suas mãos num gesto de total desespero. Júlia se arrepiou.

– E assim tem sido desde então? – ela perguntou. Simeão acenou com a cabeça.

– Durante quinhentos anos, minha lady. Quinhentos anos, para que a memória de nossa boa terra e de nosso bom rei fosse aniquilada. Mas nós a mantivemos viva. Nossos pais nos contaram as histórias e nós as contamos a nossos filhos: falamos a respeito de Marcus, e daquele que lhe enviou o sonho. Nós contamos a respeito da profecia e dos nossos honrados estrangeiros que viriam para cumpri-la.

– Mas agora, – Helena interrompeu – não podemos nem mais contar-lhes as

histórias. – Havia um ódio em sua voz que era estranho a Júlia. Essa não era a mulher que a havia abraçado enquanto chorava!

Simeão pigarreou.

– Há alguns meses, alguns dos nossos escaparam. Os lordes tomaram nossos filhos, todos os nossos filhos. Eles estão presos, não sabemos onde, e não sabemos por quanto tempo... – sua voz falhou. – Só sabemos que serão mortos se tentarmos fugir.

Júlia sentiu que estava ficando muito pálida.

– Seus filhos? – ela perguntou. – Então era por isso que estava tudo tão quieto nas ruas... – sua voz não saiu ao se lembrar da fileira de casas silenciosas do lado de fora do castelo.

Simeão se ajoelhou na frente dela, um joelho no chão frio de pedra. Ele pegou o queixo de Júlia em sua mão, estudando seu rosto... Ele encontrou seu olhar fixo, sentindo mais uma vez a ardência das lágrimas em seu rosto.

– Você foi chamada para cá, Júlia – ele disse. – Chamada para ajudar a libertar nossos filhos e restaurar esta terra para ser o paraíso que o Senhor dos Exércitos planejava que fosse.

– O Senhor quem? – Júlia perguntou, confusa.

– Alguém maior que Marcus – disse Simeão com as mesmas palavras que Gaius tinha usado no jardim. – É um nome que fomos proibidos de mencionar nesta ilha, com ameaça de morte. Era um nome que estava diariamente em nossos lábios em Khemia e nesta ilha, até a morte de Marcus. Este é o nome pelo qual o conhecemos. Foi ele quem alertou Marcus da destruição que viria. Ele preparou este lugar para nós. E é ele cuja memória os lordes desejam eliminar desta boa terra.

– Você está falando de Deus? – Júlia perguntou abruptamente. Ela nunca foi muito interessada em Deus, pois ele parecia muito distante, muito irreal, mas em Ayden ela se sentiu fascinada. Até mesmo encantada.

Simeão sorriu e se levantou, soltando o queixo de sua mão.

– Nós o chamamos pelo nome que ele mesmo pediu que usássemos. Ele é o Criador de todas as coisas, é aquele que guia e cuida de seu povo. É quem nos livrará de nossa escravidão.

Eles foram interrompidos por uma escrava, que entrou repentinamente e se colocou na frente da porta fechada.

– Lady Júlia precisa sair imediatamente! – ela disse. – Os guardas estão chegando!

– Mas eu preciso saber...

– Vá agora! Sua vida e a nossa dependem disso!

E Júlia foi embora, andando vagarosamente com dignidade como se não tivesse nenhuma razão para se apressar ou para estar preocupada com alguma coisa. Ela

retornou aos seus aposentos com a mente em ebulição. Lá chegando, encontrou seu irmão que a esperava.

Ele estava em pé ao lado de uma grande janela, olhando para fora. Havia tanta coisa que queria lhe contar, mas não tinha bem certeza do quanto era seguro revelar. A reunião com os escravos deixou sua mente quando olhou para seu irmão. “Havia algo muito errado com ele”, ela pensou.

– Para onde você está olhando, Pedro? Você me parece preocupado com alguma coisa.

Ele virou-se e olhou para ela. Seus olhos estavam arregalados. Ele sacudiu a cabeça silenciosamente e apontou enquanto Júlia chegou perto dele na janela. Juntos eles olharam para um grupo de soldados lá embaixo, reunidos em volta de um barril numa das plataformas do castelo. Enquanto observavam, um deles acendeu um fósforo.

De repente, houve uma estrondosa explosão, e uma fumaça branca e densa cobriu a cena. Quando clareou Júlia e Pedro viram que uma grande parte da plataforma tinha sido estourada. Júlia olhou fixamente para a construção de pedra danificada, chocada, e então virou-se para Pedro, sem querer acreditar no que estava pensando.

– Pedro, por favor, me diga que você não os ensinou a fazer pólvora!

Não havia o que dizer. Júlia agarrou a borda da janela, suas mãos estavam brancas.

– Você tem alguma ideia do que fez? – ela perguntou.

Pedro se virou de repente: – Eu compartilhei conhecimento, como você falou que faríamos. Eles são boas pessoas. São homens de ciência, de razão.

– E você não está preocupado, nem um pouquinho, que esses lordes científicos possam usar essa nova arma de maneira que não seja tão boa e lógica?

Pedro, com um silêncio mal-humorado e envergonhado, pensou que àquela altura seria melhor não mencionar a parte que eles fariam dele um príncipe.

Lá embaixo, guardas correram para o local, se apressando para consertar o dano causado na construção e para cuidar dos ferimentos de seus homens. Pedro virou-se para a sua irmã, não conseguindo olhá-la diretamente nos olhos.

– Eu não sei por que você está tão contra eles. Os escravos são escravos, porque estão iludidos. Anaximander me explicou tudo – ele disse numa voz arrogante de irmão mais velho, que Júlia tanto menosprezava. – Eles são escravos porque não alcançaram um plano de raciocínio mais elevado.

Foi quando Júlia bateu nele.

Ela não tinha passado os anos aperfeiçoando suas habilidades marciais, mas o que lhe faltava nessa área, ela possuía de sobra em raiva. Pedro, na verdade, não se estatelou, mas ele pisou em falso para trás contra a beira da janela, sua mão apertava a bochecha na qual ela batera. Esta era uma Júlia que ele nunca tinha

enfrentado.

– Olhe a sua volta! – ela disse. – A ciência não nos trouxe aqui. Nós fomos chamados – chamados pelo Senhor dos Exércitos, e precisamos consertar este lugar. Nós precisamos libertar os escravos.

– Senhor dos Exércitos? Libertar os escravos? Eu disse que eles eram praticamente bárbaros – Pedro falou, saindo de perto para evitar outro tapa, se fosse para o seu lado. – Os lordes têm tudo sob controle.

– Tenho ouvido histórias, as histórias dos escravos – disse Júlia, pensando rapidamente. Ela fora alertada para não repetir o que havia ouvido, e agora ela entendia por que: ela não podia confiar em Pedro. – O Chacal, o Leopardo e o Lobo é que são bárbaros, e você acabou de dar-lhes a maior arma.

Pedro começou a parecer inexplicavelmente presunçoso.

– Bem, na verdade não – ele disse soberbamente. – Eles podem fazer o pó e ele vai continuar explodindo, mas o que eles precisam na verdade são...

– Armas – Júlia concluiu. – Você não contou a eles a respeito das armas, contou?

– Oh, não – disse Pedro de forma soberana. – Vou esperar até que eles me tornem seu prín...

Ele não conseguiu parar em tempo da palavra sair. Júlia olhou fixamente para ele sem acreditar, e sua expressão convencida desapareceu.

– Pedro, eu não acredito! – disse ela saindo a passos largos do aposento.



Pedro ficou na janela por muito tempo, observando o caos lá embaixo, depois que Júlia foi para seus aposentos. Guardas e escravos corriam para lá e para cá, para limpar o entulho que pouco tempo atrás era um trabalho em pedra extremamente enfeitado. Enquanto observava, o Lobo apareceu.

Pedro percebeu que ele estava lá para inspecionar o estrago. Ele trocou algumas rápidas palavras com o comandante da guarda e depois saiu andando de modo arrogante, parecendo venenoso, com suas túnicas volumosas varrendo o pó e os escombros.

Sua cabeça se levantou de repente e ele olhou diretamente para Pedro, lá em cima na janela. Seu rosto estava obscuro como sempre debaixo da máscara, mas Pedro podia sentir a ira em seu olhar. Havia algo frio nele – algo primitivo. Algo que buscava vingança.

Era muito tarde para se abaixar para não ser visto. O medo inundou Pedro, e pela primeira vez ele sentiu o poder da presença do Lobo – o poder que havia mantido pessoas inocentes acorrentadas durante séculos. Seu corpo ficou paralisado sob a ira daquele olhar fixo e silencioso, mas usando toda a força de vontade possível, ele disse a si mesmo para permanecer calmo. E então, enquanto observava, o Lobo

levantou o braço e apontou para Pedro, deliberadamente e com o dedo acusador. Pedro sentiu um arrepio descer por sua coluna: ele dera uma arma aos lordes, mas, não demonstrara como usá-la, agora teria que pagar o preço. Ele colocou as mãos no bolso e saiu da janela, tentando com toda sua força parecer um príncipe.



No final daquela tarde, Pedro e Júlia foram chamados para o Grande Salão. Ambos sabiam o que poderia acontecer, mas a morte não é algo fácil de se encarar na juventude. E então entraram no salão com confiança, empinados como ficava o pai deles quando ele estava no timão do navio, olhando para o grande oceano aberto à sua frente.

Os três lordes estavam sentados em seus tronos, e cada um de seus movimentos era exagerado pelas túnicas volumosas. Suas máscaras estavam mais austeras e mais escuras do que nunca (como se isso fosse possível). Júlia sentiu um arrepio estranho atravessar seus ossos ao andar na direção deles.

O Lobo – Xenos, ela se lembrou da história de Simeão – falou primeiro. Ele foi direto ao ponto, com voz totalmente sem emoção. “Ele está com voz de tédio”, pensou Júlia.

– Por terem plantado informações falsas sob a aparência de amizade e, deliberadamente, terem sabotado um experimento realizado em nome da ciência, Pedro e Júlia, emissários de Albion além-mar, vocês estão condenados à morte por enforcamento ao raiar do dia.

E isso foi tudo. Ele levantou a mão e a baixou num gesto desprezível, e antes que Pedro ou Júlia pudessem dizer uma só palavra, os guardas já os tinham segurado, torcendo suas mãos para trás das costas arrastando-os para fora do salão.

Júlia tentou se soltar sem sucesso e, então, quando caiu na dura realidade da situação em que estavam, ficou totalmente imóvel, olhando fixamente com olhos arregalados, quando Pedro bradou.

– Uma palavra em particular, meus lordes!

O Chacal, o Leopardo, e o Lobo olharam para ele – chocados, quem sabe, pois quando é que um prisioneiro havia ousado questioná-los? O Lobo acenou com a cabeça e fez um gesto para que ele desse um passo à frente. O guarda que segurava Pedro o soltou um pouco e Pedro se livrou dele enquanto se aproximava dos tronos.

Enquanto falava baixinho com os três lordes, Júlia se esforçou para ouvir o que estava sendo falado, mas só conseguia entender algumas partes da conversa. Mas as palavras que ela conseguiu ouvir fizeram seu coração parar no estômago. “...mostrar como fazer um canhão... Devo ter a permissão para ser solto...”

Pedro então deu um passo para trás permitindo que os lordes conversassem entre eles.

Se ele tivesse olhado para a Júlia naquele momento, teria visto a mais curiosa mistura de emoções em seu rosto: desconfiança, confusão, medo, e raiva, raiva acima de tudo. Mas ele manteve seus olhos cuidadosamente focados no piso encerado embaixo de seus pés. Depois de alguns minutos, Lobo se levantou, dirigindo-se aos guardas:

– Leve lady Júlia para a Cela da Morte. Lorde Pedro viverá.

Júlia então lembrou o que havia acontecido no campo, quando os três cavaleiros ficaram reduzidos a choros de dor frente aos seus gritos. Ela abriu a boca tentando fazer o mesmo – machucando os guardas, machucando os lordes, machucando Pedro – mas tudo que saiu foram soluços de choro.

Ela se arrepiou de frio e medo ao ser arrastada para fora do salão, chamando sob soluços por alguém – Helena, Alice, Simeão – qualquer um que fizesse tudo voltar ao normal novamente. E então com seus olhos fechados bem apertados contra os horrores de Aedyn, ela não viu seu irmão finalmente olhar para ela, e depois para os seus captores, completamente horrorizado.



CAPÍTULO

10

Pedro viu a porta fechar com uma batida pesada, e sentiu talvez pela primeira vez em sua vida, que estava totalmente só.

– Agora Pedro – ouviu-se a voz sibilante do Lobo -, será que você é tão bom a ponto de compartilhar seus segredos?

– Demonstre-nos como utilizar sua pólvora – falou o Leopardo com uma voz irritada. Pedro engoliu em seco e deu um passo à frente. Isso não era nada do que ele tinha planejado. Mas o que mais poderia fazer? De que outra maneira ele poderia salvar sua irmã? Se ele lhes desse o diagrama de um canhão, salvaria Júlia fazendo que o Chacal, o Leopardo e o Lobo se tornassem invencíveis. O preço era muito alto?

Pedro decidiu que precisava estar no controle. Sua própria vida e a da sua irmã estavam em jogo. Ele simplesmente não podia cometer mais nenhum erro. Ele deu um passo à frente e olhou diretamente para o Lobo. Atrás daquela máscara, ele disse para si mesmo, estava um ser humano comum. Não havia nada que temer pela máscara.

– Meu lorde, eu lhes dei o segredo da pólvora. Mas ela é de pouca utilidade sem a arma que dirigirá a explosão para grandes distâncias. Nós chamamos essas armas de canhões. Estou disposto a lhes ensinar como fazer um canhão, mas tenho algumas condições.

O Leopardo riu – um riso frio que não tinha nenhum sinal de alegria.

– Você não está em condições de negociar. Nós temos maneiras de fazer você falar o que precisamos saber.

Pedro endireitou os ombros e tentou parecer corajoso.

– Eu não lhes direi nada que não concordar em dizer, meus lordes. Disso vocês podem ter certeza. Eu estou me oferecendo para lhes dar informação sob certas condições.

Novamente aquela risada ofegante do Leopardo, mas o Lobo interferiu, gesticulando para que os outros ficassem em silêncio.

– Gostaríamos de ouvir suas condições, lorde Pedro. Por favor, diga-nos.

– Liberdade para lady Júlia e para mim. Liberdade e um barco, para que possamos voltar para nossa terra.

Ele sabia que um barco não os ajudaria muito. De alguma maneira, teriam que voltar àquele jardim e fazer que o pequeno lago se tornasse um portal que os levasse de volta a Oxford. Mas primeiro teriam que estar em liberdade.

O Lobo acenou vagarosamente, seus olhos fixos em Pedro.

– Rebelião contra o Estado é um crime mortal. A pena é severa e imediata. Traidores precisam morrer. Você sabe disso. Normalmente iríamos...

O coração de Pedro saltou quando ouviu a palavra “normalmente”. Certamente, isso queria dizer que eles estavam prestes a fazer uma exceção em seu caso?

– Normalmente insistiríamos na execução imediata. Mas se você nos servir desta maneira, permitiremos que você e sua companheira deixem Aedyn. Você supervisionará a construção e os testes dessa arma, e terão liberdade se o teste for bem-sucedido. Se não for, morrerão. Está claro?

Pedro engoliu novamente. Isto estava ficando fora de controle. Mas que opção ele tinha?

– Isso é muito satisfatório, meu lorde. Tenho, então, a sua palavra?

– Você tem a palavra do Lobo.

O lorde levantou-se e estendeu a mão pálida para Pedro, que a apertou.

– Agora você deve voltar para os seus aposentos. Você permanecerá lá, vigiado pelos guardas, enquanto nos mostra como construir esse canhão do qual fala tão bem.

Ao sinal de sua cabeça, os guardas viraram-se e levaram Pedro para fora do Grande Salão e de volta para os seus aposentos. Ele ouviu o clique sinistro do cadeado quando a porta se fechou atrás dele. Ele estava só. Olhou pelas janelas de seu apartamento. A noite que escurecia combinava com seu humor, enquanto um pensamento girava em sua mente: que razões os lordes teriam para deixar Júlia e ele vivos se o canhão funcionasse?



Júlia tinha sido jogada numa espécie de jaula de madeira, à parte do terreno do castelo, e a porta fora trancada. Dois guardas patrulhavam do lado de fora. Quando o sol deixou o céu numa explosão de laranja e rosa, Júlia fechou os olhos e chorou coberta pela profunda tristeza da falta de esperança. Não havia nada que pudesse fazer ou dizer para que as coisas melhorassem. Seu destino estava fora do seu controle. Ela observou os guardas marchando para cima e para baixo enquanto o seu desespero aumentava. Haveria alguma maneira de escapar?

Inexplicavelmente, sua mãe veio à sua mente. Não sua mãe como tinha estado no fim, deitada na cama, fraca e pálida; sem conseguir comer, sem poder falar, sem poder segurar os próprios filhos. Não, ela pensou na mãe como fora anteriormente. Forte e alta – tão alta quanto o seu marido, e com todo vigor e coragem. Júlia

pensou na grande mulher que a mãe tinha sido. Ela saberia o que fazer. Saberia como ajudar os escravos e como voltar para casa. Ela teria conseguido sair daquela jaula.

A ajuda certamente não viria do seu irmão. Pedro a tinha abandonado e traído, absorvido pelos tenebrosos lordes de Aedyn e por sua necessidade boba de impressionar e de estar por cima. Ela repousou o queixo no joelho e olhou para o alto, para o céu noturno. As estrelas brilhavam no céu de veludo azul. E então ela se lembrou de Gaius e de Simeão, e como eles tinham falado d'Aquele que era maior que Marcus. Certamente, esta era a hora de recorrer a ele. Então ali, naquela noite escura e fria, Júlia pediu ao Senhor dos Exércitos que estivesse ao seu lado. Pediu que ficasse com ela até mesmo nas horas mais sombrias, e que a ajudasse a libertar aquele povo. Depois, exausta, ela adormeceu no chão desconfortável da jaula.



Algo a acordou algumas horas mais tarde – ela não tinha certeza de quantas horas depois. Ainda era noite, e os guardas estavam fazendo ronda. Mas algo estava diferente – um sinal de cilada estava no ar. Júlia ficou imóvel, paralisada de medo. Com a luz do luar, ela podia perceber um pequeno grupo de



vultos obscuros vindo silenciosamente em sua direção – será que ela seria

executada imediatamente? Ela queria gritar, queria gritar por socorro, mas de que ajudaria? Não havia escapatória da Jaula da Morte.

Enquanto os vultos se aproximavam, Júlia pôde distinguir quatro deles. Os dois menores pareciam espreitar – quem sabe, para evitar que a prisioneira condenada fugisse. Os outros dois corriam em direção à Jaula da Morte, silenciosamente, mas com ligeireza. Eles alcançaram os guardas que não os viram nem ouviram chegar.

Na escuridão, Júlia não tinha muita certeza do que estava acontecendo, mas conseguia ver uma luta corpo a corpo entre os dois vultos e os homens que estavam vigiando a jaula. Os estranhos tinham o componente surpresa a seu favor, mas os guardas eram rápidos e bem treinados e, por um instante, parecia que poderiam sair ganhando. Todavia, finalmente os guardas foram dominados, e os dois vultos que estavam mais atrás se aproximaram para ajudar a amarrá-los e amordaçá-los. Nenhuma palavra foi dita. Foi como se a operação toda tivesse sido previamente planejada. Júlia observava perplexa enquanto um dos atacantes arrancou um molho de chaves de um dos guardas e abriu a porta. O estranho trabalhou rapidamente para tirar as cordas que prendiam as mãos de Júlia e a ajudou a se levantar.

– Quem é você? – ela perguntou, esfregando os pulsos onde as cordas haviam cortado sua pele.

– Eu sou Lucas – o estranho disse rapidamente. – Gaius me enviou lá da floresta. Você estará segura conosco. Venha.

Os dois guardas amarrados foram arrastados para dentro da Jaula da Morte e as portas foram trancadas. Lucas escondeu as chaves dentro de sua túnica enquanto Júlia olhava, pela p



rimeira vez, para os outros vultos. – Alice e Helena! – ela tomou fôlego. A mulher mais nova sorriu e Helena deu um grande abraço em Júlia.

– Como, como vocês...

– Não temos tempo para histórias – disse o quarto vulto, um homem que Júlia não reconheceu. – Nós vamos calvagar.

Lucas guiou Júlia pela escuridão das árvores, onde cinco cavalos estavam amarrados esperando por eles. Alguns instantes mais tarde, quando o amanhecer estava começando a tocar o céu, eles saíram galopando em direção à escura floresta do ocidente.

CAPÍTULO

11

Os lordes de Aedyn olharam com irritação quando o guarda bateu à porta e abriu-a para deixar Anaximander entrar. O Chacal suspirou profundamente, irritado pela intromissão. Enquanto tomavam o café da manhã, discutiam os planos para a nova arma que Pedro tinha concordado desenhar para eles.

Anaximander estava vestido com suas melhores túnicas cerimoniais e tinha planos de fazer uma porção de discursos floreados com a notícia. Mas algo que viu na postura do Lobo – algo na frieza mortal de seus olhos atrás da máscara – indicou que esta, possivelmente não seria a abordagem mais sábia. E então ele disse, sem rodeios e sem desculpas:

– Meu lorde, a prisioneira fugiu.

Um terrível silêncio invadiu a sala. O Lobo ficou em pé e os olhos atrás da máscara não estavam mais frios, mas cheios de fogo. Leopardo foi quem falou.

– Você interrogará os guardas que permitiram que ela fugisse. Precisamos saber se houve ajuda vinda de dentro do castelo.

Anaximander acenou com a cabeça.

– É quase certo que foi libertada por escravos desertores, os mesmos que fugiram do grupo de trabalhadores há alguns meses, quando dominaram os guardas.

– Mais uma falha da sua parte – disse o Lobo com aquela voz estranha e sem emoção. – Vá. Descubra o que houve, e lembre-se que o formoso estranho não deve saber nada do que aconteceu. Discutiremos o seu futuro quando você voltar.

Lorde Chamberlain fez uma pausa quase imperceptível, e então se curvou perante os lordes, virou-se e deixou o salão. Caminhou como se já estivesse condenado. A não ser que ele resolvesse tudo muito rapidamente, estaria morto em questão de dias. Os lordes de Aedyn não toleravam falhas por parte de seus servos.



Pedro, sabendo que precisaria de descanso, forçou-se a ir para a cama. Mas dormiu mal e se levantou com a luz do amanhecer. Sem ter o que fazer, andou para lá e para cá dentro do apartamento, faminto, se sentindo miserável e mais convencido a cada minuto que passava que havia cometido um grande erro. Os lordes de Aedyn eram maus, mas isso não queria dizer que eram tolos. Ele tinha sido

louco de pensar que eles permitiriam que Júlia fosse libertada simplesmente porque ele os ensinou a fazer um canhão! E é claro, eles iriam querer ter certeza que funcionaria antes de libertá-la. Ele devia ter percebido que isso aconteceria!

Pedro suspirou e passou a mão rudemente pelos cabelos. Que confusão! Ele quebrou a cabeça novamente, tentando resolver se havia qualquer coisa que ainda poderia ser feita para dar uma virada na situação. Mas o quê? Seu apartamento agora era mantido trancado por fora, e ele não podia sair de lá – muito menos sair do castelo – sem a permissão dos lordes de Aedyn. Ele estava em prisão domiciliar, e não restava nada a fazer. Sentou-se na cama, com a cabeça entre as mãos. Se pelo menos conseguisse pensar em algo inteligente que os tirasse dessa confusão! Uma fuga drástica e um resgate heroico para Júlia...

A porta se abriu. O comandante dos guardas entrou acompanhado por dois de seus homens. Seu rosto estava raivoso e ele não desperdiçou palavras.

– Você irá comigo até o Grande Salão para nos mostrar a construção de seu canhão.

Um escravo entrou no quarto atrás dele, carregando uma bandeja com uma refeição simples.

– Coma – disse o comandante. – Você tem cinco minutos. Vou esperá-lo, lá fora.

Ele e seus homens saíram do quarto, trancando a porta.

Pedro bebeu seu café com muita vontade e pegou um pedaço de pão. “Sua última refeição”, pensou com raiva. Ele estava pronto para dar uma mordida no pão quando notou que algo estava errado. Havia um pedaço de papel enrolado dentro dele.

Olhando à sua volta, para ter certeza que não estava sendo vigiado, Pedro desenrolou o papel, seus olhos se arregalaram ao ler a mensagem.

“J escapou. Segura na floresta. Destrua esta mensagem.”

Pedro leu novamente, para ter certeza que seus olhos não estavam brincando com ele. Júlia estava salva – salva apesar de todas as suas asneiras. Ele ficou imaginando quem poderia ter mandado esse recado – talvez um dos escravos de quem Júlia gostava tanto? Não havia como os lordes de Aedyn terem lhe mandado esse recado. Eles queriam que ele pensasse que estava à mercê deles. Mas se essa mensagem era verdadeira, não teriam mais como o controlar.

Apressadamente, Pedro colocou o restante do pão na boca e começou a mastigar. Não havia mais mensagens. Por último, amassou o papel e o engoliu, fazendo careta. Ele bateu na porta para que os guardas o deixassem sair, e então um plano começou a se formar em sua mente, ao mesmo tempo em que um sorriso começou a se formar em seus lábios.

– Você está pronto? – perguntou o comandante.

– Sim, estou pronto – disse Pedro.

CAPÍTULO

12

Júlia e seus companheiros galoparam para dentro do lado oeste da floresta. O sol aparecia lentamente atrás deles e os banhava com seu brilho vermelho. Lucas controlou o cavalo, verificando se os companheiros estavam seguros e não eram perseguidos. Uma vez que estivessem bem dentro da floresta, estariam a salvo. Ninguém, a não ser aqueles que habitavam na mata, conhecia suas trilhas e caminhos secretos. Pessoas de fora se perderiam em questão de minutos, estariam cercadas pela selva sem meios de encontrar o caminho para sair. Em algumas partes da floresta, a luz do sol nunca penetrava a densa cobertura de folhas, e Lucas e seus seguidores tinham feito sua base na região mais escura e impenetrável. Ali estavam muito bem escondidos.

Enquanto o sol nascente começava a dissipar a névoa, eles entravam na floresta. Júlia olhou ao redor. Ela já estivera ali antes, mas, não tinha nenhum ponto de referência para ajudá-la a encontrar o caminho. Ela estava grata aos que cavalgavam com ela, pois não era uma boa amazona e não teria conseguido controlar seu cavalo sozinha.

Mas os cavalos, seguros de si, pareciam saber aonde iam. Eles não precisavam de orientação, e depois de uma hora andando, pararam numa clareira. Todos desceram dos cavalos, aliviados, esticando as pernas depois da cavalgada. Lucas os reuniu e apontou em direção a algumas toras empilhadas numa das extremidades do espaço aberto.

– Descansaremos aqui por alguns minutos. Os cavalos não nos acompanharão mais. Eles já fizeram seu trabalho, e o fizeram muito bem.

Ele se curvou diante dos cinco cavalos, e eles abaixaram as cabeças brevemente em resposta, antes de saírem galopando por uma trilha que Júlia não havia notado. Ela queria saber para onde os cavalos iriam – tinha tantas perguntas, que não sabia por onde começar. Como Helena e Alice escaparam do palácio? Para onde a estavam levando? Mas ela percebeu que aquela não era hora de fazer perguntas. Era hora de agir, não de conversar.

Júlia sentou-se numa tora. Uma túnica verde escura do seu tamanho estava pendurada nos galhos. Ela olhou à sua volta e percebeu que os outros estavam tirando os mantos pretos e colocando as túnicas. Camuflagem. Os mantos estavam

sendo enterrados num buraco atrás das árvores: eles não deixariam indícios.

Ela se trocou rapidamente, descartando os pesados brocados do castelo, e se virou para continuar a viagem. Lucas acenou com a cabeça aprovando e gesticulando em direção a outra trilha que ia da clareira para a floresta mais densa.

– Esta é a estrada que temos que seguir. Estamos quase no fim da viagem, mas devemos permanecer em silêncio. O barulho pode ser ouvido, mesmo na floresta. Dizem que as árvores têm ouvidos, e ninguém pode saber que passamos por esta trilha. Então, mantenham-se calados, e sigam-me.

Os cinco viajantes andaram pela trilha, Lucas liderando e seu companheiro acompanhava no fim da fila.

Não demorou muito até chegarem ao destino. Júlia não tinha dúvida de onde era. Eles estavam de volta ao jardim secreto que Pedro e ela haviam descoberto em seu primeiro dia em Aedyn. Mas ela tentava não pensar em Pedro, pois só a faria ficar zangada. Além disso, Júlia tinha certeza de já ter problemas suficientes para ocupar a sua mente sem se preocupar com essa traição.

Os cinco viajantes entraram no jardim. Monge Gaius se levantou para recebê-los, cumprimentando Júlia e abraçando os outros quatro.

– Vocês se saíram bem – disse-lhes.

Gaius acenou para que se sentassem com ele à mesa que aparecera perto do trono, coberta com pães frescos e frutas deliciosas. Ele sorriu para os visitantes.

– Agora podemos conversar em segurança. Estamos muito para dentro da floresta para que algum laçao dos tenebrosos lordes nos encontre. Existem águias colocadas de sentinelas por toda esta região, e elas saberão o que fazer se algum estranho se aproximar. Teremos abundância de avisos.

Ele se virou para Helena e Alice, acenando com a cabeça.

– Faz muitos anos que vocês estiveram neste jardim, não é?

Alice sorriu para Lucas.

– Desde que eu era criança e fui levada para servir no castelo – ela disse. – Nunca pensei que este dia chegaria.

– Vamos ajudar os outros a escaparem logo – Lucas disse tocando amavelmente seu braço. – Teríamos feito isso esta noite se tivéssemos mais cavalos...

Helena estava olhando ao redor, absorvendo tudo a sua volta.

– Gaius, o lugar está em ruínas! O que aconteceu com o jardim? Com a fonte? Com tudo!

O monge acenou com a cabeça, sua expressão era austera.

– É como você diz. O jardim espelha a condição de Aedyn, e está num triste estado de ruína e decadência. Mas quando Aedyn for renovada, este jardim mais uma vez se tornará o lugar que Marcus conheceu. Nem o jardim que você conheceu se comparará a ele! Esse dia está próximo.

Seu olhar moveu-se para Júlia, que tentou de repente parecer muito pequena.

– Os honrados estranhos chegaram – ele disse suavemente. – E o Senhor dos Exércitos visitará e restaurará seu povo. Ele viu nosso sofrimento nas mãos de nossos opressores, e o tempo chegou. Ele providenciou um libertador que anulará o poder dos tenebrosos lordes.

Júlia corou, sem saber exatamente o que falar. Como ela poderia salvar alguém ou alguma coisa? Pedro sempre costumava importuná-la por ser desajeitada e boba. Como uma menina de 13 anos poderia salvar uma nação de tal perversidade? Mas alguém teria que fazer isso. Talvez ela ainda tivesse que descobrir a si mesma. Tudo parecia tão – tão improvável. Mas como ela poderia ir embora deixando para trás tamanha necessidade?

Gaius acenou com a cabeça para Júlia, parecendo ler seus pensamentos.

– Ninguém está pronto para que o mundo vire de cabeça para baixo, minha querida. E então nós a trouxemos aqui para que você se prepare para o que está por vir.

“O que está por vir... o homem parecia falar exclusivamente em enigmas”, Júlia pensou. Para qualquer pessoa isto teria sido intensamente irritante. Gaius sorriu para ela e continuou.

– Você entrará para o mais profundo da floresta. Durante esse tempo, descobrirá se é realmente a libertadora por quem temos esperado. Você permanecerá lá por um tempo e depois voltará para cá, para este jardim. Marcamos para amanhã a Grande Recordação.

– A Grande... o quê? – Júlia repetiu. – É sobre isso que você me falou antes, quando todos vêm contar histórias?

Helena deu um passo à frente. Seus olhos estavam brilhando, e pela primeira vez Júlia vislumbrou a alegre jovem que ela deve ter sido num lugar e num tempo diferentes. Ela falou com uma voz serena, e de alguma maneira distante.

– Nós viemos de uma terra longínqua, lady Júlia, e fomos trazidos pelos mares, até esta ilha. Seria um novo começo para nós como povo. Seríamos o povo do nosso bondoso Senhor numa boa terra. Quando nossos ancestrais chegaram a Aedyn, Marcus disse-lhes que marcassem sua chegada a salvo no novo paraíso. Todo ano, a história da viagem pelo mar até esta ilha seria contada novamente. Nós nunca esqueceremos desse momento na nossa história, nem da fidelidade d’Aquele que nos trouxe até aqui. Marcus foi o primeiro a contar a história, no Grande Salão da Fortaleza do Senhor dos Exércitos. É uma lembrança solene do nosso passado. Nossa identidade como povo é tão intimamente entrelaçada com esse evento que não podemos jamais esquecê-lo. Os lordes tenebrosos pensam que suprimiram o evento impedindo que ele acontecesse no castelo. Eles sabem que a maneira mais certa de destruir um povo é apagando a memória de seu passado. Mas este jardim foi

construído para lembrar o passado e olhar para o futuro – ela sorriu para o monge. – Gaius é quem guarda as nossas histórias. Nós vimos e esperamos pelo libertador.

E então, olhando para Gaius, seus olhos ficaram tenebrosos.

– Claro, não há muitos que podem vir para lembrar. Muitos dos fiéis são escravos no castelo... – sua voz diminuiu, e Gaius continuou a história.

– Nós precisamos de você aqui para a Grande Recordação, lady Júlia. Se você acreditar que o Senhor dos Exércitos a chamou para libertar-nos dos lordes tenebrosos, então você será aclamada nossa libertadora, e deverá encontrar as respostas para a grande pergunta de Aedyn. Só assim poderemos ter esperança de sermos libertados do poder maligno dos lordes.

Júlia ficou totalmente confusa.

– Pergunta? Que... que pergunta? Não conheço este lugar o suficiente para... – Gaius acalmou-a.

– Júlia, nós precisamos saber por que os lordes de maior confiança de Marcus traíram nosso paraíso. Precisamos saber como esse mal pôde aparecer neste lugar. A não ser que saibamos a raiz do mal, nunca teremos a capacidade de restaurar este paraíso, para que ele seja o que deveria ser. Precisamos destruir a origem desse mal antes que possa contaminar a outros.

Ele sorriu ao ver sua expressão – um olhar de concentração intensa e total confusão, e segurou suas mãos.

– Se você for de fato a libertadora, não lutará sozinha. O Senhor dos Exércitos estará com você. Ele a guiará e lhe dará novo poder enquanto você busca as respostas.

– E eu darei o meu melhor, Gaius.

– Eu sei que dará – ele apertou suas mãos enquanto seus olhos sorriram para ela.
– Você deixará este jardim dentro de duas horas, e entrará mais para dentro da floresta, mas agora deve descansar. Precisarás de toda força para o que está por vir.

CAPÍTULO

13

Pedro, ao acompanhar o comandante da guarda até o Grande Salão, se sentia imensamente satisfeito consigo mesmo. Agora que Júlia escapara, ele achou que poderia dar aos lordes um desenho errado para o canhão sem se preocupar com a segurança dela. Ele havia lembrado de algo, uma das longas conversas que teve com seu avô – preleção, mais precisamente – a respeito das estratégias de Lorde Nelson na Batalha de Trafalgar. Se os canhões não fossem feitos adequadamente, eles explodiriam, matando aqueles que o haviam carregado e detonado.

Sua ideia era simples – “simples, mas brilhante”, disse a si mesmo. Ele faria que os lordes fizessem um canhão de argila, e balas de canhão também de argila. A argila jamais aguentaria a força da explosão. A arma que os lordes de Aedyn esperavam usar contra seus inimigos destruiria seus próprios guardas.

Havia, é claro, a simples questão de sua própria fuga, mas ao se aproximarem do Salão, ele tirou isso de sua mente. Tudo ficaria bem. Ele tinha certeza.

Os três lordes estavam esperando. Um deles gesticulou em direção a uma mesa que fora preparada com papel e tinta, e Pedro entendendo, fez um esboço rápido mas completo de um canhão. Ao acabar, levou-o até os lordes.

– Vocês colocam a pólvora até aqui embaixo – ele disse apontando. – E a bala de canhão, as balas de canhão de argila que eu lhes falei, são colocadas em cima. Aí então a pólvora é acesa através desta pequena abertura. Ela explode e impulsiona a bala de canhão para longe.

– Qual a distância que ela atinge? – perguntou o Chacal.

– Depende, meu lorde – Pedro replicou. – Isso faz parte do processo do teste. Mas irá bem longe, de fato. Mais longe que uma flecha.

– Mas certamente o próprio canhão também explodirá? Como a argila aguentará a pressão?

– O cilindro do canhão é bem denso, e a bala de canhão não fica dentro por muito tempo – Pedro disse, sem pestanejar. – A força total da explosão irá impulsionar a bala de canhão para frente, e não destruirá o cano do canhão.

– Eu espero que você esteja certo – disse o Lobo, falando pela primeira vez. – Caso contrário, você pode esperar uma morte nada agradável. Você! – ele se dirigiu a um homem moreno que estava em pé, atrás, na sombra. “Um oleiro, e

provavelmente, mais um escravo”, Pedro pensou.

– Isto pode ser feito?

O Lobo pegou o desenho de Pedro e o balançou na frente do homem. O oleiro acenou com a cabeça silenciosamente e deu uma rosnada que deve ter sido de assentimento, pois os lordes pareceram se acalmar.

– Até amanhã, então – disse o Lobo, e moveu o braço num gesto de dispensa.

Pedro retornou aos seus aposentos, trancado e com um guarda à porta. Ele andou de um lado para o outro em frente às janelas, sem poder tirar da cabeça a questão de sua fuga. Certamente, certamente haveria de existir uma maneira de escapar disso tudo. Uma maneira de escapar do castelo, encontrar Júlia e voltar para casa em Oxford!

Foi então, assim que ele olhou por cima dos parapeitos do castelo, que a sombra de uma ideia veio à sua mente. Ele andou para lá e para cá mais pesadamente, ponderando. Noventa por cento dependeria de um planejamento cuidadoso e dez por cento de muita sorte, e Pedro sabia que não era possível planejar ter sorte. O plano tinha muitas pendências, mas era o único. Simplesmente teria que funcionar. Caso contrário, teria uma morte rápida quando o canhão explodisse... Ou uma bem lenta quando os lordes de Aedyn o prendessem mais tarde.



Enquanto Pedro caminhava pelo quarto, Júlia ia mais para dentro das profundezas da floresta.

– Como vou saber onde devo ir? – ela perguntou para Gaius, pegando a nova bengala que Lucas lhe fizera.

– Uma águia irá à sua frente e a guiará ao lugar do teste. Olhe para cima, para aquela árvore, para o lado direito. Não, bem ali. Você a vê? Observe-a com cuidado. Quando você chegar ao lugar certo, ela aterrissará ao seu lado.

Gaius colocou a mão nos ombros de Júlia e os apertou gentilmente, como seu pai fazia quando ela era pequena.

– Agora vá! E que o Senhor dos Exércitos esteja com você!

Houve um barulho de bater de asas lá de cima da árvore quando a águia se lançou ao ar e começou a subir, circundando. Júlia a seguiu pela trilha que parecia ir a lugar nenhum.

Já era o final da manhã, mas enquanto seguia a águia mais para dentro da floresta, parecia que o entardecer já havia começado. Ela se encontrava na sombria e erma floresta e não fosse pelo escuro contorno da águia acima dela, teria se perdido em alguns momentos. Árvores imensas e sombrias com raízes enormes e retorcidas elevavam-se para um céu invisível além. O labirinto entrelaçado de folhas e galhos era como um muro espesso, eliminando o pouco que restava da luz do sol.

Ela não tinha ideia de quais criaturas poderiam estar escondidas do outro lado da trilha segura onde estava, ou que feras selvagens poderiam viver na ilha. Mas manteve os olhos na águia, e de repente o caminho se abriu para uma clareira gramada. A águia esperou no meio da clareira, erguendo a cabeça quase que de maneira inquisitiva. E então, ela se curvou. E se você já viu uma águia se curvar, sabe que é uma cena muito estranha, de fato – e voou para o encontro da noite. Em questão de minutos ela havia desaparecido.

Júlia observou sua partida – sua única ligação com algo familiar. Como ela desejou poder subir com asas como águias, em vez de ser obrigada a estar nessa ilha e nessa imensidão desconhecida!

Sozinha na noite, não havia nada a fazer a não ser ficar confortável e esperar pelo teste. Ela se esticou embaixo de um pinheiro de galhos grossos numa extremidade da clareira e, ainda exausta da noite na Jaula da Morte e da dura cavalgada em seguida, esperou o sono chegar.

Mas algo veio antes.

Em frente a seus olhos, a alta grama entre as árvores se dividia, revelando o que havia ali. Um homem saiu do meio das árvores e estendeu a mão.

– Saudações – disse ele, com um sorriso.

CAPÍTULO

14

Ele usava a escura túnica de um escravo, o capuz pesado estava para trás, em volta de seus ombros. Seus cabelos prateados e olhar determinado eram muito familiares. Simeão. Ela não esperava encontrá-lo ali – ele ainda era um escravo no castelo, não era? Mas coisas mais estranhas já haviam acontecido em Aedyn, então ela foi mais a frente com um sorriso. Simeão abriu os braços para um abraço.

– O que você faz aqui? – ela perguntou. Seus olhos brilhavam. Simeão abaixou a cabeça num gesto que era quase como se tivesse se curvado.

– Eu trago saudações à Libertadora de Aedyn!

Júlia sorriu timidamente. O nome parecia mais imponente cada vez que ela o ouvia, a Libertadora. A Libertadora.

– Mas como você saiu do castelo? – ela perguntou. – Pensei que todos vocês estivessem presos lá...

– Tenho meu jeito – ele respondeu. – Venho da parte de seus amigos. Amigos que reconhecem sua força, poder e sabedoria. Amigos que querem lhe ajudar a usá-los.

Força. Poder. Sabedoria. Ela ajeitou as costas e sorriu, desejando que Pedro pudesse ouvir o que Simeão estava dizendo.

– Continue – ela pediu.

– Minha lady, Gaius lhe contou que você foi chamada aqui para servir aos outros. Mas por que não servir a você mesma? Você não tem nenhum rival nesta ilha. E por que não reivindicá-la como sua? Por que dar poder a outro quando você poderia ter poder. Você poderia ser – ele disse silenciosamente – a suprema soberana. Meus amigos e eu seríamos seus escravos. Para nós, seria uma grande honra servir alguém como você.

E a imaginação de Júlia pegou fogo. Cada pessoa e cada animal nesta ilha se curvando a ela – e seus brados de adoração ecoando em seus ouvidos. Ela estava encantada.

– E o que preciso fazer para ser a suprema soberana deste mundo?

Simeão sorriu.

– Nada, minha lady, nada. Nós faremos tudo por você. Tudo o que você precisa fazer é falar, quando dissermos que é para falar. Nós lhe diremos o que falar.

Júlia estava estupefata pelas imagens de luxo, de deleite e poder. Mas depois ela

olhou para Simeão – olhou em seus olhos – e outras imagens começaram a atrapalhar. Ela viu um pássaro se debatendo contra as barras de uma gaiola de ouro, tentando escapar com toda sua força. Esta era exatamente a situação. Trapaça e tentação. Ela entendia Simeão – se é que este era de fato Simeão – e se tornaria meramente uma governante sem autoridade para as forças tenebrosas que ainda escravizavam essa ilha.

Seus olhos voltaram para o foco, e ela se lembrou quem ela era e o que deveria fazer. Uma nova força fluiu dentro dela, e ela falou com uma voz que lhe soou desconhecida.

– Eu não sou a tola que você pensa, Simeão. Deixe-me.

O homem, à sua frente, deu uma rosnada quase não humana antes de voltar à escuridão da noite.

Júlia ficou olhando em sua direção por muito tempo depois que ele desapareceu na floresta. Ela estava ofegante, dando grandes lufadas de ar enquanto observava onde estivera. E, finalmente, ela voltou ao seu lugar, debaixo do pinheiro, desejando descansar.

Ela não sabia dizer quanto tempo havia dormido, quando foi acordada por um barulho suave, de alguma maneira diferente do ruído normal da floresta. Enquanto ouvia, e todos os seus sentidos estavam em alerta, ela ouviu um leve bater de asas no ar da noite. Ela sentou de repente, seus olhos se esforçaram no escuro para ver o que, ou quem se aproximava.

Era a águia – a mesma que a levara até ali. Júlia estava quieta, desconfiada, quando a águia aterrissou perto dela e se curvou.

– Saudações, lady Júlia. Eu venho em nome de Gaius, e lhe trago novas instruções.

– E quais são as ordens?

– Você está correndo grande perigo – disse a águia com um sorriso. – Os lordes de Aedyn estão vindo buscá-la. Eu devo guiá-la até um esconderijo. Lá você estará segura, entre amigos.

– E o que Gaius quer que eu faça enquanto estiver lá? – ela perguntou não querendo confiar na águia, não importando quão convincentes fossem suas palavras. Mas ela se aproximou de Júlia e esfregou a cabeça em suas saias, de maneira áspera, mas, não de modo grosseiro. Júlia de repente se lembrou de Scamp, o gato malhado de seus avós lá em Oxford, e ela se abaixou para acariciar as macias penas na cabeça da águia.

– Ele e os rebeldes vão lutar – a águia falou, com voz baixa. – Você é muito preciosa para arriscar a vida numa batalha, minha lady. As pessoas precisam vê-la vitoriosa.

Segurança... Segurança e amigos. O que poderia ser mais doce? Júlia começou a

acenar com a cabeça e depois parou. Ela não fora chamada de outro mundo para permanecer em segurança, mas sim para liderar.

Júlia olhou fixamente para o animal. A sua aparência era nobre e digna, todavia ela sabia em seu coração que a intenção da águia era atraí-la para uma armadilha. Não foi o raciocínio que a levou a esta conclusão, porque ela sabia que a águia era a sua guia. Era algo mais profundo que a razão, algum tipo de sabedoria que parecia tomar conta dela e dirigir seus julgamentos. Ela seria levada para um lugar “seguro” onde seria assassinada. Ou capturada, e levada presa com correntes para os lordes de Aedyn. Não, ela não confiaria nela.

– Fora águia – ela disse. – Volte para os seus mestres. Eu não sofrerei com sua presença aqui. – O pássaro sibilou, com ódio saindo de seus olhos.

– Sua tola! Você morrerá por isso.

– Não – ela disse silenciosamente. – Você é que morrerá. Os que a enviaram não toleram fracassos. – E com outro assovio, a águia bateu suas asas e se levantou no silêncio.

Júlia retornou ao pinheiro mais uma vez, decidida a ficar acordada e esperar o que viesse em seguida. Mas o sono a dominou, e ela acordou novamente quando o sol estava tocando o céu com a graça do amanhecer. Ela lembrou como o tinha visto no dia anterior, entrando pela floresta, e por um instante pensou em Pedro – imaginando se ele estaria seguro e bem, apesar de tudo que fizera para ela. Depois, o tirou de sua mente porque havia uma questão mais urgente: café da manhã.

Ela agarrou com força seu estômago e olhou ao redor para ver a águia – a verdadeira águia, não a impostora da noite. Certamente ela a levaria de volta ao jardim, e Gaius faria uma mágica e mais pães e frutas estariam lá para ela. Certamente o teste teria acabado e seria seguro voltar.

De repente, veio um farfalhar na floresta do lado esquerdo. Instantaneamente ela ficou em alerta. Ao olhar ao redor, com todos seus músculos tensos, o mato se abriu e revelou uma mulher alta, magra, cujos olhos gentis eram muito familiares.

Júlia deu um suspiro e depois um grito, inclinando-se para a frente para os braços de sua mãe. E se você já teve saudades de alguém, e desejou ardentemente estar com a pessoa, você pode imaginar quão doce foi o encontro.

Muito choro e abraços, e mesmo quando Júlia deu um passo para trás não conseguia acreditar. Sua mãe? Sua mãe já tinha morrido. Mas coisas mais estranhas poderiam acontecer em Aedyn, não poderiam? Até Gaius podia viver ali, século após século, depois de ter morrido na terra. E então não dispendeu esforços perguntando como sua mãe podia estar ali, mas simplesmente a admirou.

– Deixe-me olhar para você – a mãe segurou Júlia a distância de seu braço, com um sorriso aparecendo nos cantos de sua boca. – Minha linda menina... Minha menina. Você virá comigo, não?

– Ir para onde? – Ela perguntou. Sua mãe fez um gesto com a cabeça, de onde viera.

– Eu tenho um lugar para nós, querida. Um lugar onde poderemos ficar juntas, onde é seguro e você poderá descansar. Você não precisa mais ser uma heroína.



Júlia deu um suspiro com choro e desmoronou nos braços de sua mãe, que colocou o braço em volta de sua cintura e começou a levá-la para fora da clareira.

Ela falou baixinho enquanto andavam – palavras tranquilizadoras de tal paz e conforto que Júlia quase chorou de alívio. Não existem mais lutas. E não tente mais ser corajosa.

– Ficaremos lá juntas – sua mãe disse. – É uma casa pequena e aconchegante. Eu construí um quarto para você. Não precisaremos mais sentir saudades uma da outra, porque será só para nós. Você e eu. Pedro não virá nos perturbar; seremos somente nós, querida.

E Júlia de repente estancou!

– Pedro não?

– Claro que não, querida – a mãe sussurrou. – Pedro a machucou, não foi? Pedro a traiu.

– Como você sabe disso?

Os olhos de Júlia diminuíram de repente, desconfiados.

– Eu sei tudo, queridíssima – sua mãe disse com uma risada, mas Júlia deu um passo para trás, triste. Esta não era sua mãe, não podia ser sua mãe. Sua mãe nunca falaria palavras contra nenhum dos filhos. E ela não conseguia entender isso, esta aparição, não importa quão verdadeira parecesse. O preço seria alto. Alto demais.

A mulher observou Júlia atentamente. E então a verdade ficou clara: Júlia não era criança. Em vez disso, seus olhos encontraram o olhar duro de alguém que havia enfrentado suas fraquezas e triunfado sobre elas. Ela acenou com a cabeça, se virou e foi embora.

Júlia olhou fixamente para ela, as lágrimas mais uma vez ardiam em seus olhos, e observou mais alguns instantes enquanto a águia – a águia verdadeira – circundou a clareira, guiando-a num caminho rumo ao norte. Grata e exausta, Júlia a seguiu.

Ela caminhou enquanto o sol se levantava, filtrado através da rica cobertura de folhas acima dela. O caminho gradualmente se tornou mais largo, e padrões oscilantes de luz iluminavam fracamente o chão da floresta. Raios de luz foram pegos na névoa que levantava de um riacho ali perto. O ar se tornou mais quente e gradualmente repleto de cantos e gorjeios dos pássaros e insetos. Ela percebeu que era a primeira vez que ouvia os barulhos de animais naturais em todo o tempo que tinha passado na floresta. Algo havia mudado.

Lá em cima a águia voava, subindo com o ar quente e mergulhando de novo para ter certeza de não tê-la perdido. À frente, viu o cintilar da luz do sol refletida na superfície azul cintilante da pequena lagoa que estava procurando. Ela bateu as asas e desceu para a floresta abaixo, pousando num galho alto em cima da trilha. Ela observou Júlia enquanto andava em sua direção e, então, com dois fortes impulsos das asas ela deu um mergulho e aterrissou ao lado da pequena lagoa.

Júlia sentou-se à beira da lagoa, observando-a. Com certeza, não era uma formação natural. A lagoa era perfeitamente redonda, rodeada por uma mureta baixa de pedra. Sua água era de um azul brilhante. À sua direita havia um pequeno morro coberto de árvores. E ao lado cintilava um pequeno riacho que murmurava a caminho da lagoa. *Deve ter uma nascente ali*, pensou. Ela a tocou com o dedo, e depois o colocou na boca. A água estava fria e refrescante.

Ela se deitou no chão, se esticou sob a suave luz do sol, colocou as mãos na água e bebeu. Júlia observou com prazer enquanto a superfície da água refletia as árvores acima, e a luz brilhando de tempos em tempos quando as folhas se moviam na suave brisa.

Vagarosamente, sem ser notado, um vulto se definiu dentre a verde floresta. Ele se aproximou aos poucos da lagoa e sentou-se por perto. Observou Júlia bebendo água por alguns instantes, e falou.

– Bom dia, formosa.

Júlia sentou-se abruptamente, assustada descobrindo que não estava sozinha. Mas vendo quem era, ela relaxou.

– Saudações Gaius. É bom vê-lo.

– E é bom ver você também – ele deu um grande sorriso, seus olhos brilhavam. – Você se saiu muito bem. Enfrentou a ambição, o engano e o desejo, e triunfou sobre todos. E acho que você dominou o amor-próprio também. Olhe para dentro da lagoa, o que você vê?

Júlia voltou à lagoa, abaixou-se, e olhou mais uma vez.

– Eu vejo folhas de árvores e o céu além.

– Existe mais alguma coisa?

– Não, mais nada – ela replicou confusa.

– Olhe novamente – encorajou o monge. – Há alguma coisa faltando?

Júlia olhou de novo dentro d'água e respirou profundamente.

– Eu não me vejo!

Os olhos do monge brilharam mais forte.

– Essa é a resposta que eu esperava. Você colocou o amor próprio para trás, e em seu lugar você servirá aos outros. Venha! – ele ficou em pé e lhe estendeu a mão. – Meu povo está esperando você para guiá-lo. Precisamos ir agora, e preparar a Grande Recordação!

Ele bateu palmas e a águia voou, ela não era mais necessária. Gaius os levaria de volta ao jardim.

Marcharam adiante, em direção ao jardim em ruínas e à Grande Recordação. E enquanto andavam ambos ponderaram o mesmo pensamento: “Esta noite faremos mais que lembrar do passado. Nós mudaremos o futuro”.

CAPÍTULO

15

Era a hora de testar o canhão. Pedro tinha acordado cedo, querendo planejar o dia que teria pela frente e calcular exatamente como iria lançar os lordes de Aedyn no caos. Quando o escravo entrou segurando uma bandeja com um café da manhã minguado, ele ainda não tinha certeza se o seu plano daria certo. Muita coisa ainda dependia de sorte.

Pensativo, ele mastigou o pedaço de pão amanhecido que compunha seu café da manhã, enquanto recapitulava suas opções. Elas não pareciam mais claras e não havia mais mensagens escondidas no pão! Ele simplesmente teria que esperar pelo melhor. “Quando estiver na dúvida, improvise!”, pensou. (Esse era o *slogan* de sua professora de teatro na escola. Isso tinha causado algumas versões muito criativas de *Hamlet*, de Shakespeare.)

Dois guardas chegaram para escoltá-lo até onde seria feito o teste, que havia sido preparado do lado de fora dos muros principais. Ninguém queria mais arriscar outra explosão dentro da área do castelo. De qualquer maneira os lordes de Aedyn queriam manter segredo da nova arma que esperavam adicionar ao seu arsenal. O canhão seria detonado bem longe de lugares onde as pessoas pudessem vê-lo.

Pedro olhou a sua volta, sentindo o calor do sol em seu pescoço. Notou que alguns guardas se juntavam numa plataforma elevada, de pedra, do lado de fora de um dos portões principais. Estavam reunidos em volta do canhão de argila, que haviam montado num cavalete. À frente deles estava a grande floresta, avançando para longe. O canhão apontava em direção à mata. A menos que a bala de canhão percorresse uma grande distância, eles poderiam ver onde ela tocaria o chão à frente deles.

Os guardas estavam chutando dois escravos que tinham sido instruídos a firmar o canhão na plataforma de pedra. Um saco aberto de lona com pólvora foi colocado ao lado de duas balas de canhão. Alguns cavalos andavam vagarosamente ali por perto, arrancando a grama alta que crescia ao lado das pedras – garanhões do Chacal, do Leopardo, e do Lobo, e um quarto para o comandante da guarda.

O comandante marchou em direção a Pedro.

– Mostre-nos como carregar este invento artificioso infernal. E sem truques. Está claro?

– Sim, está claro – murmurou Pedro ao derramar a pólvora dentro do cilindro e, cuidadosamente, abaixar uma bala de canhão. Ele verificou se o orifício estava cheio de pólvora, colocou um chumaço em cima, e se afastou da arma.

– Está pronto.

E estava pronto mesmo... Assim que o fogo atingisse a pólvora, tudo explodiria em seu rosto. Ele respirou fundo.

– Comandante, os cavalos vão disparar quando ouvirem o barulho da explosão. Eles podem se ferir. O senhor poderia pedir para alguém levá-los um pouco mais para trás e segurá-los?

O comandante resmungou seu assentimento e gritou para os escravos.

– Ei, vocês aí! Levem os cavalos dos lordes para perto do muro. E não ousem largá-los. Eles são muito mais valiosos que vocês! – ele, então, virou-se de novo para Pedro. – Agora diga-nos o que fazer.

Pedro olhou para a plataforma de pedra. O canhão estava no centro, a alguns metros dos cavalos que estavam contra o muro. Vários guardas, além do comandante, corriam de um lado para o outro, todos fascinados pela nova peça de tecnologia, tendo ao lado um saco de lona aberto, cheio de pólvora. O Chacal, o Leopardo e o Lobo estavam em pé um pouco distantes, vistoriando a cena diante deles. Estava perfeito.

– O canhão vai detonar uma destas balas a uma distância razoável, em direção à floresta – disse Pedro, apontando. – Quero que vocês e seus homens observem cuidadosamente pelos sinais de impacto. E depois precisamos ir até onde a bala de canhão aterrissar, e calcular a distância que percorreu. Isso nos ajudará a calibrar a arma. Está claro?

Pedro estava tentando parecer seu pai, procurando soar como um comandante e com autoridade.

– Perfeitamente. Vocês quatro! Fiquem ali. Mantenham os olhos fixos bem à frente. Não olhem à volta! Não quero que vocês percam a bala quando tocar o chão. Agora – ele se virou novamente para Pedro, que estava atento olhando para os escravos que levavam os cavalos -, o que mais?

– Bem – ele disse, tentando parecer mais uma vez um emissário de Albion -, eu deveria ter o privilégio de disparar a arma. Afinal de contas, eu a desenhei. Só preciso de um fósforo.

Ele olhou sobre seus ombros com expectativa.

Pedro estava arriscando e se saiu bem. O comandante olhou para ele desconfiado.

– Ah! não, não vai não. De jeito nenhum vou deixar um menino como você detonar esta coisa. Agora, me mostre o que fazer, e sem truques.

Pedro, fazendo de conta que estava desapontado, acenou com a cabeça e deu um passo atrás para permitir que o comandante pudesse ver mais claramente.

– Você acende o fósforo, e o segura contra esta estopa aqui. O pó pegará fogo, e isto se espalhará pelo corpo do cilindro. O restante do pó explodirá e impulsionará a bala para bem longe no campo. Haverá muita fumaça e muito barulho. Isso quer dizer que funcionou.

O comandante acenou com a cabeça seriamente.

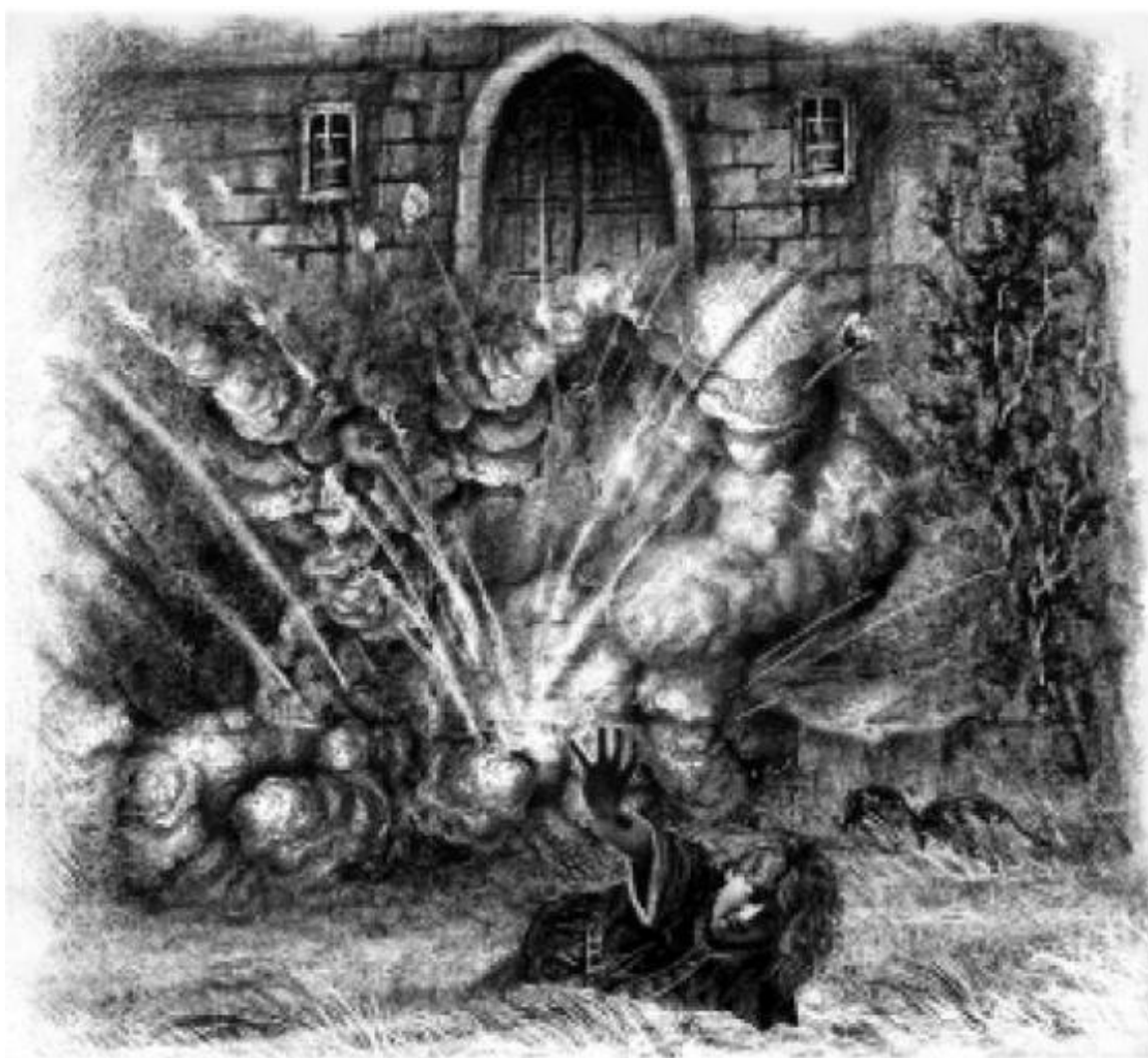
– Entendido. Homens, preparem-se!

Ele olhou em volta e Pedro se afastou depressa. Ele começou a andar em direção aos cavalos, esperando que ninguém notasse o que estava fazendo. A sorte parecia ao seu lado agora.

– Três! Dois! Um! Aqui vamos nós...

A voz do comandante enfraqueceu na distância enquanto Pedro saiu correndo a toda velocidade. Ele precisava pegar os cavalos antes...

A



força da explosão atingiu Pedro entre seus ombros. Ele foi lançado para a frente e tropeçou na grama, lançando suas mãos para a frente para se segurar. E então, na fumaça e no meio do caos, ele se levantou e correu até os cavalos. Ele se lançou sobre o cavalo do comandante, arrancou a rédea da mão de um escravo extremamente confuso, e começou a cavalgar de modo selvagem, por entre as nuvens

de fumaça asfixiante e de fragmentos, em direção à floresta. O cavalo respondeu bravamente a sua insistência, saltando por cima de cercas e riachos e galopando em direção à massa verde de árvores no horizonte. Liberdade! Mas o coração de Pedro se deprimiu ao ouvir aquele som que temia, o som que ele esperou nunca ouvir: o som dos outros cavalos atrás dele. Ele estava sendo perseguido.

Era difícil pensar em qualquer estratégia quando ele estava tão focado em guiar o cavalo para a segurança e ficar ereto na sela. Seu único plano era a velocidade. O cavalo respondia ao seu estímulo e continuou energicamente, apesar das dificuldades, em direção à segurança das árvores. Era um bom cavalo. “Era um puro sangue”, ele pensou vagamente. “Um cavalo que seria um campeão lá na Inglaterra”, mas que não podia livrar-se de seus perseguidores. Ele não ousou olhar para trás, pois poderia perder o equilíbrio, mas continuou forçando o cavalo a correr mais e mais.

Minutos pareciam horas enquanto o cavalo galopava em direção às árvores, com suas narinas tufadas. Ele estava quase chegando! Talvez pudesse perder seus perseguidores nas árvores... Pedro podia ver que havia uma abertura à frente, quem sabe levando a uma trilha. As árvores correram ao encontro dele, e se abriram para permitir que ele entrasse no santuário delas. Ele guiou o cavalo na direção certa, tendo esperança que ele não se assustasse com a massa de árvores. E atrás dele, ainda podia ouvir a impiedosa batida dos cascos. Ele não tinha conseguido livrar-se de seus perseguidores.

Pedro refreou o cavalo, levando-o para fora da trilha e para dentro das árvores. Ele acariciou o animal, falou baixinho com ele e apeou.

Dois vultos passaram por ele devagar, claramente em sua busca. Pedro observou enquanto um apontou e murmurou para o outro. Ambos desceram do cavalo e se aproximaram a pé. Seu coração batia mais forte do que jamais havia batido, até mesmo durante a explosão, Pedro apressadamente buscou à sua volta por qualquer coisa que pudesse servir de arma. Não havia espadas presas à sela do cavalo nem boas pedras nos arredores.

Pedro olhou para cima ciente que tudo havia ficado muito quieto. E então, para o seu espanto, ele viu dois escravos diante dele.

– Lorde Pedro – disse o primeiro, com cabeça baixa –, Nós poderemos mantê-lo a salvo da perseguição.

– Eu... o que? – Pedro manteve a mão na sela do cavalo, pronto para fugir a qualquer momento.

– Precisamos ir mais para dentro da floresta, – disse o segundo escravo. – Eles certamente vão mandar destacamentos de busca. Precisamos permanecer entre as árvores. Trilhas podem ser seguidas.

– Eu sou Filipe – disse o primeiro escravo, percebendo a hesitação de Pedro. –

Este é André. Nós só precisamos continuar mais um pouco, pois os guardas têm medo da floresta. Mas precisamos ir logo.

– Venha, vamos – disse André, e Pedro acenou com a cabeça assentindo. Pois que escolha ele teria agora?

Os três montaram e entraram na floresta. Pedro notou que os escravos o estavam guiando. Eles pareciam saber onde ir.



Dentro do castelo os lordes de Aedyn faziam uma conferência secreta, tentando entender os relatórios que chegavam até eles e a curiosa evidência por eles vista. O canhão havia explodido, incendiando a sacola de pólvora que estava ali perto. Fragmentos de argila e a força da explosão tinham ferido seriamente cinco soldados, queimando um de tal forma que não podia ser reconhecido, e o inútil comandante dos guardas foi morto instantaneamente. “Foi um dia horrível de fato”, pensou o Lobo.

Ele olhou com severidade para o homem que tremia diante dele. “Um dia mais horrível que a maioria para ele”, pensou.

– Sua culpa novamente, Anaximaner – disse ele sem emoção. – Você fracassou, como sempre. Falhou completa e miseravelmente. E agora antes que você morra, me responda uma coisa:

– Onde está o traidor Pedro, e quando terei o prazer de enforcá-lo?

Anaximaner encolheu-se de medo diante dos lordes. Ele sabia que eles não ficariam satisfeitos com o que tinha a dizer, mas sua sorte seria pior se ele escondesse.

– Não há sinal do honrado estranho. Nem há sinal dos dois escravos que estavam ajudando no... teste.

O Leopardo saltou de seu trono rangendo os dentes.

– Você está me dizendo que eles fugiram? Os três?

Anaximaner queria que a terra se abrisse e o engolissem. Como isso não aconteceu, ele acenou com a cabeça e continuou.

– E estão faltando três cavalos também. Parece que os desertores sequestraram os animais e foram para a floresta.

Para isto não houve resposta: os lordes ficaram em silêncio. E então Anaximaner viu que as juntas do Lobo estavam brancas ao agarrar os braços de seu trono. Ele se levantou para chamar os guardas, e lorde Chamberlain foi arrastado para fora do salão, gritando.

Sem perder tempo, o Chacal virou-se para os outros.

– E o que aconteceu com o canhão? Devemos concluir que ele funcionou de forma errada acidentalmente? Ou que o traidor deliberadamente o desenhou para que

explodisse?

– Nós mesmos vimos – o Leopardo o lembrou. – O comandante detonou o canhão, não o estranho. Eu sugiro – e aqui ele começou a parecer muito orgulhoso, de fato – que façamos mais destes canhões e que vejamos se conseguimos que eles funcionem adequadamente. Não temos nada a perder fazendo isso.

O Lobo acenou com a cabeça. Muito bem. Podemos precisar dessas armas logo se nós tivermos que enfrentar a ameaça da floresta.



No meio da floresta estavam sendo feitos os preparativos para a Grande Recordação. Os assentos no jardim estavam gradualmente sendo ocupados, apesar de ser óbvio que o jardim fora preparado para receber uma multidão maior. Muitos estavam ausentes. Mas os poucos fiéis se reuniram – Lucas e seu bando de homens, vestidos do verde característico, Alice e Helena, e aqueles que não haviam sido recrutados como escravos dos lordes dentro do castelo. Havia entusiasmo no ar e rumores agitavam a multidão. Este ano seria diferente!



Júlia foi levada a um lugar atrás do trono de pedra onde esperou enquanto as outras pessoas encontravam seus lugares. Ela estava com uma túnica de um branco brilhante. Alice tinha ajudado Júlia a se vestir, penteado seu cabelo até que ele brilhasse como ouro sob o sol do fim da tarde. E agora ela esperava para ser chamada à frente.

Quando o sol finalmente não podia mais ser visto, o silêncio sobreveio na assembleia. Uma grande águia voou das alturas de uma das árvores ao redor, com suas majestosas asas batendo no ar enquanto descia. Ela aterrissou no chão em frente ao grande trono vazio no centro do jardim. Alguns instantes mais tarde, Gaius, também vestido de branco, sentou-se no trono. Ele olhou para a multidão e falou.

– Amigos, eu sou o guardião das nossas memórias. Vocês todos sabem que esta noite é uma noite especial. Não é igual a nenhuma outra noite do ano. Porque esta é a noite da Grande Recordação, quando nos lembramos como saímos da amaldiçoada terra de Khemia para esta bela terra de Aedyn! Os tenebrosos lordes de Aedyn nos proibiram de falar a respeito disto, mas a verdade nunca pode ser silenciada! Não podemos esquecer da história verdadeira do grande êxodo de Khemia. Vocês precisam saber essa história de cor. Escrevam em suas mentes e gravem em seus corações! E lembrem-se bem: a história ainda não acabou. Ela não terminará até que o Senhor dos Exércitos volte e nos redima.

Então ele fechou os olhos, e começou a falar com uma voz que Júlia nunca tinha ouvido – uma voz que não parecia a dele. Era uma voz repleta de memória, uma voz

repleta de dor. O monge carregava com ele cinco séculos de lágrimas e angústias, ela lembrou.

– Esta noite não é como nenhuma outra noite – Gaius disse. – Porque nesta noite nós nos lembramos de como o Senhor dos Exércitos nos tirou de Khemia. Ele nos arrancou dos braços da destruição e nos trouxe para este rico e agradável lugar. Lembramo-nos com gratidão, de seu servo Marcus, que fielmente nos guiou para esta terra.

Júlia notou, à sua volta, que estavam passando entre eles algum tipo de alimento. Aqueles que tinham muito compartilhavam com aqueles que não tinham nada. Alice veio e se sentou do lado de Júlia, colocando algo em sua mão. Júlia examinou cautelosamente. Parecia algum tipo de peixe seco.

– Nesta noite, nós comemos peixe salgado. Por que comemos peixe salgado nesta noite do ano, e em nenhuma outra? Para lembrarmos que o Senhor dos Exércitos nos trouxe para cá pelo grande mar salgado, para esta terra boa e fértil. Quando comemos este peixe, lembramos o que o Senhor fez por nós e aguardamos pelo que ele vai fazer. Irmãos e irmãs, comamos, lembremo-nos e tenhamos esperança! Um dia o Senhor voltará! Nós vivemos com esperança!

Houve silêncio no jardim durante um instante, quebrado só pelo barulho de mastigação. Júlia não gostava de peixe, mas, percebendo que não era hora de ser enjoada, colocou o pedaço em sua boca e tentou engoli-lo rapidamente. Depois que todas as pessoas comeram, Gaius retomou o discurso.

– Amigos, não podemos jamais esquecer quem realmente somos! Somos as pessoas que Deus trouxe pelo mar. Foi para nós que ele deu esta bela terra. Somos as pessoas com quem ele fez uma aliança, comprometendo ser fiel a nós da mesma maneira que fomos fiéis a ele, para sempre. Sempre!

Gaius olhou a sua volta. O tom de sua voz mudou novamente ao começar a falar de como as coisas deram errado – a grande pergunta de Aedyn, Júlia lembrou.

– Mas houve aqueles que quiseram ser reis. Eles quiseram governar, e não servir. Eles queriam poder, e não responsabilidade. Nós fomos traídos e agora todos somos escravos dos tenebrosos lordes de Aedyn. Seu poder vem das armas, e não da justiça. Esta não é a maneira que as coisas deveriam ser! Nós não temos rostos nem nomes para estes lordes tenebrosos. Todavia – e aqui uma nota de uma gentileza silenciosa veio à sua voz –, cada um de nós é conhecido por nome pelo Senhor dos Exércitos. E nada que os lordes fizerem mudará isso!

Aplausos e gritos ecoaram ao redor do jardim. Mas Gaius ainda não tinha terminado.

– Todo ano, todo ano durante cinco séculos, temos esperado por libertação. Temos nos reunido neste jardim para lembrar o passado e esperar pelo futuro. Aqui está o trono do Senhor! E aqui está o altar onde o Senhor fez essa aliança conosco!

Está tudo em ruínas. Mesmo assim os lordes de Aedyn governam, e ainda somos pisados por seus pés. Mas um dia nosso paraíso será restaurado e, mais uma vez, seremos livres!

A multidão bradou aprovação. Eles viviam com esperança, mesmo que a cada ano que passasse vissem a esperança diminuir. E quem poderia viver sem esperança? Gaius fez uma pausa. Normalmente, neste ponto da história ele pediria que fossem pacientes, e tivessem esperança. Mas naquela noite sua mensagem seria diferente.

– Meus amigos, nós acreditamos que o Senhor a quem buscamos, um dia aparecerá nesta terra – sua terra! Nós cremos que ele voltará, dominará os tiranos e déspotas, e estabelecerá seu justo governo. E esta noite tenho boas notícias a serem proclamadas por toda esta ilha.

Os fiéis ali reunidos estavam imóveis, não ousando, depois de tantos anos, acreditar no que estavam ouvindo. Isso era o que eles esperavam ouvir havia gerações, e era quase assustador acreditar que o dia chegara. Os olhos brilhantes de Gaius examinaram os ouvintes, esperando o momento certo para comunicar sua mensagem.

– Esta noite é diferente! Porque o Senhor dos Exércitos mandou seus mensageiros para preparar seu caminho nesta terra e em nossos corações! Vocês todos sabem da profecia da vinda deles, escrito em nossos livros sagrados. Sua vinda seria uma promessa de que o Senhor mesmo ouviu nossos clamores e se compadeceu de nós. Um deles nos libertará! O que nós desejamos ardentemente acontecerá. O Senhor livrará o seu povo da escravidão.

De repente, a multidão ficou em completo silêncio quando Gaius desceu do trono de pedra. Ele voltou logo depois trazendo Júlia, a túnica branca destacava seu cabelo dourado. Ao ficar em frente a eles Gaius se curvou diante dela, e depois virou para o povo.

– A Libertadora está aqui!

A multidão se levantou. O tempo parou. E Júlia, que nunca havia sido ninguém de muita importância, de repente ficou muito tímida e muito entusiasmada ao mesmo tempo. Finalmente, Gaius falou novamente.

– Espalhem a notícia por toda esta terra. O Senhor dos Exércitos vem vindo! As velhas tristezas passarão. O Senhor fará todas as coisas novas! Vocês todos sabem o que deve ser feito. Vamos nos preparar para a restauração de Aedyn!

A aclamação ressoou durante toda a noite, flutuando acima até a distante fortaleza. Os lordes de Aedyn estavam com os dias contados.

CAPÍTULO

16

Que barulho é esse?

Bem no profundo da floresta Pedro e os dois escravos pararam. Seus cavalos relincharam nervosos com o barulho vindo do oeste. André e Filipe se entreolharam e acenaram com a cabeça.

– Vem do jardim. É a noite da Grande Recordação.

– Devemos ir para lá imediatamente, – disse Filipe. – É a reunião daqueles que confiam no Senhor dos Exércitos. É quando ouvimos a grande história do nosso passado. Os lordes tenebrosos suprimem tudo que se fala a respeito do Senhor dos Exércitos. Eles têm esperança que isto fará que nos esqueçamos dele. Mas não poderíamos nos esquecer dele da mesma maneira que não nos esquecemos de nossos pais ou – ele trocou um olhar significativo com André – nossos filhos.

Pedro não entendeu nada, mas não viu razão para perguntar. Eles cavalgaram vagarosamente em direção ao jardim, guiados somente pela lua que acabara de aparecer enquanto iam pelas trilhas escuras da floresta.

Não demorou muito – de fato, só alguns instantes mais tarde – eles chegaram ao jardim. Pedro o reconheceu imediatamente da noite que haviam passado ali – parecia ter sido séculos atrás. Mas o lugar não estava mais abandonado. Um grupo de homens de verde corria de um lado para o outro com entusiasmo. E quem seria aquele homem idoso que parecia o centro das atenções? Por que será que André e Filipe correram para falar com ele?

E quem era aquela mulher de branco sentada no trono? Ela parecia um pouco familiar. E então Pedro olhou fixamente espantado. O que Júlia estaria fazendo naquele trono?

Júlia percebeu um pouco do movimento na extremidade do jardim. Três novas pessoas tinham chegado. Dois eram escravos, sem dúvida atrasados para a cerimônia, mas o outro era diferente, seu cabelo bem mais claro do que os negros cachos ao seu redor. Pedro!

Júlia apertou a mão na boca. Ela nunca pensou que o veria de novo. Ela *não queria* vê-lo novamente. Ele era seu irmão, mas, a tinha traído... não tinha? Júlia estava presa no lugar, congelada pela indecisão. Parte dela queria correr e abraçar o irmão; o restante dela queria fugir dele o mais rápido possível. E então virou a

cabeça para não vê-lo.

Pedro olhou fixamente para a irmã querendo abraçá-la – uma emoção que ele não lembrava ter sentido antes. Todavia, ela não mostrou nenhum interesse nele. Será que era porque tinha medo dele? Ou porque ela havia feito algo errado? Certamente ela compreendia que ele tinha tentado salvar sua vida! Ele também ficou imóvel, como Júlia, sem saber o que fazer.

Por alguns instantes, tudo ficou calmo e quieto. Então Gaius foi à frente, a passos largos, pegou Júlia pela mão, e a levou em direção ao irmão.

– Acho que houve algum mal-entendido entre vocês – ele disse com sua simplicidade característica. Os olhos de Júlia faiscaram com fúria.

– Eu acho que é algo mais que um mal entendido, Gaius, eu chamaria de traição.

Gaius acenou com a cabeça.

– Ah! – ele disse. – E pareceria isso mesmo para alguém que não entendesse totalmente o que viu. Venham. Vamos sentar e conversar um pouco – ele virou e fez um gesto em direção ao pequeno lago que ainda brilhava, prateado. Pedro e Júlia sentaram ao lado dele à margem, tentando não olhar um para o outro.

– Pedro, por que você não começa? – Gaius perguntou gentilmente. – Conte-nos o que aconteceu nos últimos dois dias.

Pedro respirou fundo e então percebeu que realmente não sabia por onde começar. Porém, dando uma espiada em Júlia com o canto dos olhos, ele sabia que teria de começar por ela.

– Eu não sabia o que fazer – ele disse. – Eu pensei que eles fossem homens de entendimento. Pensei que fossem – ele engoliu em seco – homens científicos. E eles me disseram que eu poderia ser um príncipe – Pedro parou e olhou, timidamente para Júlia.

– Os lordes disseram que estávamos condenados à morte. Algo a respeito de traição, eu acho. Decidi, então, fazer um trato com eles. Eu já tinha mostrado como fazer a pólvora, e tudo que precisavam era uma arma na qual utilizá-la.

Ele fez uma pausa e novamente olhou de lado para Júlia, que fingia ignorá-lo.

– Eu disse que lhes mostraria como fazer um canhão se eles libertassem Júlia.

Os olhos de Júlia abriram brilhando. Então ela ouvira mal...

– Eles concordaram. Fiquei em cativeiro domiciliar enquanto desenhava o canhão, mas o desenhei para que falhasse, eu estaria lá no dia do teste, e tinha a esperança de poder fugir em meio à confusão da explosão que eu sabia que iria acontecer. Sabia que talvez não conseguisse, mas estou feliz por ter me arriscado.

Gaius acenou com a cabeça encorajando-o a continuar.

– O comandante da guarda insistiu em disparar o canhão. Foi então que percebi que conseguiria fugir. Fui em direção aos cavalos e tentei. Eu tinha deixado um saco de pólvora aberto perto do canhão. As faíscas da explosão fariam que aquilo

explodisse também. Ninguém conseguia ver nada por causa da fumaça e consegui fugir a cavalo.

Pedro sacudiu os ombros e começou a tirar, de forma distraída, a grama em volta de seus joelhos.

– E agora Júlia – disse Gaius, muito gentilmente –, talvez você deva contar a seu irmão qual foi a sua experiência.

Júlia não tinha certeza do que falar. O que ouvira nos últimos instantes fez que ficasse profundamente envergonhada. Ela devia ter confiado em Pedro. Ele fez coisas erradas, mas ele não a abandonara. Havia uma enorme diferença entre fracasso e traição.

– Nós estávamos no Grande Salão e acabávamos de ser condenados à morte. E então, ouvi fragmentos de uma conversa... Pensei que Pedro estivesse fazendo um trato para salvar a vida dele. Eu não tinha ideia que ele estivesse tentando salvar a minha.

– O que aconteceu depois? – o monge estimulou.

– Fui levada a uma cela. Eles a chamavam de Jaula da Morte.

Ela ficou em silêncio por um instante, e então falou rápido, olhando fixa e firmemente para os olhos de seu irmão.

– Eu estava prestes a perder a minha vida e acreditava que já tinha perdido meu irmão. Eu não sabia o que era pior. E então me lembrei do Senhor dos Exércitos. Eu chamei por ele, e ele me mandou o resgate.

Lágrimas corriam de seus olhos, e ela também, de repente ficou interessada na grama.

– Sinto muito – ela murmurou e levantou a cabeça. Depois olhou para Pedro e disse: – Eu sinto muito mesmo.

– Venham agora – disse Gaius. – O tempo das lágrimas e de desconfiança passou, e temos trabalho mais importante a fazer.

– Lucas! – ele chamou a Lucas, que deixou seu grupo de homens e foi até o pequeno lago. Ele ajoelhou-se ao lado de Gaius, acenando com a cabeça num breve cumprimento a Pedro.

– A hora de lutar chegou – disse o monge. – Mas antes existe a questão das crianças.

– Assim que lutarmos, elas morrerão – disse Lucas, de forma simples. Gaius acenou a cabeça concordando.

– Então teremos que libertá-las primeiro! – disse Pedro, e Júlia levantou a cabeça e sorriu para ele. – Isso nos deixa apenas com uma pequena questão, de encontrar o lugar onde estão presas.

– Ah! Agora acho que posso ajudar – disse Lucas. – Gerson! Precisamos de informações sobre as crianças. Conte a Gaius sobre sua missão de patrulha.

Gerson era um homem robusto, que não tinha ainda chegado aos 40 anos, e seus braços eram repletos de músculos. Seu rosto ficou sério ao falar.

– Existe um prédio que fica ao pé da montanha, abaixo do castelo. Nós sempre presumimos que fosse um armazém de grãos. O que sabíamos é que *era* um armazém, até que fugimos, e eles levaram as crianças. Mas na nossa última ronda pelo lado de fora da floresta percebemos que os guardas, lá do lado de fora do prédio, foram triplicados. Ele é cercado por muros altos, tão altos que dois homens adultos não poderiam ver por cima se ficasse um em cima do ombro do outro. A única entrada é um portão no muro. Nós nunca conseguiríamos arrombá-lo – ele disse.

– E você tem certeza que as crianças estão presas ali? – perguntou Júlia.

– Tanto quanto podemos ter, minha lady – respondeu Gerson. – Que outra razão eles teriam para guardá-lo com tantos homens?

– E como chegaremos até as crianças se não conseguirmos passar pela porta? Vamos pular o muro?

– Eu acho que não, honrada – disse Lucas. – As crianças nunca conseguiriam nos seguir para fora, não em silêncio. E nós não podemos arriscar que os guardas percebam.

– Esta seria uma hora perfeita para usarmos um pouco da sua pólvora – disse Júlia, e Pedro fez um barulho que foi quase uma risada.

– Você nos levaria lá? – ele perguntou a Lucas. – Talvez vejamos alguma coisa... Talvez encontremos uma maneira.

Lucas olhou para Gaius que acenou com a cabeça concordando. Ele se levantou e deu a mão a Júlia para ajudá-la a se levantar. Vocês deverão se mover silenciosamente. E com ligeireza.



Eles estavam logo abaixo do cume de um morro repleto de árvores, olhando para o prédio não tão distante. Pedro fez sombra para os olhos, para que pudesse ver melhor sob o sol de quase meio-dia. Eles haviam caminhado a noite toda, mas longe de estar exausto Pedro estava ansioso – talvez um pouco ansioso demais, na opinião de Júlia – para atacar a prisão.

– Qual é a distância daqui? – seus olhos entusiasmados olhavam para o prédio.

– Uma caminhada de meia hora, lorde Pedro – replicou Lucas. – E não seremos vistos nos primeiros vinte minutos, por estarmos passando pela floresta. Mas uma vez que estivermos além das árvores, os guardas poderão nos ver. Não estaremos em perigo, pois somos muitos. Mas os guardas dentro do prédio serão avisados. E, então, o prédio todo estará fortemente trancado quando chegarmos lá.

– E não há maneira de nos aproximarmos sem sermos vistos? – perguntou Júlia.

– Não minha lady. Nós teremos que andar por lá durante a noite, para não sermos vistos – ele fez uma pausa percebendo seu desapontamento. – Nós somos doze. Podem ser até vinte guardas, e todos têm espadas. Nós só temos bastões de madeira. Eles terão vantagem sobre nós, e só os tolos entram numa batalha sem ter vantagem. Mesmo que conseguíssemos pegá-los de surpresa, eles logo se recuperariam. Não tenho certeza de que poderemos vencer. E lembre-se que eles podem ter ordens de matar as crianças se o prédio for atacado.

Pedro espreitou a distância.

– Parece ter um riacho que vai da mata até o complexo. Você acha que alguém poderia rastejar ao longo da margem sem ser visto?

Lucas deu alguns passos para a frente, examinando o riacho e suas margens íngremes com os olhos treinados de um lenhador. Ele acenou com a cabeça.

– As margens parecem altas o suficiente. Suficiente para esconder alguém se essa pessoa ficar abaixada enquanto dá a volta. Ela poderá chegar até o muro de fora e nos contar o que viu por lá.

Pedro considerou as opções. Pode ser que funcione. Eles teriam que encontrar a nascente do riacho dentro da floresta e ver se suas margens eram altas suficientes para servir de cobertura. Ele suspirou. Sua primeira grande operação militar não seria fácil.

Júlia deu um forte suspiro – um suspiro que indicava que ela havia cessado de brincar e estava pronta para trabalhar.

– Vamos – disse ela. – Não podemos perder mais tempo nisso; precisamos agir. Precisamos devolver aquelas crianças a seus pais.

Ela olhou para Pedro e ele para ela, e ambos abriram enormes sorrisos, ao pensarem na mesma coisa exatamente ao mesmo tempo.

– Vamos – ela disse novamente, e estendeu a mão para ele. Pedro pegou a sua mão e começaram a andar entre as árvores, saindo da cobertura da floresta e deixando Lucas e seus homens para trás.

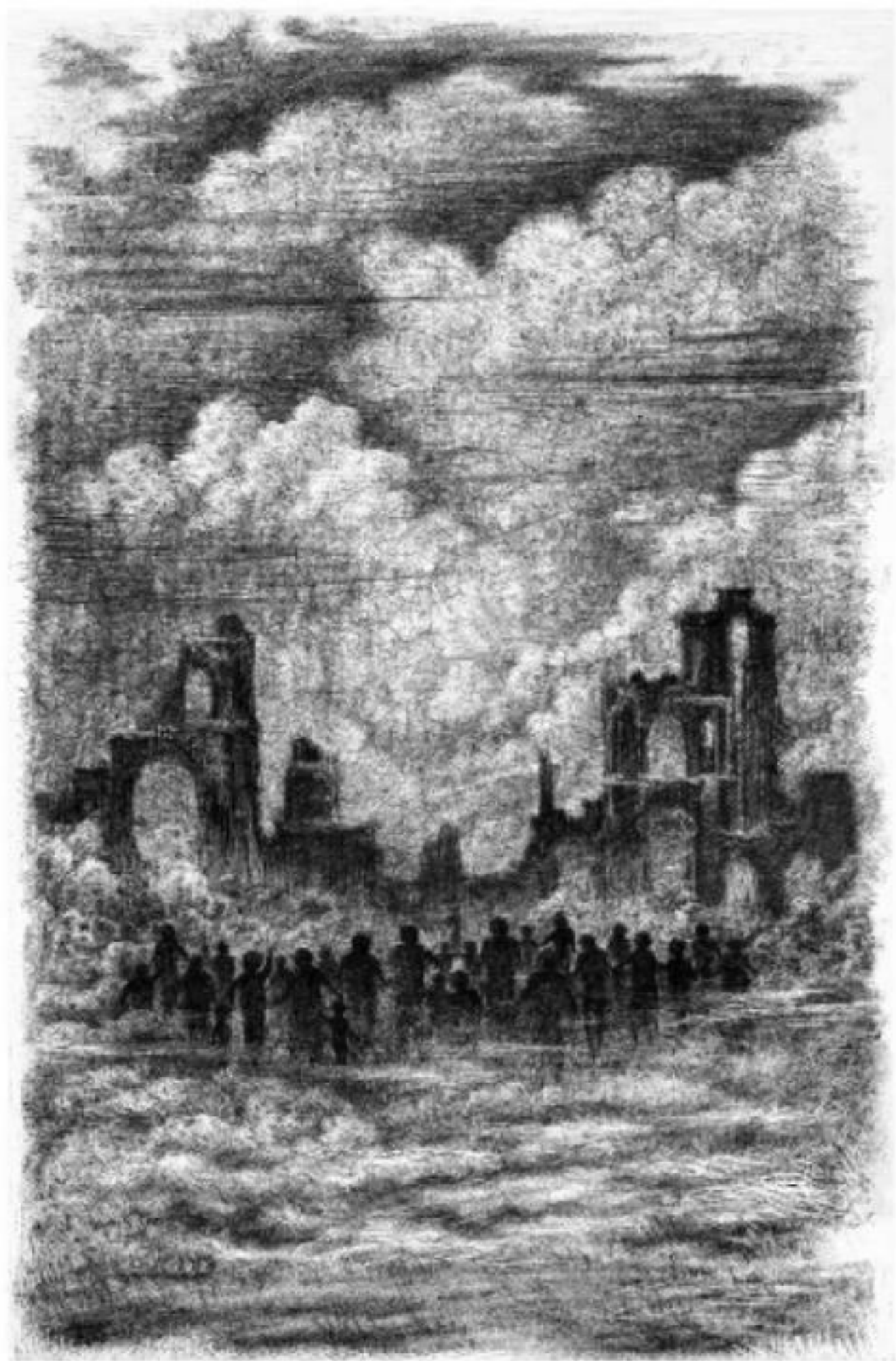
Eles ouviram os homens fazendo barulho – ouviram seus protestos e a ordem para parar, para voltar para a segurança das árvores, e não jogarem suas vidas fora brincando de heróis. E, enquanto caminhavam para fora da floresta e para o brilho forte do sol, as ordens pararam quando Lucas e seus homens voltaram para a segurança da mata.

Pedro e Júlia continuaram andando juntos de mãos dadas até que chegaram perto do portão. Tão perto que poderiam ter entrado correndo por ele... Mas agora os guardas os tinham visto, e sacado suas espadas. Eles olharam um para o outro, seus cabelos claros despenteados pela brisa, apertaram as mãos, e gritaram.

Os guardas caíram de joelhos, as mãos apertadas sobre seus ouvidos, enquanto os gritos ecoavam pelo ar. E então, acima do barulho dos gritos, podia-se ouvir o

barulho de uma rachadura – fraca no começo, e depois mais alta. Se os guardas estivessem olhando teriam visto uma fenda no muro, e teriam visto a fenda crescer até que os muros caíram numa grande nuvem de poeira.

E, quando a poeira se foi, os muros tinham caído e as crianças estavam livres. Elas estavam sujas e magras, mas salvas. Começaram a andar devagar, como se estivessem sonhando, as mais novas segurando nas mãos de seus irmãos e irmãs mais velhos. Eles não reconheceram os estranhos de cabelos claros diante deles. Então Lucas e seus homens saíram da floresta, e as crianças começaram a correr e a rir, enquanto iam para os braços que as esperavam.



CAPÍTULO

17

Os lordes de Aedyn reuniram-se para uma reunião de crise no Grande Salão. Só Solon, o novo comandante da guarda, estava em pé diante deles. Anaximander apodrecia na cela, aguardando sua execução por seus atos de traição.

– Enfrentaremos uma catástrofe a não ser que ajamos de modo decisivo! – dizia o Leopardo, andando de um lado para o outro no chão liso e ladrilhado. Suas mãos estavam presas uma à outra atrás de suas costas enquanto falava. – Os dois estranhos fugiram. Nosso lorde Chamberlain provou que não é confiável, e as crianças mantidas como reféns foram libertadas por aqueles desgraçados foras da lei!

– Sim – disse o Lobo, devagar. – Comandante, por favor, conte-nos como aconteceu esse triste fato.

Solon, que dissera a ele mesmo, que não precisava ter medo dos lordes em sua nova posição, começou a tremer.

– Foi... foi algo não deste mundo, meus lordes – ele disse. – Meus homens viram os estranhos se aproximarem e mandaram que parassem, mas eles não pararam. Eles desembainharam as espadas, prontos para matar, e os estranhos... – ele fez uma pausa, tossiu e olhou a sua volta – Eles gritaram.

– Gritaram? – o Lobo repetiu. Solon acenou com a cabeça engolindo em seco.

– Eles gritaram, meu lorde. Gritaram de maneira que poderia ter abalado o sol no céu. O som abriu a porta e arrebentou todas as janelas, e... E sacudiu as correntes dos cativos. Meus homens ficaram paralisados, meu lorde, e seus ouvidos ainda doem.

– E as crianças? – perguntou o Chacal. – O que aconteceu com as crianças?

– Elas saíram correndo – disse Solon de forma miserável. – Saíram correndo e entraram na floresta junto com os estranhos.

– Ah! – disse o Lobo, e Solon começou tremer mais ainda.

– Estamos muitíssimo insatisfeitos – o Lobo continuou. – E se não tivéssemos ouvido uma história parecida, pelos nossos patrulheiros, de tal grito horroroso alguns dias atrás, sua vida não valeria o fôlego usado para proferir seu nome. Você entendeu?

Solon acenou com a cabeça. Ele havia entendido.

– Você deve assegurar que os guardas estão inteiramente mobilizados e prontos a rebater qualquer ataque desses bandidos. Isto pode acontecer a qualquer momento. E você tem que se certificar que os escravos nunca saibam sobre as crianças.

O Lobo acenou com a mão. A audiência estava claramente encerrada. Solon se curvou e saiu do Grande Salão tão rápido quanto a decência permitia, e grato por ainda estar vivo.

O Lobo andou de um lado para o outro da sala depois que seu novo comandante tinha saído, admitindo a ele mesmo que, pela primeira vez durante séculos, ele estava preocupado. Ele passou os dedos no amuleto de ébano em seu pescoço enquanto ponderava a respeito da situação. Seu domínio do poder escapava, e agora havia uma verdadeira ameaça de revolta dos escravos.

O Leopardo, parecendo ler seus pensamentos, quebrou o silêncio.

– Tudo está caindo aos pedaços a nossa volta – ele disse. – Não existe ninguém em quem se possa confiar; e ninguém que possa enfrentar este novo poder. Estamos arruinados!

O Lobo se virou com muita fúria e *cuspiu* sua resposta.

– Já triunfamos no passado e vamos triunfar novamente! Não quero mais ouvir esse tipo de comentário!

O Leopardo que tinha vivido quinhentos anos sem medo, começou a experimentar esse sentimento. O Lobo deu as costas para o Leopardo, e continuou:

– Precisamos, agora, colocar nossa atenção em prevenir uma revolta dentro do castelo. Vamos instituir uma política de terror. Quando tivermos acabado com eles, qualquer pensamento de rebelião morrerá em seus corações. Guardas!

Dois homens encouraçados entraram no Grande Salão, silenciosamente esperando as ordens.

– Tragam Anaximander de sua cela. Digam a ele que será restaurado a nosso favor se mostrar aos escravos o significado do medo.



Até a hora do jantar, as crianças chegaram ao jardim, sendo recebidas com gritos e lágrimas de alegria. Depois de uma noite de comemorações e uma boa noite de sono, Gaius, Pedro, Júlia e Lucas se reuniram ao redor da mesa do café da manhã para fazerem planos para a libertação de Aedyn. Sentaram-se ao redor de uma grande mesa de madeira com uma série de mapas à frente deles, enquanto não muito longe no jardim, Alice e Helena estavam sentadas cercadas por uma multidão de crianças, todas rindo a valer.

Gaius estava numa conversa profunda com Lucas sobre estratégias militares, discutindo qual seria a melhor maneira de atacar o castelo. Agora eles tinham vinte espadas, capturadas dos guardas no dia anterior. Pela primeira vez, eles seriam

capazes de enfrentar as forças dos Lordes de Aedyn em combate.

– Vinte espadas – Lucas disse. – As espadas serão de ajuda, é claro, mas lutaremos contra uma multidão – talvez centenas de homens. Nós simplesmente não temos o número suficiente para enfrentá-los numa batalha.

– Não, não temos – Gaius concordou firmemente. – Mas talvez exista uma maneira.

Ele virou-se para Júlia, que parecia muito quieta.

– Existe uma caverna a menos de uma hora a pé daqui. Uma caverna guardada por um mensageiro do Senhor dos Exércitos. Nessa caverna há centenas de arcos e flechas e aljavas.

Os olhos de Lucas se arregalaram.

– Você nunca me disse isso – ele falou, com voz acusadora. Gaius sacudiu a cabeça.

– Quem sabe, meu filho, quando você tiver vivido quinhentos anos, também achará que, às vezes, é melhor guardar segredos! – seus olhos piscaram sob suas densas sobrancelhas. – Essas são as flechas que Marcus trouxe com ele de Khemia, as flechas que os lordes não destruíram. Eles as mantiveram escondidas, mas eu coloquei minha proteção no esconderijo. Um mensageiro do Senhor dos Exércitos mantém guarda à porta. Ninguém, a não ser o Libertador, poderá entrar e pegar o que está escondido – ele disse. – E esse dia está próximo.

Lucas se inclinou para a frente, seus olhos brilhavam.

– Com flechas poderemos atacar a distância – ele disse. – Podemos distrair os lordes com um ataque e enviar um grupo de homens para libertar os escravos que ainda estão presos lá dentro. Com cem arcos, terei o suficiente para armar todos os meus homens e mais, além daqueles do castelo que se juntarem a nós.

Só havia um problema...

– Gaius, você nos ensinaria a usar esses arcos?

O monge sacudiu a cabeça.

– No meu tempo, eu era um estudioso e não um guerreiro.

– Então eles não terão utilidade para nós?

O rosto de Pedro se abriu num sorriso, porque mesmo que fosse bobagem, lá no curso de Sobrevivência na Mata e na Navegação havia uma coisa que ele sabia fazer bem.

– Eu acho que posso ajudá-los – disse ele.



Mais tarde naquele dia, ele e Júlia saíram à procura da caverna escondida. A caminhada não foi longa nem árdua, e eles passaram o tempo num silêncio amigável.

Seguindo a águia, que voava logo à frente deles, logo se encontraram no pé de um

morro. Ao olharem mais de perto, notaram que os arbustos, apesar de muito crescidos, pareciam muito alinhados e em ordem para terem crescido ali naturalmente. Em certo ponto, havia uma cortina de trepadeiras que iam do chão até o topo do morro. Pedro começou a colocá-las de lado, abrindo caminho entre espinhos e farpas até chegar à caverna. Ela estava tão bem escondida que ninguém poderia tê-la encontrado se não soubesse onde procurar.

Ele estava a ponto de entrar na caverna, Júlia logo atrás dele, quando uma voz retumbou em seus ouvidos. Ele olhou ao seu redor, mas não havia ninguém por perto... Mesmo assim a voz ainda soava em seus ouvidos.

– Quem ousa entrar aqui? – a voz rugia.

Pedro olhou de modo frenético para Júlia, que veio para a frente e colocou a mão tranquilizadora em seu braço.

– Somos Júlia e Pedro, Os Escolhidos – ela disse. – Buscamos o tesouro que você guarda para restaurar esta terra para o Senhor dos Exércitos.

Uma pausa e então...

– Entrem – disse a voz, e depois ficou em silêncio.

Eles entraram na caverna. Estava escura, mas isso era de se esperar, e saturada com um cheiro de terra – o tipo de cheiro que se sente num quarto que é aberto sem ter sido arejado por um bom tempo. Depois de poucos passos, Pedro começou a



tropeçar em caixas de madeira. Elas eram pesadas demais para que as levantasse, mas com uma alavanca conseguiu abrir o *container* que estava em cima de todas. Ele, cuidadosamente, colocou a mão dentro, desejando que não houvesse nenhuma aranha. Logo foi recompensado quando tocou numa caixa de couro. Seu coração batia forte. Mesmo no escuro, ele podia ver que a caixa tinha uma forma distinta – a forma de um arco. E lá havia aljavas e flechas também, cuidadosamente escondidas embaixo de uma camada protetora de pano. Ele encontrara o esconderijo das armas.

Júlia, que fazia a mesma coisa do lado oposto da caverna, deu um pequeno grito de alegria com sua descoberta. Só restou uma dúvida – será que as armas funcionariam? Ou será que teriam se tornado inúteis depois de tanto tempo sem uso? Só havia uma maneira de descobrir. Pedro tirou um arco da caixa, notando com aprovação, que as cordas tinham sido removidas dos arcos antes de serem escondidas. Ele cuidadosamente colocou a corda num dos arcos e ajustou o encaixe da flecha à corda do arco, certificando-se que a corda estivesse alinhada adequadamente com as penas perto da base da flecha. Ele se colocou na postura que seu professor de arco e flecha dissera que era a melhor, distribuindo igualmente o peso do corpo.

Segurou o arco em sua mão esquerda, puxando a corda para trás com três dedos da mão direita, dois abaixo da flecha e um acima, até que sua mão tocou seu queixo. Ele levantou a arma e mirou na árvore à frente. Um instante mais tarde, ele soltou a flecha e sentiu o arco retroceder em suas mãos.

A flecha errou, por pouco, o alvo. Pedro abriu um sorriso. O arco era muito mais forte do que o que ele usara quando era escoteiro! Ele pegou uma segunda flecha, ajustando a mira para compensar a força inesperada do arco. Esta acertou diretamente o centro da árvore com uma pancada satisfatória. Júlia aplaudiu.

– Maravilhoso, Pedro, maravilhoso! Venha, nós precisamos chamar Lucas e os homens para nos ajudarem a carregá-las de volta ao acampamento! – Ela agarrou a mão dele e o arrastou de volta para o caminho.

Finalmente, finalmente! Eles, agora, estavam chegando a algum lugar.



Enquanto o sol se punha no oeste, o bando de foras-da-lei de Lucas retornou ao acampamento da floresta levando doze cavalos muito carregados com as armas. Pedro supervisionou a colocação das cordas nos arcos e a montagem dos conjuntos de arcos, aljavas, e flechas, maravilhando-se de novo com sua condição original. “Mais um pouco da magia deste lugar”, ele pensou.

Júlia observou por alguns instantes aprovando, satisfeita que o talento de seu irmão tivesse sendo finalmente bem utilizado. Ela estava confiante que eles iriam derrotar o exército de Aedyn e dominar o castelo. “Se isso fosse ao menos o fim

desta questão...” Mas ela sabia que não era.

Gaius a procurou nessa noite enquanto o pequeno grupo de *foras-da-lei* estava se aprontando para dormir, exaustos e carentes de descanso. As crianças estavam aconchegadas, e Helena lhes contava histórias, as mais novas, ansiosas pelo dia, que estava próximo, quando estariam mais uma vez com seus pais. Enquanto as fogueiras diminuía, Gaius gesticulou para Júlia e ela se juntou a ele, sentada numa tora ao lado de uma das fogueiras. Juntos, eles observavam as brasas brilharem e estalarem com o calor.

Júlia pegou do chão algumas folhas caídas e as enrolou em suas mãos. Elas eram muito perfumadas, com toques de limão e canela. Ela sorriu. Por que os perfumes maravilhosos eram tão cicatrizantes? Eles pareciam aliviar seu humor e aumentar sua consciência do esplendor natural da floresta ao seu redor. Por que, ela imaginou, tanta perversidade existia em meio a tanta beleza? O que dera errado? Era o lugar mais lindo que ela já vira, mas tinha se tornado a base da violência e da traição. Será que era porque as pessoas eram fracas e tolas, e falharam em reconhecer o mal quando ele surgiu? Ou era completa rebelião contra as leis da natureza, as estruturas mais profundas do mundo?

– Você se lembra da pergunta que lhe fiz – disse Gaius suavemente. Júlia acenou com a cabeça, suas mãos ainda viravam as folhas. O monge parecia ler seus pensamentos.

– Como o mal podia acontecer aqui – ela murmurou. Gaius acenou com a cabeça, seu olhar se fixara nas brasas que se apagavam.

– Quero que você se lembre disso nos próximos dias – ele disse. – Enquanto lutamos para restaurar esta terra, tenha em mente no que ela pode se tornar.

Júlia acenou com a cabeça, sem ter certeza do que dizer. Ela observaria e se lembraria. Mas por que esta pergunta? E por que ela?

CAPÍTULO

18

Amanheceu tão lindo quanto o dia anterior. O sol nascente banhava o castelo com suave e cálida luz. Um vento brando balançava a bandeira dos lordes de Aedyn no alto das muralhas da fortaleza. E ao longe, esse mesmo sol, filtrado pelas folhas da grande floresta de Aedyn, acordava aqueles que fariam de tudo para rasgar aquela bandeira e substituí-la pelo emblema do Senhor dos Exércitos.

Pedro acordou cedo de um sono sem sonhos. Ele deu uma pancada numa aranha que tinha passado a noite, como visita não convidada, dentro de seu cobertor e sentou-se para esticar os braços. Hoje, ele treinaria as tropas para a batalha!

Pedro jogou a coberta para o lado e foi até uma lagoa próxima lavar o rosto. Depois, sentou-se numa extremidade da clareira por alguns instantes. Ali o treinamento aconteceria. Era o lugar ideal. Os arqueiros ficariam em pé na extremidade norte e atirariam em direção ao sul. Ele ficou parado por alguns instantes, o sol da manhã reluzia em seu cabelo dourado enquanto o ar fresco e suave o despenteava. Decidiu, então, que precisava se arrumar antes do treinamento. Afinal de contas, ele queria comandar o respeito de suas tropas – da mesma maneira que seu pai, nunca aparecia diante de seus homens sem estar arrumado.

E comandá-los foi o que ele fez. Horas de suor e trabalho duro o esperavam no fim do dia, na extremidade da clareira da floresta. Cinquenta novatos praticavam ali arco e flecha. Fora um dia difícil, mas Pedro sabia que seus arqueiros tinham se tornado tão experientes quanto ele poderia esperar. Haveria uma última saraivada antes de pararem para o jantar.

– Desembainhar! Apontar! Soltar!

O ar se encheu de barulho enquanto as flechas se apressavam em seu caminho, batendo no chão na extremidade da clareira. Eles não estavam atirando com perfeição, mas serviria. Cortariam em pedaços as tropas inimigas e destruiriam seu ânimo. Especialmente se eles estivessem esperando lutar com escravos armados só com punhos e bastões de madeira.

– Parem! Recolham suas flechas!

Os arqueiros andaram até a extremidade da clareira para recuperar as flechas, e colocá-las de volta em suas aljavas. Eles ficaram, nesse tempo, contando histórias de como tinham ido para a floresta aguardando a batalha que aconteceria no dia

seguinte. Alguns bebiam da lagoa de água azul límpida, na extremidade norte da clareira. Fora um dia longo e quente.

Dois vultos brilhantes, mesmo usando suas vestimentas sombrias, emergiram da floresta. A conversa parou quando Júlia e Gaius entraram na clareira. Eles tinham assistido a saraivada final.

Gaius levantou as mãos.

– Meus amigos, a mim foi confiada a história de nosso povo. Já lhes contei sobre o passado. Como o Senhor dos Exércitos nos tirou de Khemia para este paraíso; como este paraíso se perdeu. E logo poderei contar a história do paraíso recuperado, porque amanhã também faremos história! Devemos marchar até a fortaleza e derrotar os lordes que escravizaram a todos nós durante estes séculos. Seus filhos contarão essa narrativa para seus netos, que por sua vez contarão aos seus, e assim por diante.

Ele sorriu enquanto os gritos de aprovação ressoavam por toda a clareira. – E agora – ele abriu um brilhante sorriso e disse —, vocês precisam comer! Pão e fruta estão à disposição. E depois devem descansar, porque ao amanhecer lutaremos!

Ele mal acabara de falar quando o aroma de pão fresco começou a se espalhar pela clareira. Pedro degustava uma fruta rara, suculenta e particularmente refrescante quando notou Júlia vindo em sua direção. Ele deu lugar a ela na tora para que sentasse ao seu lado. “Ela está com uma aparência serena aqui”, pensou, “mais em paz consigo mesma do que jamais aparentou lá na Inglaterra”. Foi então que percebeu nunca ter realmente prestado muita atenção nela na Inglaterra.

Eles ficaram em silêncio por um longo momento enquanto estavam sentados juntos, desfrutando do ar fresco da noite e dos sons animados dos escravos libertados, por toda a volta. E, então, Júlia perguntou algo que Pedro nunca teria esperado:

– O que acontece se morrermos aqui?

Ele olhou para ela, assustado.

– Não vamos morrer aqui.

– Como você sabe? Nós vamos para a batalha amanhã. E nós dois sabemos do que aqueles lordes são capazes.

– Sim... – Pedro acenou com a cabeça, e fez aquela cara de irmão mais velho corajoso. – Eu espero que fiquemos bem, Júlia. Muito bem. E quando a batalha terminar, nós encontraremos o caminho de volta para casa.

– Como?

– Eu não sei.

E houve silêncio novamente. Júlia deitou a cabeça no ombro de Pedro e suspirou expressivamente.

– Às vezes, sinto falta de casa – ela disse.

Pedro acenou com a cabeça sem falar nada.

– Sinto saudades da vovó e do vovô. Sinto falta do Scamp e sinto falta dos lençóis limpos e dos cobertores quentinhos. E tenho saudades da mamãe.

– Eu também – disse Pedro.

Eles passaram mais um momento dessa maneira, sentados juntos observando o fogo queimando, e então Júlia levantou a cabeça e sorriu para Pedro. Não era fácil ser herói, eles concordaram em silêncio, mas tinha chegado a hora de crescer.

CAPÍTULO

19

O sol que batia em Aedyn já estava alto no céu. Os lordes estavam reunidos no Grande Salão, que tinha uma vista da aproximação da fortaleza para quem vinha da floresta. Esse era o campo em que os lordes de Aedyn esperavam que acontecesse a batalha. Eles tinham planejado sua estratégia meticulosamente, mas o triunfo máximo dependia dos escravos rebeldes cometerem algum erro.

Se os escravos se aproximassem pelo oeste, eles andariam direto para dentro da emboscada. Eles poderiam ser facilmente cercados e pegos um por um. Seria um massacre. Se eles viessem do norte, entretanto, estariam numa posição muito mais forte. Porém, mesmo assim os guardas seriam capazes de derrotar os escravos rebeldes. Afinal de contas, eles não tinham armas. E a maioria dos escravos ainda estava presa no castelo e não tinha como participar da batalha.

Solon se apressou para o Grande Salão, sem fazer pausa nem mesmo para bater à porta. “

– Estão vindo! – ele gritou. – Eles foram vistos deixando a floresta. Estou mobilizando as tropas, e lorde Chamberlain trancou os escravos nos alojamentos. Eles não causarão nenhum problema dentro da fortaleza.

O Lobo olhou pela janela, tentando seguir o que estava acontecendo à sua frente. Mas os escravos estavam longe demais para serem vistos adequadamente.

– De que direção se aproximam? – ele perguntou.

– É um pouco cedo para dizer, meu lorde, mas parece que planejam atacar pelo oeste.

O Lobo sorriu embaixo da máscara.

– Ah! – murmurou. – Então morrerão.

Solon curvou a cabeça.

– Sim, meu lorde.

O Lobo saiu da janela, sua máscara de alguma maneira estava mais medonha do que Solon já a tinha visto.

– Eu não quero nenhum prisioneiro a não ser os traidores de cabelos claros. Acho que... – ele olhou para o Chacal e para o Leopardo – Teremos mais prazer em enforcá-los no final do dia.

Solon curvou-se e foi dar as ordens.



Pedro observava os grupos de escravos rebeldes marchando em direção ao castelo, confuso pela estratégia de Gaius. Eles se aproximariam do castelo pelo oeste. De onde estava podia ver as defesas do castelo, os guardas estavam no lugar exatamente onde deveriam estar. Certamente, Gaius devia saber que estavam marchando para uma emboscada. Mas seus protestos haviam sido ignorados, e Gaius simplesmente olhou para ele com seu jeito entretido e de quem sabe tudo. Pedro acompanhou com um sentimento crescente de morte: os guardas os atacariam de emboscada de dois lados, fechando qualquer via de escape.

Mas ele tinha suas instruções. Ele deveria marchar com seus arqueiros para o norte, ficando o máximo de tempo dentro da floresta. E deveriam se aproximar do castelo pelo norte, e esperar pelo sinal de Júlia antes de atirarem. Ele continuou marchando, chateado, mas com determinação.



Outro guarda entrou no Grande Salão e consultou os lordes apressadamente.

– Solon me enviou com notícias – ele disse ofegante. – Uma segunda coluna se aproxima pelo norte. A coluna principal ainda vem em direção a nós pelo oeste. O que querem que façamos?

Ele esperou enquanto o Lobo virou-se de sua posição à janela.

– Coloque a guarda reserva no lado sul da fortaleza. Eles podem bloquear o avanço do segundo grupo. Uma vez que eliminarmos a coluna principal, poderemos dar atenção a eles.

O guarda hesitou, sem ter certeza do procedimento. Quem poderia questionar um lorde de Aedyn? Mas aquela manobra era muito arriscada.

– Meu lorde, isso quer dizer que todas as nossas unidades militares estarão posicionadas fora do castelo. Teremos só um punhado de guardas do lado de dentro.

– Não estamos esperando um ataque que venha de dentro, estamos? Precisamos de nossas tropas do lado de fora para termos certeza que nenhum desses foras-da-lei, escape com vida. O guarda acenou com a cabeça.

– Claro, meu lorde.



Os dois grupos de escravos rebeldes estavam se aproximando da fortaleza. Os guardas observavam inquietos com as espadas prontas. Certamente, não havia nada a temer desses escravos fugitivos. Eles só tinham algumas espadas roubadas. A morte deles seria rápida.



Pedro levou seus homens adiante, avaliando a distância. Os guardas estavam em postura defensiva, esperando que eles atacassem para que pudessem feri-los com suas espadas até a morte. Ele fez uma pausa. Eles estavam ao alcance, mas seria melhor ter certeza. Marcharam mais alguns metros. Eles podiam ver os guardas à frente, suas espadas querendo ação. Ele levantou a mão para que os homens parassem, esperando o sinal de Júlia.

E então, do oeste, ele ouviu um grito – não tão alto como poderia ser se ele estivesse mais perto, mas servia. Ele virou em direção aos homens e gritou com toda força:

– Desembainhar! Apontar! Atacar!

O ar ficou denso com as flechas que caíam sem misericórdia nos guardas. Vários caíram mortos; outros olharam à volta, tentando desesperadamente entender o que estava acontecendo.

– Desembainhar! Apontar! Atacar!

Mais uma saraivada de flechas sibilou pelo ar antes de cair procurando seus alvos. Os guardas olharam à volta apavorados. Ficaram fora de forma, retirando-se apressadamente e em desordem em direção ao castelo. Ao fazerem isso, várias explosões foram ouvidas no lado leste do castelo. Massas fumaça picante cobriram a área.

O Chacal, olhando para baixo, para a cena, lá da fortaleza, virou-se para os outros, com uma expressão de total deleite embaixo de sua máscara.

– Os canhões funcionaram! – ele gritou. – Até o barulho que fazem será suficiente para aterrorizar aqueles tolos lá embaixo! E esperem até que as balas de canhão os corte ao meio.

O Lobo se juntou a ele na janela, e quando a fumaça se foi, a cena lá embaixo mostrava uma história diferente.

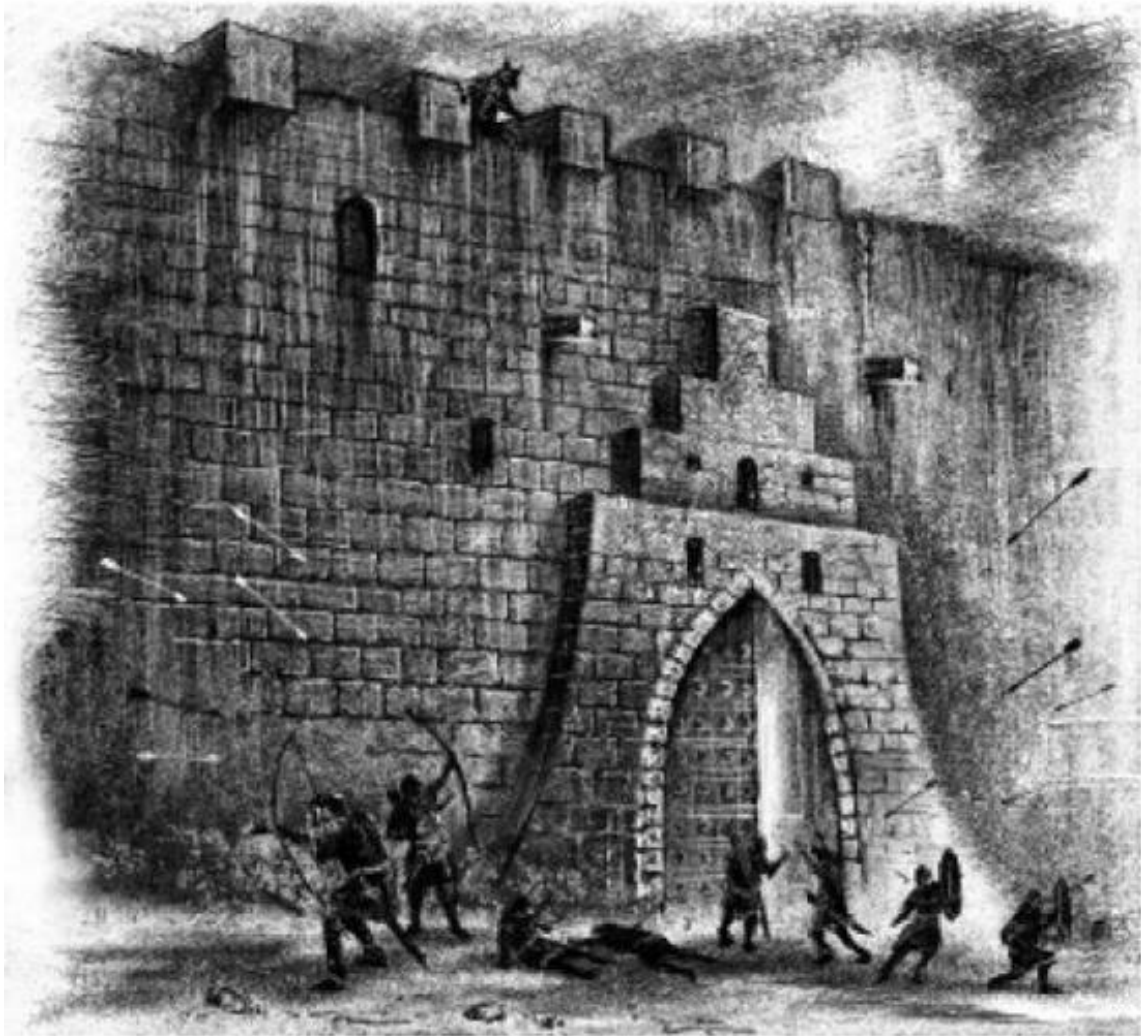
Os canhões não haviam matado incontáveis rebeldes, mas explodiram, matando os grupos de guardas que os operavam. Uma tropa de cavaleiros parecia vir de lugar nenhum, armados com espadas para terminar com os guardas que restavam. Escravos recém-fugidos do castelo estavam se movendo em grande quantidade por todo lado, pegando as espadas das mãos dos guardas feridos ou mortos e usando-as para lutar ao lado de seus irmãos. A emboscada dos lordes falhara miseravelmente.

E o que era aquilo? Os guardas mandados ao sul para iniciar o ataque na segunda coluna estavam em total confusão. Alguns estavam mortos no chão e outros em total retirada, em direção à segurança dos portões do castelo.

O Lobo inclinou-se para a frente, sem conseguir acreditar no que via. Escravos invadiam o castelo, fechando os portões e impedindo que os guardas voltassem para o lugar seguro. Os guardas em retirada ficaram encurralados entre os muros do castelo e os rebeldes que avançavam. Ele assistiu horrorizado quando uma saraivada

de flechas lançadas para cima desceu nos desafortunados guardas, que não tinham para onde correr para se abrigar. Onde tinham conseguido aquelas armas?

De repente, houve um barulho do lado de fora das portas do salão. Os três lordes se viraram justamente quando a



porta se abriu com batidas ocas, revelando corpos de guardas mortos do lado de fora. Os rebeldes que os mataram tinham as piores opiniões possíveis sobre os homens dentro da sala.

Quem sabe não foi aquela a primeira vez que o Lobo se assustou durante os cinco longos séculos. Ele ficou ofegante quando os escravos armados com espadas se aproximaram deles e os conduziram a um canto. Eles estavam encurralados. Estavam condenados.

Os rebeldes se retiraram quando uma jovem mulher de cabelos claros entrou no salão. Ela quase não se assemelhava à emissária de Albion, pois tinha uma nova aparência – uma aparência de quem sabia o que significava ser escolhida. E foi nessa aparência que os lordes encontraram o medo.

Mas o Lobo não era covarde, nem tolo, e só um tolo entraria numa batalha sem armas. Ele encostou seus longos dedos numa adaga escondida em suas vestes.

– Então, menininha, você veio dominar o mundo!

Júlia sacudiu a cabeça.

– Não. Só devolvê-lo para aqueles que ousarão melhor.

Um dos rebeldes se aproximou dele, suas articulações brancas estavam em volta do cabo da sua espada. Mas Júlia tocou o braço dele com a mão.

– Não Lucas – ela disse. – Nós mostraremos misericórdia.

Nessa hora o Lobo atacou. Ninguém viu a adaga voar de sua mão até que já era tarde demais.

Júlia deu um grito quando a adaga bateu em sua face. Uma cortina de sangue desceu sobre seu rosto e ela caiu ao chão.

Lucas a socorreu imediatamente. O ferimento não era profundo – até onde podia ver – apesar de que deixaria uma grande



cicatriz. Júlia piscou para ele. Ela estava ferida, mas consciente. Lucas se levantou, encarou o Lobo e, estendendo o braço segurou sua máscara, arrancando-a. O rosto ali exposto não era mais humano. A boca e o nariz tinham crescido para fora formando um focinho e os lábios se enrolavam num emaranhado, revelando os grandes dentes. Os olhos resplandeciam luminosos, amarelos e irados.

Lucas virou-se, então, para o Leopardo.

– Vocês se entregam?

– Eu acho que sim – ele gaguejou.



Pedro ainda estava do lado de fora do castelo, organizando seus homens e lidando com os milhares de detalhes que surgem depois de uma batalha, quando viu Helena e Alice saindo da floresta. Elas estavam rodeadas por um grupo de crianças que seguravam suas mãos. Pedro sorriu e acenou com a cabeça cumprimentando-as ao se aproximarem das grandes portas da fortaleza, por onde corriam os escravos libertados.

Talvez você consiga imaginar a alegria que sentiram ao se encontrarem – as lágrimas, os gritos, os longos abraços. Talvez você consiga imaginar o júbilo de uma criança que estava muito tempo sem os pais. Era uma cena que faria as estrelas dançarem no céu.

E Pedro, que de repente sentiu tanta saudade de sua mãe que mal pôde respirar, sentiu as lágrimas nos cantos dos olhos e se virou.



Uma hora mais tarde, Júlia, com o rosto pálido e enfaixado, e Pedro, entraram no Grande Salão de Aedyn, com aclamação e aplausos dos fiéis. Depois de tantos séculos, já não esperavam que este dia chegasse. A velha ordem morria e a nova começava. Pedro levantou as mãos pedindo silêncio e esperou sua irmã falar.

– Fomos chamados aqui pelo Senhor dos Exércitos para levá-los das trevas para a luz – ela disse. – As coisas antigas passaram. Os lordes de Aedyn foram derrotados. Seu poder sobre vocês foi quebrado. Tragam as máscaras!

Aqueles que estavam reunidos ficaram em pé, na ponta dos pés, tentando ver o que ocorria enquanto as três máscaras grotescas eram trazidas por três portadores. Cada uma das máscaras dos lordes odiados foi colocada numa mesa de madeira diante do trono. A multidão observava sem respirar enquanto Júlia segurava uma máscara de cada vez.

– Estas máscaras foram usadas por homens, fracos e perversos. Eles queriam que vocês os temessem e respeitassem. E vocês fizeram papel de tolos por esse rude engano. Vocês nunca mais serão enganados. Observem!

As máscaras foram colocadas na mesa. Lucas marchou até a mesa com a espada na mão. Com três golpes pesados ele destruiu cada uma das máscaras.

– E agora...

O Chacal, o Leopardo, e o Lobo, em seu estado natural, entraram no Salão na ponta das espadas. Eles olharam fixamente para a frente, ignorando os suspiros devido aos seus rostos deformados. Pedro foi até eles e tirou o amuleto de ébano de seus pescoços.

– Seus anos estão chegando ao fim – ele disse baixinho, tão baixinho que só eles puderam ouvir. – Vocês vão morrer sozinhos, e em breve. Seu poder foi quebrado.

Ele levou os amuletos para Lucas, que, com um aceno de cabeça de Gaius, forçou a ponta de sua espada em cada um dos amuletos.

Quando o último amuleto foi quebrado sob a espada, Gaius falou aos lordes:

– Vocês vão conhecer a dor aguda da morte. Mas não no momento, porque a misericórdia ainda é mais forte. Não vamos enviá-los para a morte, e sim para o exílio. Vocês vão voltar para Khemia, a terra que vocês deixaram tantos anos atrás, e passar o restante de seus dias ali.

Os lordes foram escoltados (nenhum deles de maneira muito gentil) para fora do salão. Pedro e Júlia foram levados para os velhos tronos e, se alguém ouvisse a aclamação, teria pensado que eram anjos cantando.

CAPÍTULO

20

O sol da tarde brilhava em Aedyn. O vento roçou a bandeira que voava na grande fortaleza da ilha, ostentando o emblema do Senhor dos Exércitos. Multidões andavam de lá para cá em volta do castelo, limpando os escombros da batalha e exultando pela nova liberdade. Lucas havia assumido o comando, pronto para assegurar um caminho sem obstáculos da opressão para a paz.

Pedro e Júlia andavam com o povo, parando para apertar as mãos e trocar histórias com aqueles que estavam reunidos. E então Gaius os encontrou e os levou embora.

– Venham – ele disse. – Temos pouco tempo.

Enquanto ele falava, os muros da fortaleza se desfizeram, e mais uma vez eles estavam no jardim. O brilho prateado era mais forte que nunca.

Júlia olhou a sua volta com total espanto. Os muros em ruínas, os caminhos cobertos de vegetação, e a fonte entupida desapareceram. Os muros de pedras estavam cobertos de rosas e plantas em flor, cujos aromas intensos perfumavam o ar do fim de tarde. A fonte borbulhava, enviando correntes de água pura e límpida para o ar e cascadeando na lagoa. O jardim estava sereno, um oásis de frescor em meio ao calor do dia. Parecia que um exército de jardineiros tinha trabalhado durante semanas para restaurá-lo à sua beleza original.

Júlia perambulava em volta do jardim murado, admirando as flores e suas agradáveis fragrâncias. Em outra parte do jardim, encontrou algumas árvores, cujas folhas largas e verdes pareciam emitir óleos de aroma doce que pairavam no ar. Uma árvore estava separada das outras, elevada e cercada por um muro baixo de pedras. Seus galhos vinham até embaixo, carregados de frutos maduros e exóticos. Ela retornou ao centro do jardim e ao grande trono onde Pedro e Gaius esperavam.

– E então, formosa? – perguntou o monge. – Você decifrou nossa grande pergunta?

– Eu acho que sim – ela murmurou. – Tem tudo a ver com poder, não tem? Amar mais o poder que as pessoas.

– Nada é tão simples assim – zombou Pedro, mas Gaius levantou a mão para silenciá-lo.

– A verdade é mais frequentemente encontrada na simplicidade – ele disse. –

Vocês agiram bem, minhas crianças. Vocês libertaram esta terra de seus opressores, e assim permanecerá por muitos anos.

– Não para sempre? – perguntou Júlia.

– Não. Não enquanto existir o poder tenebroso que criou aqueles amuletos.

Gaius sacudiu a cabeça, e depois olhou para cima, além das crianças e do jardim – até da própria Aedyn.

– Mas um dia, um Redentor virá. Ele será da casa de Marcus, mas, maior ainda. Ele derrotará as forças tenebrosas do mal e da morte. Nós só podemos resisti-las, mas ele pode quebrar a origem do poder delas e expulsar a sua presença. O Ungido virá. Nós somos os precursores, e preparamos o caminho. Sua hora ainda não chegou.

Enquanto ele falava, o sol começou a se pôr, e uma brisa fria soprou por todo o jardim.



– Está na hora – disse Gaius. – Não contem a ninguém sobre o que vocês viram aqui, mas lembrem-se... Lembrem-se sempre.

Sua voz desapareceu, e o jardim parecia brilhar ainda mais até que o prateado dominou completamente. E quando a luz desapareceu, Pedro e Júlia não estavam mais em Aedyn.

– Misericórdia! – era a avó deles, vindo procurá-los no jardim. – Ambos acordados depois da meia-noite! Depois da meia-noite! Vocês vão pegar um resfriado! Entrem já! Vamos aquecê-los e colocá-los na cama em segurança! Seu pai chega amanhã com algo de especial para lhes contar e eu não quero que ele os encontre ainda dormindo!

Pedro e Júlia trocaram olhares e, então, silenciosamente concordaram que seria melhor não dizer muita coisa, e aninhados nos braços da avó, entraram em casa.

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)